

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

ANTONIO PRADO	O “stock” bovino e a exportação de carne	361
CARLOS DE CARVALHO	Operações de cambio	367
HELIO LOBO <small>do Instituto Hist. e Geographico Brasileiro</small>	Sós na America.	379
JACOMINO DEFINE	Lendas e mythos	386
MEDEIROS E ALBUQUERQUE . . <small>da Academia Brasileira</small>	O meu amigo D. Juan	393
JULIO CESAR DA SILVA	Poesias	407
A. CARNEIRO LEÃO	Litterature brésilienne.	412
VICTOR DA SILVA FREIRE . . .	Factos e idéas	422
COLLABORADORES.	Resenha do mez. <small>(Continúa na pagina seguinte)</small>	442

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 4 - ANNO I

VOL. I

ABRIL, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 62
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — As promessas do escotismo, *R. M.* — Arthur Orlando — Padre Julio Maria — Francisco Glycerio — Caricatura e pintura, *N.* — Musica, *F.* — Varnhagen e a sua obra — Brasil Historico — Credito agricola — Transformações do captiverio — O «tumulo da natureza» — O fim do mundo — Os microbios e a temperatura — Como se tem julgado a dança. — **As caricaturas do mez** (quatro caricaturas reproduzidas). — **Retratos:** Voltolino, Arthur Orlando, padre Julio Maria e Francisco Glycerio, por *Wasth Rodrigues*.

A “REVISTA DO BRASIL” só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETROS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS:

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

S. PAULO

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

LAMPADAS

1/2 WATT

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcçao de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

GRANDE HOTEL DA PAZ

Estabelecimento de primeira ordem. Ponto Central com oito linhas de bondes á porta, visinho ao Theatro Municipal e á cidade. O hotel é dirigido pelo proprio proprietario e sua senhora, que residem no estabelecimento. Predio novo e confortavel, um dos mais bellos edificios da cidade, com elevador, estando mobiliado com muito gosto e luxo. Diarias em excellentes quartos lindamente mobiliados: **28000 réis.** A's familias, fazem-se grandes abatimentos.

A cosinha é dirigida por um reputado profissional

PROPRIETARIO:

F. KOSUTA

Rua Barão de Itapetininga N. 60

Telephone N. 177 - SAO PAULO

Endereço Telegraphico: (HOTELPAZ)

oooooooooooooooooooo

Fabrica de Moveis
Especiaes de - - -

João M. Llaverias

◆ ◆ ◆

SÃO PAULO

Telephone N. 16-23

Rua Barão de

Itapetininga N. 58

oooooooooooooooooooo

Casa fundada em 1895

PRAZO DEZ MEZES
JUROS MODICOS



Emilio Israel & C.

Casa de Emprestimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8

Telephone N. 1195

End. Telegr.: EMISEL

SÃO PAULO

TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

ATELIER PHOTOGRAPHICO
DE

Valerio Vieira

RUA 15 DE NOVEMBRO, 43 :: SÃO PAULO

Premiado nas exposições, concurso photographico do Rio, 1900, Medalha de Ouro, Turim, 1911, Grande Premio, Rio, 1908, Grande Premio S. Luiz, 1904, Medalha de Ouro.

TELEPHONE, 2141

SERRARIA FORSTER

José H. Forster

Depósito de Madeiras Estrangeiras e Nacionais
Desdobram-se Toros

Aproimptam-se quadesquer encomendas com urgencia

Alameda dos Andradas, 30 :: SÃO PAULO

CASA SANTOS

DEPOSITO DE VIDROS PARA VIDRAÇAS E CLARABOIAS como Vidros de côres, Espelhos, Molduras, Papeis pintados, Oleographias, etc.

Encarrega-se da collocação de vidros tanto na Capital como no interior do Estado

Antonio dos Santos & Comp.

TELEPHONE 2548

RUA LIBERO BADARÓ, 68 - S. PAULO

Para a Lavoura

Temos sempre em deposito **Machinas e Accessorios para a Lavoura.**

Fabricamos: Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de igualavel valor para o aperfeiçoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.
Importamos: Machinas agricolas em geral, arados, corréas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo emfim que é necessario numa fazenda bem mountada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Oficinas:

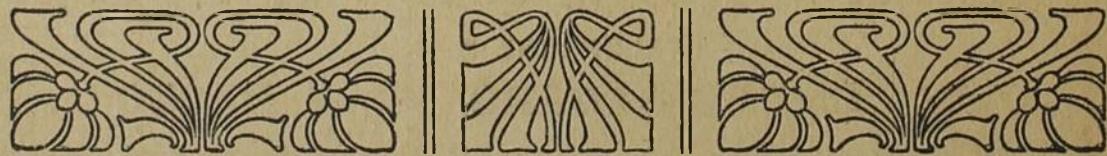
Rua Lopes de Oliveira, 2
CAIXA N. 6

Endereço Telegraphico:

"PROGREDIOR"
SÃO PAULO

Escriptorio:

Rua da Boa Vista, 46
TELEPHONE N. 1180



GRANDE MARMORARIA DE Serafino Francesconi

IMPORTAÇÃO DIRECTA de Marmores, Estatuas, Vasos, Cruzes, etc.

Aproxima-se com brevidade quaisquer trabalhos como sejam

Monumentos para Cemitérios, Altares, Escadas e qualquer outro serviço concernente a este ramo de negócio

Preços rasoaveis

Rua Aurora N. 59 : **SÃO PAULO**

CASA RAMOS Especialidade em Casemiras Inglezas e Francezas

Especialidade em Casemiras Inglezas e Francezas

GRANDE ALFAIATARIA

S. RAMOS & COMP.

Confecção a capricho e pelos ultimos figurinos

Telephone, 2165 ————— **Caixa, 171**

RUA DO THESOURO, 7 **SÃO PAULO**

Digitized by srujanika@gmail.com

FÁBRICA A VAPOR DE MOVEIS

CASA VERMELHA DE

Isaac Tabacow & C.

Vendas em prestações semanais ou à vista de Móveis, Colchões, Colchas, Quadros, Relógios, Espelhos, etc. — Capas de lã para senhoras, Capas de borracha para homem, Sobre-tudos de casemira para homem e Roupas brancas. — FÁBRICA DE CAPAS DE BORRACHA

Rua dos Imigrantes, 45 - Telephone, 33 (Bom Retiro) SÃO PAULO

(ESQUINA RIBEIRO DE LIMA)

Grande Atelier Photographic

Premiado nas Exposições de: S. Luiz 1904, Milão
1906, S. Paulo 1906, Rio de Janeiro 1908 —

G. SERRACINO

S. PAULO - Rua 15 de Novembro, 50-B - Teleph., 625

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorizados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os Juizes, promotores e delegados de polícia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentais

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro Alto das Perdizes em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside à rua Dr. Homem de Mello, proximo à casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560



CASA EDITORA ITALIANA

Dr. Francisco Vallardi

MILANO

Filial de S. PAULO — Rua José Bonifacio, 34

Caixa, 582 — Telephone, 3679

OBRAS DE MEDICINA — DIREITO — VETERINARIA — ENGENHARIA
LITERATURA, ETC.

REVISTAS DE DIREITO — MEDICINA — LITERATURA

PREPARATORIOS

CORPO DOCENTE:

Professor LUIZ BASILE

Professor A. FERREIRA DAS NEVES

Professor J. CURCIO PALMIERI

Dr. J. C. FAIRBANKS, Engenheiro Civil

RUA DO SEMINARIO, 13

Para admissão á Faculdade de Medicina, á Academia de Direito, á Escola Polytechnica, de Pharmacia, de Odontologia, de Obstetricia, de Commercio, á Escola Normal Primaria e Secundaria.

SÃO PAULO

Sportsman Salão de Engraxates e Tabacaria

TRAVESSA DO COMMERCO. 12

Presentemente é o melhor Salão de engraxates que existe em S. Paulo

Casa de primeira ordem onde os dignissimos freguezes encontram: ordem, limpeza, hygiene e conforto e está em condições de servir bem o freguez por mais exigente que seja e para isto tem pessoal competente na arte, e emprega material de primeira ordem no serviço.

O mesmo salão tem Tabacaria onde se encontra uma exposição permanente de CHARUTOS e CIGARROS das melhores marcas. — O proprietario toma a liberdade de convidar-vos para uma visita ao mesmo para verificarem a verdade.

Desde já muito agradece.

ALVARO F. BURGOS

ALFAIATARIA

CASA ESPECIAL EM ROUPAS SOB MEDIDA
IMPORTAÇÃO DIRECTA de Fazendas Estrangeiras

Salvador Magliano

RUA BOA VISTA N. 24 - Sobr.
(Em frente ao HOTEL BELLA VISTA)

SÃO PAULO



Tinoco Machado & C.

Unicos vendedores, neste Es-
tado, das superiores velas:

Brasileira,

Ypiranga,

Paulista,

Colombo,

Bicho, Pequenas

e demais productos da

“Companhia Luz

Stearica”

DO RIO DE JANEIRO

■ ■
■

R. Libero Badaró

N. 52

(1.o Andar)

■ ■
■

TELEPHONE

N. 3558

■ ■
■

São Paulo

**Pereira,
Estefno & C.**

Praça Antonio Prado
N. 8
SOBRADO

SÃO PAULO

FIAÇÃO de ALGODÃO da SAUDE

Fabrico especial de
fios de numeros 2 a

70, crús, tintos (de
qualquer côr), torci-
dos ou mercerisados
para malharia, ordu-
me e mais
applicações
industriaes.

Joaillerie ♦ Horlogerie ♦ Bijouterie
MAISON D'IMPORTATION
Bento Loeb
RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)
Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes et Mar-
bres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable
Maison à PARIS — 30, RUE DROUOT, 30

CASA CONHECIDA
— DE —
Ramiro Tabacow & Cia.

Vendem-se em prestações: MOVEIS e FAZENDAS, TAPEÇARIA,
 ROUPAS FEITAS e ROUPAS BRANCAS
Teleph., 65 - RUA IMMIGRANTES, 39 - S. PAULO
 Secção: BOM RETIRO — Filial em TAUBATÉ

ALFAIATARIA SÁ PEREIRA
— de —

A. R. Bastos
 MODAS E CONFECÇÕES PARA HOMENS
 Telephone, 4295
RUA DE S. BENTO, 12-B (sobrado) - SÃO PAULO
 (Proximo aos Quatro Cantos)

Agencia
 de Bilhetes
 de Loteria
 TELEPHONE N. 4590

A PREFERIDA
 Lopes & Fernandes

"BILHETES PELO CUSTO REAL"

Rua 15 de Novembro N. 50 ■ ■ SÃO PAULO

WILSON, SONS & CO. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Telegr.: "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANIZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; OLEO DE LINHAÇA E TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS; BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, ETC.

AGENTES

da Cia. **DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIANCE"** de LONDRES (Alliance Assurance Co. Ltd.)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

CIMENTO - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B. White & Bros. - Londres.

CREOLINA E PACOLOL - de WM. PEARSON Ltd. de Londres e Hull.

WHISKEY - "LIQUEUR" de Andrew Uhher & Co., de Edimburgo - Escossia.

TINTA PREPARADA - "LAGOLINE" e outras marcas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

CERVEJA "GUINNESS" - marca "CABEÇA DE CACHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

ASPHALTO - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val de Travers - Suissa.

MATA-BORRÃO "FORD" - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

"BRICKTOR" e MALHAS para CIMENTO ARMADO de Johnson Clapham & Morris - Manchester.



O sabonete AMYRIS acha-se á venda em todas
as boas casas e nos depositarios :

CASA LEBRE

BANQUE FRANÇAISE POUR LE BRÉSIL

SUCCURSAL DE SÃO PAULO, 34-A, RUA DE SÃO BENTO

O Banco acceita depositos em conta corrente a taxas vantajosas; emite cheques ou saques sobre as principaes cidades do mundo e cartas de credito para viajantes, pagaveis no mundo inteiro.

Compra e vende notas de banco e moedas estrangeiras.

Encarrega-se da compra e venda de acções e obrigações e recebe em custodia titulos de toda a natureza.

Faz descontos e cobranças de titulos, cheques, facturas, recibos, mandatos e demais operações bancarias a condições vantajosas.

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES CIDADES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO – AGENTES DO BANCO DE ROMA – VALES POSTAES SOBRE ITALIA

Emittem-se vales postaes sobre todas as localidades da Italia.

CONTAS CORRENTES LIMITADAS

O Banco recebe depositos em Conta Corrente Limitada com a primeira entrada a partir de Rs. 50\$000 e o limite maximo de Rs. 10:000\$000, abonando juros de 4% ao anno capitalizados semestralmente, em 30 de Junho e 31 de Dezembro de cada anno.

As entradas subsequentes e as retiradas não poderão ser inferiores a Rs. 20\$000 excepto para liquidação da conta.

Esta Secção acha-se á disposição do publico todos os dias uteis, das 9 ás 17 horas exceptuando-se os Sabbados em que o Banco se fecha ás 13 horas.

Este horario facilita assim grandemente ás pessoas que não puderem ocupar-se destas transacções durante a hora official da abertura e fechamento dos Bancos.

O “STOCK” BOVINO E A EXPORTAÇÃO DE CARNE

E' questão de toda actualidade verificar se o *stock* bovino existente no paiz pôde fornecer carne para exportação, na medida da procura do genero, sem prejuízo do desenvolvimento da pecuaria.

A exportação está sendo feita sómente pelos portos do Rio de Janeiro e de Santos e a carne provém de gado procedente dos campos de Matto Grosso, Goyaz e Paraná e das invernadas de Minas Geraes e de S. Paulo.

A quanto pôde elevar-se a matança de bois dessa procedencia, feita pelos matadouros frigorificos e empresas que exploraram a exportação do *stock* existente nestes Estados?

Para responder satisfatoriamente a esta interrogação seria preciso saber de quantas cabeças se compõe esse *stock* e qual é o consumo da carne.

Acceita-se, geralmente, como certo, que o rebanho bovino do Brasil conta mais de 30 milhões de cabeças, numero este que se diz resultar de uma estatística mandada fazer pelo Ministerio da Agricultura. Consultando, porém, o relatorio dessa repartição, de 1913, ahí encontra-se apenas, a respeito, um quadro estatístico, publicado pelo Instituto Internacional de Roma, no qual o Brasil figura como possuidor de um *stock* bovino de 25 milhões de cabeças, com esta annotação:

“Na interessante monographia *Industria Pastoril* que o sr. Henrique Silva publicou em 1903, *O Brasil, suas riquezas naturaes, suas industrias*, o autor avalia a população bovina do nosso paiz, no minimo, em cerca de 30 milhões de cabeças, não sendo, deste modo, exagerada a estimativa do Instituto de Roma.”

Esta estimativa está hoje elevada, em documentos officiaes, a 30.750.000 cabeças.

O sr. Henrique Silva, no seu trabalho, avaliou o *stock*, em falta de dados estatisticos, pelo consumo geral da carne; tomando para base do seu calculo o consumo da cidade do Rio de Janeiro, por habitante e por anno, computou em 200 kilos o peso medio do gado existente, e, calculando que o consumo representa 20 % da criação, concluiu que o *stock* era de 17.500.000 cabeças, o qual podia ser elevado a mais de 30 milhões incluindo-se no seu calculo o aumento deduzido do consumo do xarque e de outros preparados da carne.

Este calculo, no qual se baseia a avaliação oficial do Ministerio da Agricultura, não é aceitável, por varias razões: o consumo geral da carne, por habitante e por anno não pode ser igualado ao consumo da cidade do Rio de Janeiro; o mesmo se dá com relação ao peso medio do animal, o qual, no Matadouro de Santa Cruz, que abastece a cidade do Rio de Janeiro, é de 230 kilos; em S. Paulo, é de 210 kilos, e não deve exceder de 150 kilos para todo o rebanho, inclusive vaccas e animaes de menos de dois annos de edade; a porcentagem de 20 % da criação para representar o consumo é arbitaria, não resulta de nenhum dado relativo ao consumo da carne no Brasil; finalmente do consumo do xarque e dos outros preparados de carne, não se pode absolutamente deduzir a elevação do *stock*, de 17.500.000 cabeças a mais de 30 milhões, porque grande parte desse consumo é de genero importado.

No Matadouro de Santa Cruz são abatidos annualmente cerca de 200.000 bois, com o peso medio de 230 kilos. O consumo de carne, portanto, é de 46 kilos, por habitante e por anno, computada a população em 1 milhão de habitantes. Assim, adoptando-se o processo de avaliação do sr. Henrique Silva, isto é, igualando ao consumo da capital o consumo geral da carne e aceitando como certo que o consumo representa 20 % da criação existente, obtém-se para o *stock* o numero de 22 milhões de cabeças, em vez de 17.500.000, numero esse que se elevaria a 34.500.000 cabeças, incluindo-se no calculo o consumo do xarque e dos outros preparados de carne, na mesma proporção com que esse elemento foi contemplado na avaliação do sr. Silva.

O *stock* elevar-se-ia ainda a 46.230.000 cabeças dando-se ao rebanho o peso medio de 150 kilos por animal.

E' claro, portanto, que a avaliação do nosso *stock* bovino em 30.750.000 cabeças, resulta de um processo muito pouco aceitável para deduzir-se da sua conclusão a nossa capacidade exportadora de carne, sem prejuízo do desenvolvimento da pecuaria.

Para a investigação que fazemos, porém, o que interessa é verificar se a exportação que se está fazendo e pretende-se fazer pelos portos do Rio de Janeiro e de Santos desfalca ou não o *stock* bovino existente nos cinco Estados, a que nos temos referido, únicos fornecedores de gado para a actual exportação de carne.

* * *

Em falta de dados estatísticos, é preciso recorrer a processos de avaliação.

Segundo o processo adoptado pelo sr. Silva, e é o geralmente seguido, deve servir de base para o calculo a fazer, o consumo da carne, por habitante e por anno. Este consumo, na cidade de S. Paulo, cuja população é computada em 480.000 almas, é de 37 kilos. Dado o mesmo consumo para a população dos cinco Estados, 8 milhões de habitantes; considerando que este consumo deve corresponder a 20 % da criação existente e dando ao gado o peso medio de 210 kilos, que é o verificado no gado abatido na cidade de S. Paulo, acha-se para o consumo geral dos cinco Estados o numero de 1.480.000 cabeças e para o *stock* o de 7.500.000.

Ora, sabe-se que o numero de vacas nos rebanhos é de cerca de metade, ou, para o nosso caso, de 3.700.000, das quais sómente metade é de reproductoras, e, sendo a produção destas, segundo lei zootechnica, 60 % do seu numero, ou 1.080.000, segue-se, que, segundo o processo de avaliação do sr. Henrique Silva, sómente pela acção do consumo, o *stock* bovino nos cinco Estados soffre um desfalque de 400.000 cabeças por anno.

Calculando o consumo geral em 20 kilos, por habitante e por anno, e dando-se ao rebanho o peso medio de 150 kilos, o desfalque seria de 265.000 cabeças.

O consumo geral de 20 kilos, por habitante e por anno, não é exagerado, attendendo-se a que nelle entra o consumo da cidade de S. Paulo, que é de 37 kilos, o da cidade de Santos, approximadamente o mesmo, e o das cidades paulistas e mineiras. Não é igualmente inaceitável a porcentagem de 20 °^o da criação para o consumo, porque mais de 300.000 cabeças do stock existente em Matto Grosso são abatidas para consumo da cidade do Rio de Janeiro e nas xarqueadas daquelle Estado, situadas á margem do rio Paraguay preparadoras desse producto para exportação.

Se todos estes calculos para avaliação do nosso *stock* bovino não são aceitaveis, elles servem todavia para mostrar quanto é vaga a opinião que geralmente se faz a respeito da nossa capacidade exportadora de carne, tomando-se para base dessa opinião a avaliação de 30.750.000 cabeças.

Disto não se deve concluir que faltará gado aos Matadouros Frigorificos e empresas que exploram esse commercio.

Emquanto o preço do boi não tiver subido proporcionalmente ao crescimento do desfalque do *stock* e ao despovoamento dos campos de criação e das invernadas, as boiadas affluirão a esses estabelecimentos, porque os criadores e invernistas, de ordinario, se deixam influenciar mais pelos lucros de occasião do que pelas preocupações do futuro.

O que é certo, porém, é que a exportação de carne está exigindo uma nova orientação da parte dos poderes publicos com o fim de acautelar o futuro da nossa criação bovina, animando e protegendo a iniciativa particular dos criadores.

Infelizmente tudo quanto se tem feito a esse respeito, e é bem pouca coisa, sómente mesquinhos resultados tem produzido. Postos zootechnicos, estações de monta, polícia sanitaria, são medidas complementares de um vasto plano de organisação de serviço que precisa ser executado, custe o que custar.

A maior necessidade a attender actualmente é o aumento do *stock*, ameaçado de desfalque pelo crescimento do consumo interno, em desproporção com o aumento da produção e pelo desenvolvimento da exportação da carne.

Seria erro imperdoavel pensar na applicação de medidas restrictivas dessa exportação.

Qualquer providencia nesse sentido serviria sómente para atestar a nossa incapacidade para o aproveitamento das excepcionaes condições do nosso clima e da fertilidade das nossas terras para o desenvolvimento de uma industria que está prosperando em outros paizes menos favorecidos pela natureza.

Para animar o desenvolvimento da criação e evitar o perigo da diminuição do nosso rebanho, aggravado pela exportação da carne, a medida mais aconselhada é a importação de reproductores.

Mas, para que essa medida seja proveitosa é preciso executá-la com animo resoluto, sem a preocupação de garantir o emprego do dinheiro.

O illustre secretario da Agricultura de S. Paulo abriu uma concorrencia entre particulares para pedidos de importação de reproductores por intermedio do governo, mediante previo deposito no Thesouro do valor arbitrado para os reproductores, e de outras exigencias burocraticas. O illustre secretario, pondo em practica a medida nessas condições, parece ter-se preocupado mais com a garantia do erario do que com o risco do mallogro da sua medida.

Se a centesima parte do colossal *deficit* orçamentario do Estado tivesse sido dispendida com a importação de reproductores, o grave problema do melhoramento e desenvolvimento da pecuaria paulista estaria resolvido ainda quando 50 °^o desses reproductores tivessem sido sacrificados pela tristeza.

Ha falta absoluta de reproductores creoulos e os que existem são, em geral, impropios para o fim a que se destinam.

Não quero renovar discussões passadas a respeito da preferencia que se deve dar ao processo do cruzamento sobre o da selecção para o melhoramento da nossa pecuaria bovina.

O momento não é de discutir, mas de agir. Se o governo julga conveniente empregar a selecção para obter esse melhoramento, procede muito bem; mas, se a sua acção limitar-se a isso, age desacertadamente, porque os resultados da selecção são lentos e de difficult obtención.

Porque não seguir o exemplo de todos os paizes que têm procurado melhorar os seus rebanhos e que hoje ocupam os primeiros lugares no quadro dos paizes fornecedores de carne ao consumo europeu?

Oxalá possa a dissonancia deste nosso grito de alarma chamar a attenção dos dirigentes da adinistração publica e dos criadores e invernistas para os perigos que o desenvolvimento da exportação de carne póde trazer para o futuro da nossa pecuaria bovina, se serias medidas não forem postas em pratica, com urgencia, para impedir o desfalque do nosso rebanho.

S. Paulo, 16 de Abril de 1916.

ANTONIO PRADO.

OPERAÇÕES DE CAMBIO

As pessoas que realizam compras ou vendas no exterior, ou ahí collocam fundos, pôdem, num dado momento, ser devedoras ou credoras de uma certa somma de moeda estrangeira. Para pagar o que devem ou receber o que lhes é devido têm essas pessoas de converter moeda do seu paiz em moeda de outro paiz ou moeda de outro paiz em moeda do seu. Tal é o objecto do cambio.

De um modo geral pôde-se dizer que a materia do cambio é o commercio dos effeitos estrangeiros, isto é, a compra e venda de titulos pagaveis em praças do exterior. HARTLEY nos dá a seguinte definição:

— Cambio quer dizer a compra e venda do dinheiro de outros paizes — operação que se realiza do mesmo modo que a compra e venda da maior parte das outras cousas.

Na technica bancaria e commercial tambem se designa pelo vocabulo cambio a taxa ou preço estabelecido para a compra e venda do dinheiro de outros paizes. Dahi as expressões: “o cambio subiu”, “o cambio desceu”, “o cambio está ao par”.

Vejamos como se fazem as operações de cambio.

I

CERTO E INCERTO

Todas as praças commerciaes affixam diariamente os preços dos effeitos pagaveis no estrangeiro, isto é, o preço ou taxa de conversão do dinheiro do paiz em moeda estrangeira e vice-versa. Diz-se que uma praça dá o “certo” quando a taxa de conversão é expressa em moeda de outro paiz. O que varia,

neste caso, é a quantidade de moeda estrangeira que se dá ou se recebe. As praças do Brasil, por exemplo, dão o certo, em suas operações de cambio sobre a Inglaterra, e recebem o incerto. Dão sempre, invariavelmente, 1\$000 por mais ou menos pence. Todas elas affixam, portanto, em moeda ingleza a taxa de conversão. Quando as taxas de conversão são expressas em moeda estrangeira elas são tanto mais favoraveis ao paiz quanto mais altas estejam — porque, dando o paiz uma quantidade certa do seu dinheiro, é claro que tem vantagem em receber a maior somma possivel de moedas de outro paiz. O cambio sobre a Inglaterra é, pois, tanto mais favoravel ao Brasil quanto mais alta esteja a taxa de conversão. Quando uma praça affixa o preço ou taxa de conversão em sua moeda, então se diz que ella dá o "incerto". O que varia, neste caso, é a quantidade de moeda nacional que se dá ou se recebe. A quantidade de moeda estrangeira é sempre a mesma. As praças do Brasil dão o incerto á França, por exemplo. Dão mais ou menos réis por um franco. Para as praças que dão o incerto o cambio lhes é tanto mais favoravel quanto mais baixo estiver elle — porque, recebendo sempre uma quantidade fixa de moeda estrangeira, a operação lhes é tanto mais vantajosa quanto menos dinheiro seu fôr dado por ella. Daqui os seguintes principios:

Para o comprador de effeitos estrangeiros, nas praças que dão o certo, convém cambio alto. Para o vendedor convém cambio baixo.

Nas praças que dão o incerto, ao contrario, convém cambio baixo ao comprador e cambio alto ao vendedor.

II

VALOR AO PAR

O valor ao par de uma dada moeda é o seu valor expresso em moeda de um outro paiz — tendo-se em vista a quantidade de metal puro ou fino que cada uma delas contém legalmente.

O valor ao par vem a ser, portanto, uma relação de peso, — e, pois, só ha paridade entre moedas feitas do mesmo metal. Para se determinar o valor ao par das moedas é preciso que nos lembremos sempre deste facto: só podemos comparar entre

si moedas de ouro, ou moedas de prata. Só ha relação entre pesos do ouro ou só entre pesos de prata — por exemplo. Não se pôde estabelecer relação de peso entre o ouro, de um lado, e a prata de outro. O mundo commercial tem adoptado, nas suas transacções, o ouro por padrão monetario.

Para acharmos o valor ao par das moedas de ouro de que se serve o mundo commercial precisamos conhecer a quantidade de ouro fino ou puro contido em cada moeda ou numa certa quantidade de moedas.

Vejamos, pois, a quantidade de moedas cunhadas em cada um dos paizes abaixo mencionados com um kilogrammo de ouro puro:

Inglaterra	=	136,5675 £ est.
França	=	3.444,444 francos
Hollanda	=	1.653,44 florins
Allemania	=	2.790,00 marcos
Austria-Hungria	=	3.280,00 corôas
Suecia, Noruega e Dinamarca	=	2.480,00 corôas
Russia	=	1.291,60 rublos
Estados Unidos	=	664,6144 dollars

Todas estas quantidades são eguaes entre si, pois que todas ellas são equivalentes a um kilogrammo de ouro puro. Si quizermos, portanto, achar o valor ao par de uma libra esterlina expresso em francos, devemos estabelecer as seguintes igualdades:

$$\begin{aligned} 136,5675 \text{ £ est.} & \dots = 3.444,444 \text{ francos} \\ 1 \text{ £ est.} & \dots = \frac{3.444,444}{136,5675} = 25,221 \end{aligned}$$

Uma libra esterlina é, pois, exactamente igual a francos 25,221.

O quociente encontrado é o valor ao par do soberano ou libra esterlina em francos, tendo-se em vista a quantidade de ouro fino que contém legalmente o franco e a libra esterlina.

Podemos, agora, — comprehendido este ponto, — adduzir as principaes paridades monetarias:

I — INGLATERRA

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 136,5675 libras esterlinas.

1 £ est. =	4,8666 dollars
" " =	20,43 marcos
" " =	25,22 francos
" " =	12,107 florins
" " =	9,4575 rublos
" " =	24,02 corôas austriacas
" " =	18,16 corôas escandinavas
" " =	15,00 rupias
" " =	9,765 yens

II — ESTADOS UNIDOS

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 664,6144 dollars.

1 dollar =	49,316 pence
" =	4,1979 marcos
" =	5,1826 francos
" =	2,4878 florins
" =	1,9434 rublo
" =	4,9351 corôas austriacas
" =	3,7314 corôas escandinavas
" =	3,0822 rupias
" =	2,006 yens

III — ALLEMANHA

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 2.790 marcos.

1 marco =	11,75 pence
" =	0,2382 dollar
" =	1,2345 franco
" =	0,5926 florim
" =	0,463 rublo
" =	1,1756 corôa austriaca
" =	0,888 corôa escandinava
" =	0,7342 rupia
" =	0,4778 yen

IV — FRANÇA

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 3.444,444 francos.

1 franco =	9,516 pence
" =	0,19295 dollar
" =	0,81 marco
" =	0,48 florim
" =	0,3749 rublo
" =	0,9522 corôa austriaca
" =	0,72 corôa escandinava
" =	0,5947 rupia
" =	0,38706 yen

Como é sabido, a França, a Suissa, a Italia, a Belgica e a Grecia formam a união latina — e, pois, têm os seus systemas monetarios identicos. Applicam-se, portanto, tambem aos ultimos quatro paizes os algarismos que acabam de ser mencionados.

V — HOLLANDA

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 1.653,44 florins.

1 florin =	19,82 pence
" =	0,40195 dollar
" =	1,6874 marco
" =	2,0831 francos
" =	0,7811 rublo
" =	1,9837 corôa austriaca
" =	1,499 corôa escandinava
" =	1,2387 rupia
" =	0,80639 yen

VI — RUSSIA

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 1.291,6 rublos.

1 rublo	=	25,37 pence
"	=	0,5145 dollar
"	=	2,1598 marcos
"	=	2,666 francos
"	=	1,28 florim
"	=	2,5391 corôas austriacas
"	=	1,9199 corôa escandinava
"	=	1,5856 rupia
"	=	1,032177 yen

VII — AUSTRIA-HUNGRIA

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 3.280 corôas

1 corôa	=	10 pence
"	=	0,2026 dollar
"	=	0,8506 marco
"	=	1,05 franco
"	=	0,5041 florim
"	=	0,3938 rublo
"	=	0,75609 corôa escandinava
"	=	0,622 rupia
"	=	0,4065 yen

VIII — UNIÃO ESCANDINAVA

Formada pela Suecia, Noruega e Dinamarca. Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 2.480 corôas.

1 corôa	=	13,212 pence
"	=	0,2680 dollar
"	=	1,125 marco
"	=	1,388 franco
"	=	0,666 florim
"	=	0,5208 rublo
"	=	1,3225 corôa austriaca
"	=	0,8257 rupia
"	=	0,5376 yen

IX — INDIA INGLEZA

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 2.048,512 rupias.

1 rupia =	16 pence
" =	0,32443 dollar
" =	1,362 marco
" =	1,6813 franco
" =	0,8071 florim
" =	0,6305 rublo
" =	1,6013 corôa austriaca
" =	1,211 corôa escandinava
" =	0,651 yen

X — JAPÃO

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 1.333,333 yens.

1 yen =	24,576 pence
" =	0,4985 dollar
" =	2,0925 marcos
" =	2,5833 francos
" =	1,23959 florim
" =	0,9687 rublo
" =	2,46 corôas austriacas
" =	1,86 corôa escandinava
" =	1,536 rupia

III

GOLD-POINTS

Entre dois paizes de circulação normal as fluctuações do cambio têm um limite certo. A taxa de conversão nunca está ao par — mas afasta-se delle de modo insignificante. Quer dizer — os effeitos de commercio são negociados do seguinte modo:

Os bancos servem de intermediarios entre os que offerecem e os que procuram effeitos de commercio ou saques em moeda estrangeira.

Os vendedores de effeitos recebem pelos seus titulos o seu valor ao par menos as despezas de importação do ouro, — ao passo que os compradores pagam pelos effeitos de que necessitam o mesmo valor ao par mais as despezas da exportação do ouro. Os extremos a que pode descer ou subir o preço da moeda estrangeira são marcados pelas despezas da importação ou da exportação do ouro e chamam-se *gold-points*. Si a especulação tenta fazer sahir desses extremos o preço da moeda estrangeira, — nas operações entre dois paizes de circulação normal, efectivamente representada pelo ouro, — os effeitos deixam de ser negociados, substituindo-se as negociações pela importação ou pela exportação do ouro. Alguns exemplos farão compreender melhor este ponto, aliás desconhecido de rarissimo leitor desta Revista.

Um negociante de Paris deve em Londres uma certa quantidade de libras esterlinas.

Ora, a libra esterlina, ao par, vale.....	25,221 fr.
As despezas de exportação de Paris para	
Londres são representadas por 1 1/2	
por mil, ou sejam, em cada 25,221 fr.	0,037
	<hr/>
	25,258

Quando o cambio estiver, pois, acima de 25,258 francos por £ esterlina, o negociante tem o recurso de remetter libras esterlinas. Dá-se, então, a effectiva remessa de numerario. Póde, porém, acontecer que o negociante não encontre libras esterlinas para remetter, — e, sim, ouro em barra.

O ouro em barra é comprado pelo Banco de Inglaterra á razão de 136,3485 libras esterlinas por 1 kilogrammo de metal puro ou fino, ao passo que em Paris é elle vendido, ordinariamente, pelo preço de 3.444,44 francos por kilogrammo de metal puro, o que dá a seguinte egualdade:

$$1 \text{ £ est.} \dots = \frac{3.444,44}{136,3485} = 25,262 \text{ fr.}$$

Mais as despezas da exportação do ouro á razão de 1 1 2 por mil	0,038
1 £ est.	= 25,30

Si o cambio subir além de 25,30 fr. por £ est. o negociante exportará para Londres ouro em barra, — mas, si não encontrar ouro em barra, — e desde que a França tenha a sua circulação normal, — ha ainda o recurso da remessa effectiva de moeda franceza.

O Banco de Inglaterra compra moedas de 20 francos á razão de 122,7755 libras esterlinas por kilogrammo de moedas. Para fazer um kilogrammo são necessarias 155 moedas ou sejam $155 \times 20 = 2.100$ francos, — o que dá as seguintes equaldades:

$$122,7755 \text{ £ est.} = 3.100 \text{ francos}$$

$$1 \text{ £ est.} = \frac{3.100}{122,7755} = 25,249 \text{ francos}$$

Mais as despezas de exportação

$$\begin{array}{l} \text{a } 1\frac{1}{2} \text{ por mil} \\ 1 \text{ £ est.} \end{array} = \frac{0,038}{25,287} \text{ francos}$$

Si o cambio subir além de 25,287 fr. por £ est. o negociante fará remessa de moedas francezas de 20 francos e deixará de comprar ao banqueiro o effeito sobre Londres.

Estes exemplos, apresentados e discutidos por ARNAUNE', tornam perfeitamente comprehensivel o enunciado:

O cambio varia dentro de um determinado limite, — muito insignificante, — entre dois paizes de circulação normal — isto é, entre dois paizes em que o ouro circula effectivamente.

Podemos discutir o caso contrario, isto é, o caso do negociante de Paris ser credor de Londres — caso em que terá elle de vender saques sobre aquella praça. Si o cambio de Paris sobre Londres descer abaixo de um certo ponto, deixará o negociante francez de vender o seu credito e dará ordem a Londres que lhe remetta libras esterlinas ou ouro em barra — o qual será immediatamente comprado pelo Banco de França ou pela Casa da Moeda — em condições taes que o valor entre

a libra esterlina e o franco será o valor ao par menos as despesas da importação do ouro.

Entre paizes que não têm circulação normal, ou entre um paiz de circulação normal e outro sem essa circulação — não ha *gold-points*. O cambio torna-se erratico. As suas altas e as suas baixas não têm limite e são imprevistas. O ouro, nos paizes em que circula papel-moeda, o qual não pôde ser imediatamente e indiscutivelmente convertido naquelle metal, fica sujeito ás leis da offerta e da procura. O seu valor, expresso em papel, varia constantemente, sem nenhum limite, ora subindo, ora descendo, tornando impossível, por este modo, o conhecimento exacto de uma taxa certa de liquidação futura. O commercio é dominado pela incerteza.

Quando ha muita procura de ouro, o preço dos effeitos pagaveis no estrangeiro sobe, — e quando ha muita offerta — esse preço desce. A procura e a offerta de ouro são, de ordinario, motivadas por transacções legítimas, — mas tambem a especulação dá origem, muitas vezes, a uma grande offerta ou uma grande procura. E então a baixa e a alta do cambio se subordinam ao jogo, á especulação.

Quando o preço dos effeitos estrangeiros, num dado paiz, sae fóra dos *gold-points*, pôde-se afirmar, imediatamente, que deixou de ser normal a circulação desse paiz. O papel, que n'elle circula, não pôde ser imediatamente e indiscutivelmente convertido em ouro — e, por isso, os compradores e vendedores de effeitos são obrigados a receber ou pagar em papel o preço que os banqueiros quizerem estabelecer.

IV

AGIO DO OURO - DEPRECIAÇÃO DO PAPEL

A Inglaterra, com o seu admiravel sistema bancario, é o unico paiz do mundo onde o portador de uma nota pôde convertel-a imediatamente, indiscutivelmente, em ouro. O papel francez, por exemplo, emitido pelo Banco de França, pôde ser convertido em ouro ou em prata, á opção do banco, — e, sempre que é preciso, o grande estabelecimento se utilisa desta faculdade resgatando a sua emissão por meio de moedas de prata de cinco francos — cuja cunhagem está suspen-

sa ha muito, é verdade, mas cujo poder liberatorio, segundo a lei monetaria franceza, é illimitado para as que se acham em circulação. A França é um paiz bimetallista. A Allemanha, theoricamente, tem uma excellente circulação. As cedulas ou notas do Reichsbank devem ser pagas em ouro. A verdade, porém, é que na pratica a conversão não se faz com facilidade — immediatamente e indiscutivelmente. O Reichsbank sabe defender o metal precioso — e a prova disto é que a taxa do cambio sobe ás vezes em Berlim acima do extremo marcado pela despeza da exportação do ouro. O mesmo se dá em quasi todos os demais paizes europeus. Nos Estados Unidos ha muito dinheiro conversivel — mas nem todo o papel que alli circula pôde ser immediatamente e indiscutivelmente convertido em ouro. Ha tambem muito papel inconversivel e, além disso, o dollar de prata, como a moeda de cinco francos na França, tem poder liberatorio illimitado. Nos Estados Unidos circulam certificados de ouro — mas estes certificados, como se comprehende, são cuidadosamente guardados pelos banqueiros. De modo que o dinheiro americano pôde-se dizer que é conversivel á vontade dos banqueiros — os quaes, quando julgam necessário, defendem o ouro, impedindo-lhe a sahida. Ha outros paizes que têm o systema monometallico ouro só no papel em que a lei foi impressa... O Brasil está nesta categoria.

A praça de Londres, — porque alli o papel e a prata podem ser immediatamente e indiscutivelmente convertidos em ouro, á vontade do portador, — é o grande mercado monetario regulador do preço do ouro. Quando se quer comparar o valor do dinheiro de uma nação qualquer é necessário estudar a sua taxa de cambio sobre Londres. E' por meio deste estudo que se chega a saber si o papel de um paiz está ou não desvalorizado.

No Brasil o peso de metal puro de 10\$000 em ouro são 8,2177917 gr. A libra esterlina tem de ouro fino ou puro 7,3223828 gr. Estes algarismos fazem com que:

$$1\$000 \text{ ouro} = 26,935 \text{ pence}$$

Na pratica esta egualdade foi modificada para:

$$1\$000 \text{ ouro} = 27 \text{ pence}$$

O cambio ao par, entre o Brasil e a Inglaterra, é marcado, portanto, pela taxa de 27 pence.

Como o ouro só existe no papel em que a lei monetaria foi impressa — a taxa cambial aqui salta continuamente de um ponto a outro — para cima ou para baixo. Deste modo — o papel ora vale mais, ora vale menos, comparado com o padrão ouro — cujo valor, em relação á libra esterlina, é sempre o mesmo: 1\$000 = 27 pence.

Quando o cambio está a 16, por exemplo — quer dizer que o nosso 1\$000 papel vale 16 pence. Em cada 27, que devia receber, o Brasil perde, portanto, 11 pence. A desvalorização do papel é encontrada, neste caso, por meio do seguinte problema:

— Si em cada 27 se perdem 11, quantos por cento se perdem?

$$\text{Desvalorização} = \frac{11 \times 100}{27} = 40,70 \text{ \%}$$

Ao cambio de 16, cada 100\$000 em papel valem apenas 59\$300 do padrão ouro. O valor destes 59\$300, em ouro, será sempre o mesmo relativamente á libra esterlina. Cada 1\$000 ouro dará invariavelmente 27 pence. O que variou foi o valor do papel — que ficou reduzido de 40,70 %.

O ouro está valendo mais do que o papel. Está com agio. O agio se encontra por meio do seguinte problema:

— Si em cada 16 ha o agio de 11, de quanto por cento é o agio do ouro?

$$\text{Agio} = \frac{11 \times 100}{16} = 68,75 \text{ \%}$$

Quer dizer: cada 100\$000 ouro valem 168\$750 em papel.

Veremos no proximo numero como se acha o agio do ouro e a desvalorização do papel dos outros paizes.

CARLOS DE CARVALHO.

SÓS NA AMERICA

(EXCERPTO)

Tudo concorria, naquelle anno de 1864, para deixar o Imperio do Brasil só na America.

A desconfiança vinha de longe, quando portuguezes e heshanhões, prolongando as rivalidades da peninsula, aqui testilhavam de suas posses territoriaes.

Relembrai-o seria escrever a historia mesma da colonia. E' uma perpetua defensiva a de nossa vida, seja contra o avanço do lindeiro cobiçoso, seja para aparar a surpresa do oceano.

Se no Pacifico ella se resumiu, feita nossa independencia, em continuada desconfiança, para os lados do sul tornou-se disputa permanente.

Varias causas concorriam para isso.

“Por sua organisação monarchica unica no continente, escreveu-se, pela ligação da familia real á casa d'Austria (inspiradora com Metternich da Santa Alliança), sobretudo pelas rivalidades de raça que isolaram no novo mundo a “variante portugueza”, ainda mais suspeita se fazia a politica brasileira em meio de uma dezena de republicas inexperientes, vencidas de dissensões, em lucta permanente com o caudilhismo e as pretensões territoriaes dos vizinhos.” (1).

A abstenção brasileira no movimento pan-americano constituiu uma das primeiras razões do libello.

E' sabido como, atropeladas pelo receio da reconquista, ideiaram as jovens republicas da America o laço commun que

(1) Vêr Helio Lobo, “De Monroe a Rio Branco”, Rio de Janeiro, 1912, pag. 148.

as poria a salvo de qualquer aggressão externa. Panamá, Mexico, Lima, são tentativas que falham, deixando evidente má vontade contra a abstenção imperial.

Esta, entretanto, se justificava da melhor maneira. "Tanto quanto visaram o estabelecimento de ligas e confederações, já foi dito, conservou-se retrahido o Brasil; e apenas inauguraram uma phase de aproveitamento continental prestou seu concurso efficaz."

A historia de taes congressos o prova hoje de modo inequivoco. Dos planos de Simão Bolívar, que tencionava trazer ao coração do Brasil suas hostes victoriosas para delle extirpar a "planta exotica", aos impulsos do Pacifico culminando no protesto solenne que nos mandou em favor do Paraguay, ha uma longa successão de factos, que não fôra de relembrar. (2)

Na lucta de interesses em que se debatiam os novos paizes cumpria ter cautela para achar rota segura. Ao conceito exclusivamente americano devia oppor-se outro, para o qual não podia constituir objecto de desprezo, senão de sympathia, a ajuda européa. Della é que nos advinha tudo. Preciso era combinar os elementos, o novo, representado no desenvolvimento das colônias emancipadas, e o velho trazido para nós dos portos de além mar. .

Se, mesmo, entre nós, constituiu o retrahimento brasileiro motivo de censura, que se diria da palavra conterranea, sempre disposta a achar razões de queixa?

"O grande erro de nosso Governo em relação á politica externa, dirá na Camara, a 16 de Agosto de 1867, o deputado Macedo, tem sido até hoje o sacrificio da America á Europa... E' só na America que podemos e devemos ter politica externa propriamente dita." A palavra de Felicio dos Santos vai tocar o mesmo assumpto (25 de Junho de 1868) : "Todo nosso sistema de politica internacional consiste em afastamento obstinado da America e imitação servil da Europa."

A *imitação servil* é que, entretanto, nos daria, sem contestação, uma linha segura de procedimento internacional. Longos annos vão proval-o. A's palavras do ministro Aureliano Couti-

(2) Consultar para pormenores Helio Lobo, "Brasil, Terra Chara...", Rio de Janeiro, 1913, pag. 7.

nho, em 5 de Outubro de 1840, oppondo-se ao systema de "vedar commercio ás nações européas fortes" não podia caber melhor commentario que esta profissão de fé panamericana, depurada de exageros que sobrelevou afinal nesta parte do mundo. "A politica internacional, escreveu com admiravel concisão o Presidente Saenz Peña, a 12 de Outubro de 1910, assumindo o poder em seu paiz, vós a conheceis... Será de amizade para a Europa e de fraternidade para a America. Participo do conceito panamericano enquanto elle significar o respeito inatacavel das soberanias, a concordia e amizade entre todos os Estados do continente, sem excluir os reciprocos concursos que consultem nosso desenvolvimento economico."

De outro lado, não supportava este continente de democracias a existencia de uma cabeça real em seu seio.

Podia a pratica provar que na nossa eram maiores as franquias da liberdade que nas terras vizinhas. Democracia coroada vai ser seu nome. Mas isso é nada em relação á força do preconceito, que nos isolava. Preciso era conter os vôos da aguia imperial, segundo a linguagem official do tempo. "Todas as grandes autoridades do dogma americano, — Bolivar, Sucre, Rivadavia, Alvear, — escreveu-se, viram a mais completa incompatibilidade entre os destinos republicanos e democraticos da revolução americana, e a presença de um throno no Brasil..." (3) "Tema o Brasil, imperio circumdado de repúblicas com as quaes vive em pleito por causa de limites, (disse *A Republica* num periodo agudo de nossa politica no Sul), que as questões platinas não se convertam em questões americanas, e que um movimento geral nesta parte do continente realize a feição delineada por Bolivar e cale no coração do Imperio para proclamar os direitos da Republica, repellindo para o outro lado do Atlantico a corôa dos Braganças e proscrevendo, para todo o sempre, do solo da America livre a realeza que alli se levanta qual atalaia da vetusta Europa e que se extende aos nossos dominios á semelhança do braço comminante da con-

(3) Oneto y Viana, "La diplomacia del Brasil en el Rio de la Plata", Montevidéo, 1913, pag. 271.

quista estrangeira.” (4) “Nação americana que tão essencialmente differe em suas formas politicas das demais nações deste continente (escreveu do Imperio a Confederação Argentina, ao tempo da missão Pedro Ferreira no Paraguay), circunstancia que, unida a outras muitas, sublevam temores e inquietações na opinião, que nenhum governo sério e representativo deve desattender...” (5)

Formou o terceiro motivo de queixa a navegação fluvial, que o Brasil, como ribeirinho, fez sempre depender de annuenciação sua.

Se a questão, sobretudo com respeito ao Amazonas, chegou até nossos dias, que seria áquellas épocas recuadas, em que por todos os meios se buscava romper a tradição imperial? A voz accusadora entrava mesmo pelas nossas raias a dentro, insistindo por medidas que felizmente jámais se executaram.

(4) Vêr Helio Lobo, “Antes da Guerra” (A missão Saraiva ou os preliminares do conflicto com o Paraguay), Rio de Janeiro, 1914, pag. 20.

(5) Pereira Pinto, “Collecção completa de tratados”, Rio de Janeiro, 1866, III, pag. 447, Nota. — Em 23 de Julho de 1870 dirá no Senado o Barão de Cotegipe, ministro dos negócios estrangeiros: “O Senado não ignora que, em consequencia das constantes guerras, do antagonismo secular da nação hespanhola com a nação portuguesa, suas colônias, o Brasil e a America Hespanhola, participaram sempre na America, assim como as questões da America repercutiam na Europa, de sorte que as guerras se reproduziam, quer oriundas da America, quer oriundas da Europa. Por mais de dois séculos as colônias portuguezas e as colônias hespanholas viveram em continua lucta. Quando a lucta não era patente e formal, era a lucta dos exploradores por esses sertões do Amazonas, do Madeira, e de outras fronteiras. Era a lucta do paulista que se ia encontrar com o boliviano. Era a lucta do que subia o Amazonas que se ia encontrar com o peruano... E' pois esse o motivo essencial da antipathia que não podia desaparecer de momento. Este motivo tem actuado mais nas repúblicas vizinhas do que sobre nós porque, seja dito em abono da verdade, no Brasil não ha semelhante antipathia contra a raça hespanhola, hoje dominante na America. Mas, ao inverso, em algumas dessas repúblicas, ou por menos civilisadas, ou mesmo por causa de suas instituições republicanas, é um meio de ganhar popularidade mostrar-se receioso do Imperio e ameaçar-nos sempre com a propaganda republicana.”

“O direito de navegar por transito como ribeirinho, orava na Camara o Deputado Tavares Bastos (17 de Maio de 1862), é anterior a qualquer tractado, é pleno e direito”. A escola conservadora pôz, no rebater a these perigosa, uma linha de impeccavel continuidade. E se os interesses permanentes do Imperio lh'a agradeceram, nem por isso amorteceu lá fóra a palavra cada vez mais descontente.

Aggravava ainda mais a situação o caso da escravaria, que o Brasil mantinha em contraste com as irmans continentaes. “Imperio escravocrata” é o que se depara a cada passo no livro de propaganda, na voz da gazeta enraivecida. “Cada dia mais me convenço, orou a 14 de Julho de 1870 na camara o Visconde do Rio Brnco, presidente do Conselho, que uma das principaes causas, senão a mais influente das antipathias, odios, prevenções e algumas vezes até desdem com que somos vistos nos estados sul-americanos, nasce de uma falsa apreciação sobre o Brasil em consequencia do elemento servil.” Na Sala dos Representantes, ao estalar a ira portenha de Rosas contra o Imperio, se ouviu que chegado fôra “o momento de arrancar de uma vez do Brasil a monarchia que constituia uma planta exotica repellida pela terra da America, e de promover no Imperio a democracia e a sublevação dos escravos”. E a isso mesmo quer referir-se a *Nación Argentina* quando, em seu numero de 28 de Maio de 1865, vai commentar o projecto Jequitinhonha: “Os que se têm empenhado em corromper as idéas no Rio da Prata, anathematisando a politica do Brasil por causa da chaga dos seus costumes, terão agora oportunidade de persuadir-se de que naquelle paiz se inicia o estabelecimento da logica entre ambos, cuja separação não podia ser eterna quando os povos têm vida e tendencias progressistas.”

Por ultimo, a questão limitrophe, suscitando duvidas, punha de resguardo as administrações vizinhas. Tínhamos pendencias com quasi todas, e nossa norma era uma só. Se mais tarde se nos vai fazer justiça, negando-se ao Brasil quaequer intuitos ambiciosos, áquelle tempo a queixa estava em todos os labios, atribuindo-nos os mais desmarcados intuitos de avanço territorial. Base de nossa acção foi o *uti possidetis* ao tempo da emancipação, e o mantivemos sempre, para nossa maior garantia territorial.

Folhetos de propaganda, vozes sentimentaes, palavras de governos interessados, nada nos desviou, embora aqui dentro uma ou outra voz autorisada se fizesse éco do côro panamericano. Celebre ficou o debate a que assistiu o Senado a 12 de Julho de 1870, em que Nabuco de Araujo e o Barão de Cotegipe representam as duas correntes. Nabuco de Araujo passando em revista os movimentos do Pacifico contra nós, de que certa memoria official na Colombia não escondia as arestas mais asperas, appellou para o paiz, sem vêr que só a admiravel linha de procedimento que vinha mantendo era capaz de assegurar a integridade do seu magnifico territorio.

“Eu vejo na memoria de que vos fallei, disse então, como synthese das queixas contra o Brasil, esta que vou dizer-vos: essas republicas querem para base dos seus tractados o *uti possidetis* que elles chamam legal, isto é, fundado nos tractados da corôa de Portugal com a corôa de Hespanha, e o Brasil quer para base essencial dos seus tractados o *uti possidetis* fundado na ocupação. Não se pôde nessa materia seguir absolutamente um principio, porque qualquer principio deve variar, conforme as circumstancias individuas de cada um dos Estados. E, sem duvida, se queremos um principio absoluto devemos reconsiderar a nossa politica, porque será inutil querer tractados... A minha opinião, pois, se resume em que não tenhamos um principio absoluto para os tractados com os nossos vizinhos. O que desejo é uma politica larga sem principios absolutos, com o animo de transacção. Temos uma superficie tão vasta, que podemos sem duvida fazer a concessão de terrenos desertos, alagadiços, incultos, que não nos servem, mas que podem servir muito aos nossos vizinhos.”

Assim versada no interior, bem pôde calcular-se como andaria na bocca limitrophe a determinação fronteiriça. Mais tarde, em 1872, ella assume caracter ameaçador. E' quando vamos liquidar com a Argentina os limites paraguayos. “Além disso, escreve o Ministro Tejedor, a 27 de Abril, mantém o Brasil com todas as republicas hespanholas, que o cercam como uma cinta de um extremo a outro do Imperio difficuldades sobre limites que não conseguiu até aqui aplanar, e se as ha aplanado em alguma parte, tem sido sublevando os odios das republicas interessadas.”

“Nossas fronteiras, redarguiu o Ministro Correia a 20 de Junho seguinte, já estão em geral assinaladas por tractados obtidos pela discussão e pela força do direito. Se as discussões dessa natureza são difficeis de estudar, e por isso encontram entre todos os povos preoccupações e duvidas, nem por isso é exacto que nossos ajustes de limites sublevasse os odios das republicas interessadas. O tempo tem revelado e vai revelando de dia em dia que os Estados que cercam o Brasil não têm outro vizinho mais pacífico nem melhor vizinho”.

Só o tempo, na sua eloquencia tranquilla, ia em verdade demonstrar os extremos de nossa indole pacifica e bôa. Mas podia-se acaso argumentar assim quando a força do preconceito se expandia tão livremente contra os intuitos do governo Imperial?

HELIO LOBO.

LENDAS E MYTHOS

Desde a mais remota antiguidade as lendas e os mythos foram colleccionados e transmittidos aos posteros nos grandes poemas da humanidade, e a poesia da Grecia e de Roma não era sinão o lavrar e o afeiçoar dessa materia-prima rica, varia, immensa, que é como o patrimonio poetico e sagrado de todos os povos. Si por um lado esses symbolos se prendem ao mundo sobrenatural e religioso, por outro elles têm um fundo social, artistico e psychologico, de um valor inestimavel.

Houve, nesse assumpto, desde a éra pre-christã, tentativas de analyse e de synthese, que pouco adiantaram. O estudo scientifico, porém, dessas interessantissimas creações humanas é relativamente recente. A' nova luz das theorias darwinianas e spencerianas, houve um alargar-se e um aprofundar-se na maneira de encarar esses problemas da psychologia collectiva.

Pouco a pouco o methodo e a acuidade dos verdadeiros observadores, o concurso da anthropologia, da ethnographia, da philologia, da psychologia, da mythologia comparada, veiu descobrir e aproveitar as maravilhas dessa terra encantadora e mysteriosa.

Mas o penetrar da sciencia nem sempre foi favoravel á justa interpretação dos factos e das causas. As theorias, esses moldes estreitos que querem conter tudo, essa philloxera imponderavel e damninha, que carcome e estraga a estructura da planta em que se parasita, muita vez tentou estiolar o viço livre e luxuriante da fabula.

Assim veio a theoria solar. Tudo era o sol. Sob os mais diferentes nomes e aspectos, nas figurações mais longinquas e antinomicas, via-se a celebração do astro-rei, da força deslumbrante que aquece e illumina, que maravilha e conforta, que

retempera o homem e afugenta as feras, as trevas e as insidias circumstantes. Apollo, Bacho, Christo, Ormuzd, Indra, Hercules, Sansão, o rei Artú, não eram mais do que o symbolo do sol. A Iliada mesma não era mais do que um mytho solar, e o assedio de Troya, uma vingança do sol contra o occidente que lhe rouba o esplendor e a força, ao fim de cada dia.

Um dos “solaristas” chegou mesmo a provar que Napoleão era um mytho solar, e os doze mareschaes, os doze signos do zodiaco!

O mytho é um symbolo, uma figuração das forças physicas ou moraes do mundo, uma intuição e uma interpretação da alma humana em face do mysterio das coisas. “E’ um symbolo sublime”, diz Nietzsche. Às vezes não é sublime, mas é quasi sempre poetico, profundo, revelador da alma que o concebe e elabora.

Lendas e mythos quasi que se confundem.

O mytho é um symbolo fundamental, tem um significado mais alto e religioso, abrange uma verdade mais geral e grandiosa.

A lenda pôde ser apenas um floreio, uma derivação do mytho, um episodio á parte de imaginação do homem, mas, pela belleza, verdade e philosophia geral que encerra, pode constituir um verdadeiro mytho.

Como se vê, em certos casos a diferença é difficil de dizer ou é nenhuma. Nem mesmo o criterio da época ou do assunto podem servir de guia.

Indra, Apollo, Baccho, Pan, Prometheu, são mythos. Orpheu, ÓEdipo, Psyché, Don Juan, o Fausto, o Judeu Errante, a Canção de Rolando, são ao mesmo tempo lendas e mythos. As tradições symbolicas dos selvagens, as suas rudimentares concepções theologicas e cosmogonicas, são chamadas commumente lendas.

Eis o que diz Michaud D’Humiac:

“No dominio da Tradição, poder-se-ia dizer que a Razão tem a seu cargo observar, verificar, registrar os feitos e as descobertas da Humanidade — quer dizer, a sua Historia — enquanto que a Imaginação desempenha o papel da elaboração, da transmissão e da transformação sucessiva dos Mythos e das Fabulas, agrupadas geralmente sob o nome de Lendas.

De facto, o que se entende por Lendas?

Pode dizer-se que as Lendas são as Ficções creadas pela imaginação collectiva dos homens e que tomaram uma forma bastante seductora, pela sua riqueza de poesia ou pelo seu symbolismo, para serem conservadas pela Tradição."

O facto é que o mytho, isto é, a idéa contida na representação, o conceito divino ou philosophico envolvido na fabula, que é o que mais nos interessa, acaba absorvendo e dominando as classificações mais ou menos artificiaes, e dando o seu nome e a sua importancia a essas varias elaborações da mente da humanidade, em que elle se manifesta.

A historia do peccado original, por exemplo, é uma lenda e um mytho, e que admiravel mytho!

Muitas explicações se têm dado delle, mas só ha pouco é que se começou a entrever toda a sua esplendida e temerosa verdade:

Eis o homem innocent e puro; tem a divina ignorancia; nada sabe do bem e do mal; — mas o fructo corruptor o envenena; eil-o para sempre infeliz, inquieto, desgraçado; quer saber e nada sabe; e quanto mais sonda e indaga, mais se emaranha e perde no labyrintho de si mesmo e do mundo; os males, a corrupção, vão-se perpetuando de paes a filhos, de geração em geração; a dôr, o trabalho, a miseria, são o seu quinhão certo, a sua herança inevitável; só a renuncia das pompas, das vaidades, dos bens mentirosos, só a caridade e o amor podem salval-o, reconduzindo-o á doce, pura e santa simplicidade e ignorancia antiga.

Embora queiramos negar a revelação celeste, não ha ahi uma revelação interior, uma maravilhosa intuição, uma estupenda synthese da historia da humanidade e dos destinos do homem sobre a terra?

Mas volvamos os olhos para os albores do mytho. Como nasceu o mytho no homem primitivo?

O medo e a maravilha foram os primeiros companheiros do homem. Diante dos phenomenos naturaes, elle sentiu-se fragil, humilde, deslumbrado. Por um mechanismo natural da sua psyche, emprestou uma vontade e uma vida ao sol, á lua, ás estrellas, ao relampago, ao trovão, personalizou-os, e, temendo-os e admirando-os, divinisou-os.

Foi o começo dos mythos.

E' o que vemos entre os selvagens. A seu modo elles povoam, explicam, endeusam a natureza. Pouco a pouco, associando factos e apparencias, julgam descobrir as causas secretas das coisas. Tudo para elles é vivo, dotado de vontade e de paixões como os homens, contém uma psyche elementar e obscura como a delles.

O temporal é uma batalha, o trovão o mugido de um monstro, o relampago uma serpente de fogo.

Nas mythologias mais adiantadas, como a hindú, o sol é o touro magestoso, as nuvens brancas as vaccas celestes, de cujas mammas mana a chuva, o leite bemdito.

Todas estas coisas não eram figuras de rhetorica. Elles, os nossos irmãos desses tempos, não faziam literatura. As suas imagens eram interpretações, exprimiam as coisas ingenuamente, como as sentiam.

Na creança notamos o mesmo estado psychico.

Um relogio, um espelho, um cavallo de pau, são para ella entes animados. Vinga-se das coisas, quando a ferem, maltrata-as ou acaricia-as, conforme os casos, porque lhes empresta o seu pensar e o seu sentir.

Convém notar tambem que o poeta tem com essas criaturas primitivas e ingenuas muitos pontos de contacto.

A mesma tendencia a personalizar as entidades abstractas e os phenomenos da natureza, a mesma necessidade de imagens, a mesma maravilha nova, o mesmo senso agudo do mysterio diante do espectaculo do universo. Porque essa consemelhança do poeta? E' que neste e naquellas perdura o mesmo estado de alma, a mesma communhão intima com a natureza, a mesma maneira de interpretar e traduzir o mundo através da sua sensibilidade viva, que mal conhece e soffre a interferencia da experienzia e da razão.

Entre as mythologias dos varios povos, mesmo entre as mais rudimentares e as mais elevadas, ha uma affinidade visivel, pontos de contacto que impressionam e illuminam.

E' que o fundo da alma humana é o mesmo por toda a parte, e as producções que partem desse fundo commun devem ter por força alguma semelhança.

Demais, os intercambios, as migrações, os contactos das diversas tribus e raças, muitos dos quaes nos são desconhecidos, devem ter enxertado e influenciado provavelmente as crenças e os mythos uns dos outros.

Assim, essa lenda amazonica que explica as manchas da lua como as marcas deixadas pelo amante incestuoso, tem a sua correspondente numa lenda groenlandeza.

Todas as mythologias abundam em feras e animaes prodigiosos, imagens das forças naturaes que o homem materializou ou representação dos monstros das primeiras edades do mundo, que elle temeu, venceu ou adorou, e a lenda brasilica do minhocão é talvez a tradição desses monstros portentosos que povoaram a época paleolithica e a neolithicica.

Que são as sereias, as ondinas, as nixes, as nereidas, as apiaras, as naiades, a Mãe d'agua, sinão irmans de origem, sinão a personificação do mysterio e poesia da agua, da fascinação desse mundo maravilhoso e vedado, o symbolo das insidias que ella oculta e das phantasmagorias que ella crêa?

E' nas mythologias mais elaboradas, sobre tudo na grega e na hindú, que o symbolo chega á sua maior elevação e belleza.

Rama, Krishna, Orpheu, Ædipo, Psyché, Prometheu, são mythos de uma belleza e de uma profundidade incomparaveis, em que se abeberaram os maiores poetas, que projectaram a sua luz sobre todas as literaturas, e que quanto mais se admiram e interrogam, mais bellezas e significados revelam.

E Pan, Dionysos, Apollo, Echo e Narciso, as Pleiades?

Seria um nunca acabar. Vejamos alguns delles.

As Pleiades eram sete irmans, filhas de Atlante, que habitavam a collina de Cyllene. Como Orion as perseguisse em demasia com a sua corte, obtiveram do céo a graça de serem mudadas em pombas, e depois em estrellas. Orion tambem foi transformado numa constellação visinha e assim, mesmo trocados em astros, estão perto um do outro, ardendo e brilhando, para marcar talvez que o amor não morre, e que lhe basta mesmo a só visinhança e contemplação para ser feliz. Echo e Narciso é ainda mais cheio de encanto e profundeza. Conheceis a fabula, tão bem cantada por Ovidio e Castilho. A' primeira vista o que se deprehende della é o castigo do egoismo,

da vaidade, do egotismo mau que acaba resequindo e envenenando o proprio sér que o abriga e cultiva.

Mas ha talvez nesse mytho, um significado mais amplo e rico.

E' o engano das apparencias, o enleio dos reflexos mentirosos das coisas que é preciso frustrar e vencer, para que não sejamos o joguete do mundo e as victimas da nossa propria illusão. Por não fazel-o, Narciso não vê o mundo real, o amor sincero de Echo, a belleza e a felicidade que lhe estão tão perto, e que elle despreza a troco de uma miragem esteril e zombadora.

Œdipo é outro mytho estupendo.

Nas duas faces que nos deu delle, Sophocles, primeiro o esmaga sob o peso das mais atrozes desgraças, e depois o eleva numa especie de sereno resplendor que o santifica, que o torna um nume tutelar de Athenas.

E' o soffrimento que redime e sagra, a innocencia que triumpha da propria fatalidade, a alma nobre que não pôde ser vencida, por mais que se colliguem contra ella os fados e os eventos, em fervente alcateia.

Nietzsche diz que o ultimo e verdadeiro significado do mytho é o castigo do crime de Œdipo — a audacia de ter arrostado e penetrado o enigma da esphynge — que é a natureza.

“Sim o mytho parece dizer-nos que a sabedoria, e justamente a sabedoria dionysiaca, é uma abominação anti-natural; que aquelle que, pelo seu saber, precipita a natureza no abyssmo do nada, deve experimentar sobre si mesmo os effeitos da dissolução da natureza.

“A ponta da sabedoria se volta contra o sabio; a sabedoria é um crime contra a natureza”, taes são as terriveis palavras que nos clama o mytho”.

Assim, temos nelle a mesma lição, a mesma philosophia do peccado original, do fructo prohibido.

Extranho e suggestivo encontro!

Mas a conclusão de Nietzsche é falha e forçada. A ordem dos factos mostra que Œdipo matou o pae antes de revelar o enigma, e só depois é que vieram o incesto e as outras catastrophes. Œdipo apparece-nos como um sér marcado pela fata-

lidade, como uma creatura humana destinada a soffrer tudo o que a sorte pôde amontoar contra ella, de horrores e martyrios.

O seu destino é eivado de mal; mesmo quando repellia o rei insolente, decifrava o enigma, ia para o poder e para a gloria, elle trabalhava para o seu infortunio e para a sua ruina.

A não ser o episodio da esphynge, que me parece secundario, nenhuma videncia transparece nelle. Elle é o homem cego que se move descuidoso entre os mysterios terriveis, que marcha alegre e satisfeito sobre o abysmo coberto de flores e de pompas.

Depois, a poesia de Sophocles vestiu-o de luz redemptora, cercou-o do sereno esplendor dos martyres e dos heróes.

Essas e outras interpretações são ainda possiveis e plausiveis, sobre o mytho. Nem ha exaurir-lhe o significado e o alcance. Synthese da alma humana e da natureza, elle é como um circulo em que o homem e o universo se penetram e confundem. Primeiras creações espirituales, elaborações da alma collectiva, reacções flagrantes do sentir humano em contacto com o mundo, os mythos encerram assustadoras verdades, embaladores sonhos, profundos ensinamentos. Religião, sciencia, moral, poesia, tudo existe nelles em germen, numa vida misteriosa e perenne, prestes a frondejar e florir.

Si, por vezes, as suas verdades são temerosas, tambem a sciencia e a philosophia não nos offerecem certezas melhores ou conclusões mais consoladoras. Os mythos, ao menos, nol-as dão sob outra forma. Nelles é a alma humana que nos falla, na sua ingenuidade nascente, simples e presciente como a da creança.

E é por isso que não podemos deixar de amal-os e de revermo-nos nelles, nem furtarmo-nos ao encanto da sua belleza e mocidade eternas.

JACOMINO DEFINE.

Não jogue fóra o seu dinheiro...

Quando V. S. precisar comprar moveis, desde a simples peça avulsa á guarnição completa, vá á

Casa Primor

Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 61 :: São Paulo

Os preços verdadeiramente modicos aliados á superior confecção dos moveis dão a V. S. a segurança de empregar bem e com acerto o seu dinheiro, fazendo uma óptima compra.

Não compre,

Não encommende,

Não reforme MOVEIS,

sem primeiro dirigir-se á CASA PRIMOR

Avenida Brig. Luiz Antonio, 61 - Teleph. 4905

Offerta especial.

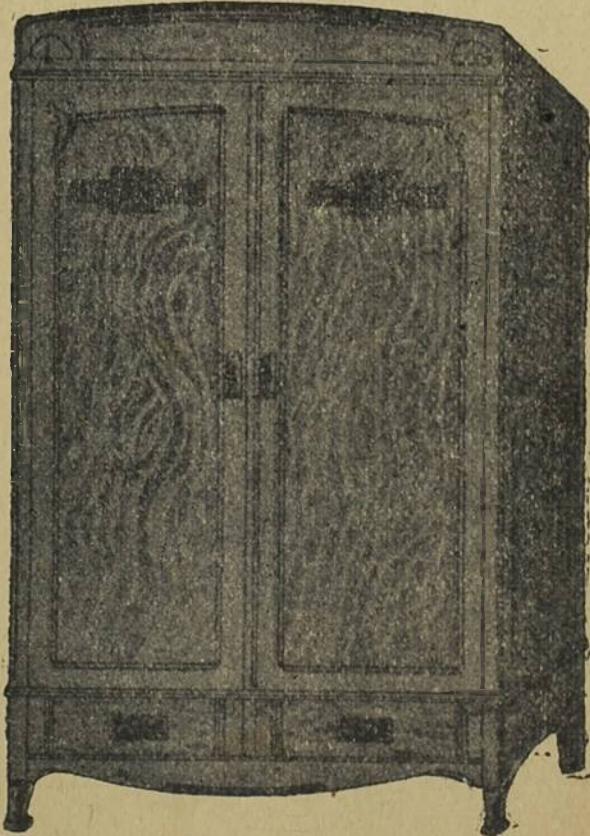
GUARDA ROUPAS, grandes, entalhados, de bom acabamento a 60\$000.

Os pedidos do interior devem vir com mais 6\$000 para engradamento.

CAMAS DE CASADO, de embuya, de fino acabamento, com estrado de arame ou de madeira, a 12\$000.

Os pedidos do interior devem vir com mais 12\$000 para engradamento.

PANNOS DE MESA de superior qualidade, desenhos lindos, de 2,50 cent. por 2 metros. Remette-se para qualquer parte por 28\$000



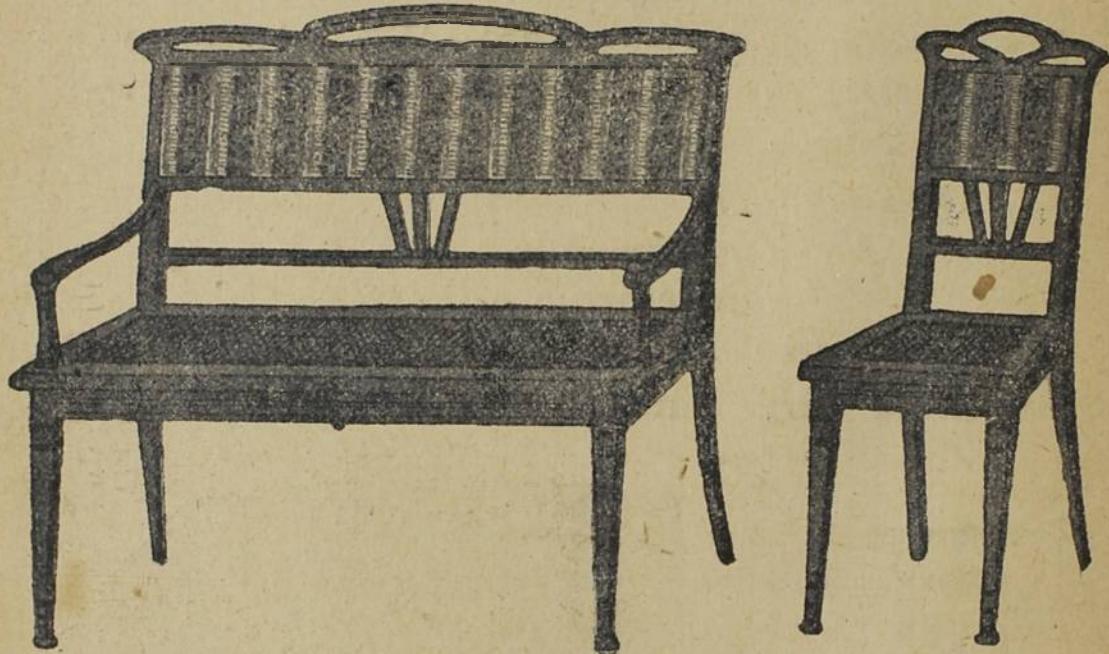
MOVEIS, MOVEIS,
os melhores, os mais baratos, na

CASA PRIMOR

— DE —

J. de Oliveira Costa

AVENIDA BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 61 - Telephone, 4905 - Caixa, 1195 - SÃO PAULO



Secretárias americanas, de emhuaya, forradas de cedro, com 8 gavetas, 200\$000; com 4 gavetas, 140\$000. Os pedidos do interior devem vir acompanhados de mais 12\$000 para engradamento.

MOBILIAS para sala de visitas, com assento de palhinha e encosto estofado, 9 peças: sofá 2 poltronas e 6 cadeiras, 135\$000. Os pedidos do interior devem vir com mais 15\$000, para engradamento.

MOBILIAS com assento e encosto estofados, de fino acabamento, com 9 peças, a 225\$000. Os pedidos do interior devem vir com mais 15\$000, para engradamento.

Pedidos á CASA PRIMOR

Avenida Luiz Antonio, 61 - Caixa Postal, 1195

S. PAULÓ

O MEU AMIGO DON JUAN

Acompanhei-o ha oito dias ao cemiterio de Montparnasse.
Uma congestão pulmonar levou-o em 24 horas.

Não nos conheciamos ha trez mezes atraz. Eramos agora amigos intimos. Sentindo que ia morrer, mandou chamar-me, disse-me que sabia o seu estado e constituiu-me legatario universal de... suas cartas de amor.

Quiz consolal-o; procurei sugerir-lhe esperanças de melhora.

— Não perca tempo, meu amigo, disse-me elle. Eu sei bem que o meu caso é sem remedio. Agora mesmo o padre, que saiu daqui, deu-me a extrema-uncção.

Eu franzi a testa, admirado, porque o conhecia como um perfeito atheu. Elle viu a mudança da minha physionomia e explicou-me o caso:

— Que mal faz? Eu tinha promettido converter-me a uma infinidade de minhas amigas, que desejavam muito a salvação da minha alma. Quando souberam que eu morri, como diz a formula habitual dos convites de enterro, “*muni de tous les sacrements de l'Église*”, cada uma se attribuirá o merito da conversão e terá com isso grande prazer.

Pouco mais poude dizer. Eu o olhava com assombro, vendo que, mesmo alli no leito de morte, elle não esquecia a grande preocupação de sua vida: o amor, as mulheres.

O que me disse alem disso não passou de pequenas disposições a tomar apoz o seu enterro, por causa de certas complicações sentimentaes em que andava envolvido. Por fim, o ultimo gesto que fez, quando já quasi não podia falar, foi para apontar-me a fila de *dossiers*, que eu devia levar. *Dossiers* de

cartas de amor, ordenadas, classificadas, arranjadas com um methodo burocratico perfeito.

No dia do enterro, houve nada menos de nove corôas anonymous. Não se sabia quem as tinha mandado. Uma outra foi trazida por uma senhora alta, esbelta, de cabellos louros, mas velada com véus tão espessos, que ninguem a poude distinguir. Chegou, estendeu a corôa ao criado e saiu sem ter dito uma palavra. Apenas um momento ajoelhou-se junto á eça, persignou-se e balbuciou, de certo, uma curta oração. Foi uma visão de graça, mysteriosa e elegante.

Uma tia do meu amigo, velha senhora hespanhola, rígida e austera, que censurava fortemente a vida do sobrinho, levantou contra a visitante olhos duros e reprovadores, que a acompanharam até á porta. Olhos tão máus, que pareciam enxotal-a.

Tinhamo-nos conhecido, por acaso, em um theatro. Noite de enchente. Elle entrou com uma formosa mulher. Como já não haviam achado nem um *fauteuil* vasio, ficaram os dois, ella e elle, em dois *strapontins* muito incommodos. O delle era a meu lado. Disse-lhe então que teria muito prazer em ceder o meu lugar á senhora que o acompanhava. Elle ficou suprehendido, agradeceu e transmittiu a offerta. A senhora, encantada com a proposta, murmurou:

— Mas o sr. vai ficar tão mal! Não poderá vêr quasi nada...

— Si, porém, eu souber que uma senhora, perto de mim, está tão incommodamente sentada, será um suppicio. Então, sim, não verei nada.

Ella aceitou.

O sacrificio não deixava de ser grande. Realmente minha cadeira era excellente e o *strapontin* detestavel.

No intervallo entre o primeiro e o segundo acto, passeando no *foyer*, viemos a conversar. Convidaram-me para nos encontrarmos d'ahi a dias, em um dos grandes chás elegantes de Paris. Fui. Isso nos approximou, nos fez amigos.

Pouco depois chegámos á intimidade.

Chamava-se João e era hespanhol. Tinha, portanto, a dupla predestinação do nome e da nacionalidade para continuar as façanhas de D. Juan. Mas o que me interessou nelle foi que realisava um typo novo de D. Juan, absolutamente opposto ao que a lenda creou.

Quando os autores dos primeiros D. Juan escreveram as peças que celebrisaram esse nome, não pretendiam fixar um typo literario de homem seductor, de grande conquistador feminino. O que desejavam era pôr em scena um perfeito impio, que acabava, ou punido, como D. Juan Tenorio, ou convertido, como D. Juan de Maraña. As conquistas femininas não passavam na peça de uma circumstancia accessoria: eram uma das distrações de um rapaz ocioso, sem religião e sem escrupulos.

Pouco a pouco, a tradição alterou tudo. O typo que predominou foi o do grande, do irresistivel seductor de mulheres. E acabou sendo um canalha sympathico.

Durante toda essa evolução a imaginação popular o fez sempre muito bonito e muito elegante. Aliás isso era natural. Já houve quem mostrasse que até o seculo 19 todas as heroínas de romance tinham de ser, eram sempre formosissimas. A ideia de fazer amar uma mulher feia não acudira a nenhum escriptor.

Foi só no principio do seculo passado que alguns raros romancistas admittiram certas heroinas, que não eram bonitas. Elles, porém, as faziam tão sympathicas, tão irresistivelmente sympathicas, que afinal, si lhes retiravam a belleza, davam-lhes cousa que valia mais do que isso:

Et la grace, plus belle encor que la beauté...

Era evidente que elles não podiam conceber o amor a uma mulher que fosse de véras feia. Só no fim do seculo 19 alguns autores ousaram esse assombro. Mas ainda assim...

Ainda assim todos dotaram as suas heroínas feias com lindos olhos. Pelo menos isso!

O que se passou com os grandes conquistadores foi exactamente o mesmo: sempre apareceram moços, elegantes e formosos.

D. Juan, heroe de theatro e heroe essencialmente romântico, não podia, portanto, deixar de ser um bello rapaz.

No entanto, o meu amigo D. Juan não era nem moço, nem bonito. Tambem não era feio. Era neutro. Era apagado. Era

mediocre. Nada que atrahisse; nada que repellisse. Tinha 51 annos, o que não é positivamente a idade classica dos D. Juan literarios. — E, todavia, os seus successos eram diarios, continuos, constantes.

Um dia, elle me expoz muito lucidamente o seu ponto de vista. Começou por confessar-me que, quando teve os seus primeiros successos, muito depois dos 40 annos, ficou surprehendido. Lembrou-se, porém, de todos os grandes conquistadores, os *hommes à femmes* que conhecera e viu que quasi todos o tinham espantado pela mediocridade. Mais de uma vez perguntara, vendo um e outro :

— Mas afinal que é o que as mulheres acham nelle de apreciavel?

Acabou por convencer-se que a carreira de conquistador é como qualquer outra; o que pede é que se lhe dedique tempo e paciencia. Tem a sua technica.

A maior parte dos homens, mesmo quando são moços e bonitos, quer levar a sua vida normal occupada em outras coisas, — e, de quebra, nas horas vagas, fazer conquistas femininas.

Não é possivel! O don-juanismo exige que a pessoa, que o quer exercer, se especialise. E' absorvente. Embora seja um cargo, em que se trata da procura do amor, não pode ser preenchido por amadores: requer que a pessoa viva para esse officio. O resto do que ella faz na vida é que deve ser accessorio.

Os *dilettanti*, que obtêm alguns successos avulsos, por causa da sua graça natural, augmentam-nos, engrandecem-nos, acham que chegaram a resultados estupendos. Mas, quando se comparam esses resultados aos dos verdadeiros especialistas, modestos, apagados, sorrateiros, é que se vê como estes ultimos são mais importantes.

— Questão de technica, meu amigo! Technica e applicação. Dê-me um homem que não seja repellente, mas perfeitamente mediocre e eu lhe prometto que, si elle se conformar com os meus conselhos, terá dentro em pouco mais successos que os mais formosos *gentlemen*.

E terminava:

— Olhe que em mediocridade é difficil ir mais longe que eu!

Naturalmente, eu contestava. Mas elle era um sceptico. Sabia bem o que valia e, sobretudo — caso raro! — o que não valia. "Eu sou, disse-me muitas vezes, um nihilista optimista." Não acreditava em nada; mas achava que, diante do nenhum valor de tudo, o mais simples era procurar extrahir da vida todo o prazer que ella pôde dar. Fazer isso com moderação para não comprometter o resultado pela soffreguidão.

Não se gabava; não tinha desejo algum de ostentação. O que eu vi — foi porque lhe entrei na intimidade.

Em Paris, não conhecia quasi ninguem. Apenas meia duzia de amigos e conhecidos sérios. Em compensação, mais de uma centena de amores, que elle mesmo qualificava:

— Pouco sérios, eu sei; mas tão gostosos...

Não procurava atirar-se a grandes aventuras.

— Afinal, V. sabe, a anatomia das criadas e das rainhas é exactamente a mesma. Lembre-se que D. Juan — o grande, o bello, o irresistivel D. Juan, não desdenhava as criadas bonitas de suas amantes. A mim, si me déssem a Rainha da Bulgaria, — cujo retrato V. pôde vêr no Almanach Hachette, ainda assim muito melhorado — eu preferiria morrer a beijal-a. Seguramente ella ha de ter criadinhas muito mais bonitas...

— Mas a anatomia, objectei eu, não é tudo. Ha tambem a psychologia...

Elle estava de acordo. Asseverava-me, porém, que havia burguezinhas, de condição social mediocre, que eram psychologicamente mais interessantes do que grandes damas. E lia-me cartas deliciosas.

Convém, entretanto, accrescentar bem depressa que elle falava nas criadas bonitas só para estabelecer um contraste literario e não porque, de facto, as perseguisse. Era mais um cerebral que um sensual.

Conta-se de uma dama celebre que, batendo sobre o coração, dizia: "Aqui tambem o que ha é cérebro!" Amava mais com a cabeça do que com os sentidos.

Elle era da familia intellectual dessa dama. Não podia, portanto, ageitar-se com gente estupida e destituida de intelligencia parecia-lhe um vaso de ouro cheio de cisco, um illogismo irritante da natureza, que o desesperava.

De uma vez, elle me disse que, si o D. Juan lendário tinha um escudeiro, o D. Juan moderno precisava, sobretudo, de um secretario. Na ópera de Mozart se conta que D. Juan teve, só na Hespanha, 1.003 amantes. — Era impossivel arranjar-se sem um secretario, mesmo que só tivesse de mandar-lhes pequenos recados para marcar e adiar entrevistas.

Um dia, eu lhe perguntei qual era a famosa technica, a que elle sempre alludia.

— Precisamente, elle me respondeu, ella não é famosa. Ela é tola e banal. Como, porém, é efficaz, não sinto necessidade de variá-la.

A coisa era, realmente, simplissima. Elle usava um pseudônimo: *Maurice de Alvarado*. Tinha sempre no bolso um ou mais cartões já preparados, em que escrevera a lapis, sob o nome, uma formula, sempre a mesma: “*ousa solicitar-vos que lhe indiqueis um endereço para o qual vos possa escrever.*”

Nun theatre, num omnibus, no Metropolitano, em qualquer lugar enfim, onde visse uma mulher bonita, que desejasse, tirava da corrente do relogio sua lapiseira de ouro e fingia escrever qualquer coisa no concavo da mão esquerda, como si ahi tivesse um cartão. Fazia isso com arte, discretamente, de modo a que a pessoa visada reparasse que elle estava escrevendo qualquer coisa; mas que a sua attitude não attrahisse muito a attenção. Parecia alguém que tomava uma nota. De facto, porém, não escrevia nada. Era uma comédia.

Depois, geitosamente, tirava do bolso o cartãosinho, que já ahi estava prompto, escripto, dobradinho e passava-o á pessoa que cubiçava.

Passava como? De varios modos. A's vezes, dava-o de mão a mão, ora offerecendo-o francamente, ora um pouco por surpresa, á força. Outras vezes, retia-o no *manchon*, num objecto qualquer que ella estivesse segurando. Outras ainda deixava cahir sobre o collo da pessoa. — Tudo isso se fazia simples, rapida, discretamente, sem que ninguem visse.

Si a senhora em questão tinha percebido que o recado era para ella e sua attitude deixava prevêr que o acceitaria, a transmissão se fazia, com uma perfeição admiravel mesmo quando ella estava acompanhada.

Eu o vi, em um theatro, representar a sua pequena comedia e depois, baixando-se para apanhar o lenço, que deixara cahir de proposito, pôr o cartão no collo de uma senhora. A senhora não previa essa audacia. Corou; mas, com um movimento rapido e natural, pôz a mão sobre o bilhete, occultando-o, para evitar um escandalo.

Curiosidade em todas, medo do escandalo em muitas, surpresa em outras — não havia quem recusasse. Quando algumas percebiam do que se tratava, já o meu amigo estava longe.

Várias não respondiam: infima minoria. Outras respondiam; mas não vinham nem mesmo ao primeiro *rendez-vous*, que elle lhes pedia. Por fim, havia as que vinham ao primeiro e... aos outros.

Em Paris, é frequente que, vendo uma mulher, de que se podem apaixonar, mas á qual não podem falar, os homens procurem dar-lhes um cartão de visita. E' um convite tácito; mas presumpçoso. No seu silencio, é directo de mais. Chega a ser grosseiro. As que respondem a elle mostram que não são muito difficeis.

O meu amigo D. Juan proclamava a superioridade da sua formula. Dizia o que queria — e o que queria era muito pouco. Pedia apenas um endereço... para escrever. Pedia respeitosamente.

— Pois que era só para receber uma carta, por que não responder? — diziam quasi todas. Não ha perigo.

E davam muitas vezes um endereço na posta-restante.

Mas, quando esse endereço vinha, meu amigo lhes respondia, solicitando-lhes um primeiro *rendez-vous*. Tinha tres formulas de resposta, que serviam sempre. Eram delicadas e apaixonadas. Surprehendiam, aguçavam a curiosidade. Sentia-se que o autor era um homem fino e bem educado — e isso dava vontade de conhecê-lo de perto.

— V. sabe, dizia-me elle, que Victor Hugo, no principio de cada mez, escrevia uma formula de agradecimento, que servia para todos os volumes que o poeta recebia durante o mez. E que elle não lia — é inutil accrescentar. A formula era sufficientemente vaga para adaptar-se a tudo e elle a despachava a todos os autores.

Eu fiz melhor: com tres formulas, respondo a todas as cartas que pela primeira vez me dirigem minhas correspondentes. Conforme a apparencia dellas, conforme o estylo da carta, conforme a propria letra (D. Juan precisa saber um pouco de graphologia), decido-me pela formula *A*, *B*. ou *C*.

O resto é questão de habilidade — e não se precisa muita...

O certo é que elle não tinha mãos a medir. Torno, no entanto, a dizer que o homem era mediocre. Nada nelle exercia uma grande atracção.

— Muitas mulheres, disse-me certa vez, cedem tanto mais facilmente quanto mais ouvem dizer que o homem fez conquistas. Parece absurdo; mas não é.

Em primeiro lugar, as mulheres não se sabem julgar umas ás outras com exactidão. E isso é natural. Um homem, na minha idade, vendo passar uma mulher, despe-a com o olhar, inteira e precisamente. Temos visto tantas, tantas! Pense, porém, que, em regra, as mulheres honestas só se conhecem a si mesmas. A nudez feminina lhes é inteiramente estranha. Na intimidade a mais intima com outras amigas, tambem honestas, vêm apenas partes de corpos. Não têm a sensação de conjunto.

Muitas vezes se ouve appellar para o julgamento de uma mulher sobre outras mulheres, como devendo ser mais competente. E' um erro. Ellas não sabem quasi nada umas das outras. Somos nós que as conhecemos.

Não admira, portanto, que seja, ás vezes, de muito bôa fé que algumas se julguem superiores ás rivais e achem natural conquistar e prender o volvel, que outras não conseguiram fixar. Parece orgulho e vaidade e é ignorancia, é impossibilidade de uma comparação exacta.

Em segundo lugar, ha em todos nós, homens e mulheres, o prazer do jogo, o prazer do risco: vêr si é possivel vencêr, onde outros perderam!

— Mas V. não se cansa da vida que leva?

Elle me garantia que não. Ao contrario.

— Eu penso, como Haraucourt, que o prazer do amor é "*le seul bien que la vie accorde à ses damnés*".

A psychologia de D. Juan era, a seu vêr, a de um colleccionario. Ha quem reuna sellos, quem reuna borboletas. Elle colleccionava mulheres.

Assim que alcançava uma, essa deixava de atrahil-o. E' o caso do colleccionador, que, depois de ter obtido tal ou qual borboleta rara, não tem mais admiração alguma por ella, si a vê, livre, na naturesa. Uma vez apanhada, classificada, etiquetada, enfiada com o seu alfinete na caixa propria, não inspira mais interesse.

Por outro lado, o amor lhe apparecia tambem como um *sport*.

Vejam o que succede aos amadores de *sports*. Depois que elles conquistam um *record*, não procuram mais repetir essa façanha. Ou tratam de ir além, ou fazem outra coisa.

A ideia de um D. Juan sentimental, amando e esquecendo, hoje apaixonado e amanhã esquecido, deve ser falsa. Paixão ha, ás vezes; mas não é a paixão amorosa. E' a paixão sportiva do jogador, que quer ganhar uma partida difficil.

Não falta quem fale com desdem nos "hommes à femmes". Desdem curioso! Admitte-se que a caça aos animaes inferiores seja um grande prazer: ir para o matto, espreitar aves e quadrupedes, dar-lhes tiros que os matem. Caçar mulheres é muito mais fino! Trata-se da mais bella das caças que ha no mundo!

Eu escrevo um pouco ao acaso o que me lembro de ter ouvido ao meu amigo. Elle emittia suas opiniões conversando, com graça e naturalidade, sem nenhum dogmatismo. Tinha o caracteristico essencial do conservador bem educado: sabia ouvir. Assim que alguém ia dizer qualquer coisa, parecia interessar-se extraordinariamente por ella: era como si esperasse sempre dos interlocutores revelações ineditas e importantissimas.

Um dia, falou-se da velhice. Alludiu-se ás numerosas mulheres, que preferem amantes não muito moços.

— E têm razão, asseverou elle. Não o digo por mim. Acho, porém, que todo escriptor que desejasse ser verosimil precisava dar a D. Juan pelo menos 40 annos. Antes — é impossivel. Ninguém, quando quer imaginar um clinico abalisado, dá-lhe menos dessa idade. No entanto, a competencia na clinica se pode adquirir muito mais de pressa que na seducção feminina, que é uma especie de clinica psychologica difficilima.

Si os autores põem sempre em scena typos de D. Juan moços, isso vem apenas do erro inicial de suppôrem que o *don*

juanismo é questão de mocidade e belleza, quando se trata de um officio como qualquer outro, mais difficult do que quasi todos os outros, e, portanto, pedindo tempo para ser aprendido.

Nos cursos praticos de linguas para adultos, é de regra que se variem os professores para que os alumnos ouçam pronunciações diversas e se habituem a todas ellas. Só assim se aprende bem.

D. Juan é o alumno de muitas mestras. Falla com a pronuncia que desejam as suas interlocutoras.

Por isso mesmo, não ha um estylo *don-juanesco* em amor. O verdadeiro conquistador é como um cumberlandista perito: elle toma a orientação, que a sua parceira lhe quer indicar.

Todos conhecem, de facto, a habilidade com que certas pessoas, vendando os olhos e tomndo as mãos de alguém que pensa em tal ou qual objecto, seguem a direcção que esse alguém, inconscientemente, lhes vai mostrando. São individuos de grande sensibilidade táctil. Tentam á direita e á esquerda e sentem que a pessoa, cujas mãos seguram e que pensa em um dado rumo, offerece sempre menos resistencia quando se toma esse rumo. E' interpretando movimentos minimos, quasi imperceptiveis, que o cumberlandista acha o bom caminho.

D. Juan, na sua primeira entrevista faz sempre *cumberlandismo psychico*: trata-se de experimentar para que lado a pessoa a conquistar offerece menor resistencia — e seguila docilmente, adivinhando-a. Nada de procurar mostrar-lhe originalidades! Deixar-se levar. Offerecer aquella que se quer seduzir aquillo exactamente de que ella gosta.

Muitas têm a sensação de que acharam o seu ideal. A verdade é que se acharam a si mesmas! Não sentem que estão diante de um espelho, que lhes reproduz o proprio caracter, e ficam encantadas. Descobriram enfim a alma-irmã, a alma-gemea da sua!

— Quantas me disseram e escreveram que eu era o modelo dos amantes — e fizeram-me elogios, que entonteceriam alguém mais moço e mais presumpçoso. Eu sorria, media bem a minha mediocridade e sentia-me deliciosamente dentro della. — E ahi está, meu amigo, porque os amantes de certa idade são, ás vezes, preferidos aos mais jovens — com razão, com toda a razão!

D. Juan, moço, bonito, elegante, tendo vinte a trinta annos, é um sujeito insuportavel. Quer ser amado por si mesmo, pelos altos méritos da sua belleza. E' sôffrego de prazer.

Entre os quarenta e os cincuenta, si já se tem prática, evita-se essa impaciencia.

A primeira regra em seducção é que o seductor deve parecer que não pensa em si: pensa apenas, exclusivamente, na sua parceira. O seu prazer lhe vem de dar o maximo de prazer que ella pode pedir.

Collecionador, um pouco saciado, já tendo provado de tudo, elle quer antes de mais nada saber como cada uma vibra. Dahi o enfeitiçamento de tantas mulheres por esses, que os rapazolas chamam, com desdem, "velhos".

Era a propria apologia que elle estava fazendo — e eu tive a franqueza de lh'o observar. Mas elle replicou que era a apolo-gia de uma technica.

— E, note bem, uma technica, que não pede qualidades elevadas. Pede calma e applicação.

De outra feita, na mesma ordem de ideias, elle me dizia :

— Veja os meus *dossiers* e as minhas fichas. E' um serviço methodico e burocratico. Quando cada uma sáe, eu tomo algumas notas. Penso no que ella me referiu, nas preocupações que manifestou. Si lhe aconteceu dizer uma phrase interessante, transcrevo-a, mencionando as circumstancias em que a profereu. Tempos depois, quando ella tem de voltar, percorro o *dossier*, leio as fichas, e ella me encontra perfeitamente lembrado de bagatelas e insignificancias, que parecem provar-lhe que eu passei o tempo a pensar nella.

Isso me toma, no máximo, meia hora por dia.

Repare aliás que eu tenho uma memoria fraquissima e que não poderia estar enchendo a cabeça com todas as futilidades que ouço.

— Ha uma nota, que se deve sempre guardar: a dos vestidos. Mencionar a côr, a forma, a fazenda. Descrevel-os o melhor que fôr possivel. Não imagina, meu caro, quando, muitos annos depois, a gente lembra a uma mulher um vestido com que a viu, como ella fica enternecidâ. Isso vale por uma prova de immenso affecto!

Certa vez, uma de minhas amantes passou por aqui com um massinho de papeis. Entre elles havia varias cartas e o retrato de uma ex-amiga, com quem ella brigara.

O retrato figurava em um grupo, tirado á saída de uma igreja, depois de um casamento. A amiga, uma bella mulher, estava em uma das primeiras filas, de braço dado a um cavalheiro.

Minha amante contou-me então que a amiga era muito facaia e nesse dia sentia-se muito orgulhosa com o seu vestido, mas lhe notava dois pequenos defeitos. Achava que o corpête devia ter nas costas um ou dois milímetros a mais. Esses milímetros lhe pareciam fazer uma falta enorme. De mais, havia um grande laço de fita azul-claro, onde ella era de opinião que devia haver um laço de fita azul-marinho. Tambem essa diferença de tons a incomodava muito. E eu li uma carta escripta pela dona do vestido, em que o descrevia com a mais extrema minucia e queixava-se longamente dessas imperfeições.

Sabendo, minha amante esqueceu-se aqui do pequeno paco-te. Quando eu o achei, abri-o, copiei a descripção do vestido e as criticas feitas pela respectiva proprietaria, que aliás eu nunca vira.

Fiz então o proposito de me encontrar com ella para tentar uma experientia.

Encontrei-a, appliquei-lhe exactamente o mesmo processo que a tantas outras e obtive a minha primeira entrevista no Rumpelmayer. (O Rumpelmayer — aqui se o diz a quem não o saiba — é um dos chás elegantes de Paris).

Affirmei-lhe entre outras cousas que a vira dois annos antes, no momento em que entrava em uma igreja. Garanti-lhe que tentára em vão saber quem ella era e só poucos dias antes um acaso nos approximára.

Ella sorria, incredula, irónica. Desde, porém, que eu lhe descrevi o vestido (que trabalho eu tivera para decorar essa descripção minuciosissima!), ella mudou inteiramente:

— Mas o sr. nasceu para costureira!

Contestei: Asseverei-lhe que tinha até muito má memoria visual; mas que ella me produzira tal impressão que, si eu soubesse pintar, pintal-a-ia de cór fidelissimamente.

E accrescentei:

— A fallar verdade, si eu a pintasse, não pintaria tão fielmente como estou dizendo. Alteraria conscientemente o trabalho da sua modista.

— Como? Por que?

— Porque alongaria atraç o seu corpête um pouquinho mais — um a dois milímetros — e porque faria o grande laço de fita, que estava á sua direita, não azul-claro, mas azul-marinho. Ficaria melhor.

Seus olhos admirados clamavam que eu era um homem de genio, pelo menos um homem de muito talento, — talento e bom gosto. Repetindo as criticas, que ella mesmo havia feito, revelei que era a alma irmã da sua!

Do Rumpelmayer viemos para aqui — “aqui” era o seu pequeno apartamento elegante — e ella não pôde resistir a um homem tão finamente artista como eu. Finamente artista, porque tinha o seu modo de pensar!

De pé, diante de mim, o meu amigo D. Juan, bateu-me no hombro e concluiu:

— Decore, si podér; mas, si não podér, tome sempre nota dos vestidos de suas amigas. E' importantissimo!

Fez uma pausa e accrescentou:

— Mas, no fim de contas, veja V. que um bom chefe de secção de qualquer secretaria pode alcançar muito mais do que um brilhante literato: método, ordem, *dossiers* e fichas sempre em dia — e sempre escondidos, é inutil dizer.

E, sobretudo, meu caro, tenha medo, tenha horror á originalidade. Nunca a procure. Em amor, é uma calamidade. Pense que o amor é, no fim de contas, a repetição de gestos milenares, tradicionaes, immutaveis...

Si qualquêr de nós podesse vêr desenrolar-se a fita interminavel de seus antepassados, admirar-se-ia da diversidade de gosto, que havia entre elles: Todas as virtudes e todos os vicios, as aspirações e as profissões mais diversas... Só num ponto elles estavam de acordo: o ponto que fez com que a cadeia dos séres vivos não se tenha interrompido e nós dois estejamos aqui conversando: os gestos essenciais do amor.

Ouvindo-o, eu tinha frequentemente a impressão de que elle devia rastejar por pequenas conquistas de *midinettes* sem valor, de burguezinhas insignificantes.

Quando, porém, tomei os seus *dossiers* e vi as suas fichas, quando li as effusões apaixonadas de umas e outras, quando conheci a categoria social de muitas, vi que me enganára. Havia de tudo. E tudo estava classificado, annotado meticulosamente.

Prometti-lhe que, depois de as lér, queimaria cartas e fichas. Queimei tudo. Fiquei, entretanto, convencido que elle tinha razão.

Evidentemente o meu amigo exagerava, quando dizia que o don-juanismo estava ao alcance de qualquer chefe de secção. Mas tambem é certo que, com aquella organisação methodica e systematica, o que se pede de seducção pessoal é realmente um minimo insignificante.

O don-juanismo é uma questão de technica e de dedicação. Com tempo disponivel e applicação de bons processos, com método e constancia, qualquer pode ser Don Juan. E' um officio susceptivel de ser aprendido.

— E um officio, dizia o meu amigo, que tem pelo menos duas vantagens.

Em primeiro lugar, é a unica carreira liberal que não está muito entupida de candidatos; poucos sabem que ella existe como uma profissão regular. Não a procuram, porque se enganam, acreditando que é um caso de vocação, de predestinação.

Em segundo lugar, nenhuma existe tão deliciosa...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

POESIAS

ARTE SUPREMA

*Como Pigmalião, a minha idéa
Visto na pedra: talho-a, domo-a, bato-a;
E ante os meus olhos e a vaidade fátua
Surge, formosa e nua, Galathéa.*

*Mais um retoque, uns golpes, e remato-a;
Digo-lhe: "Fala!" ao ver em cada veia
Sangue rubro que a córa e aformoseia...
E a estatua não falou, porque era estatua.*

*Bem haja o verso, em cuja enorme escala
Falam todas as vozes do universo,
E ao qual também arte nenhuma iguala.*

*Quer mesquinho e sem côr, quer amplo e térsø,
Em vão não é que digo ao verso: "Fala!"
E elle fala-me sempre, porque é verso.*

CARTAS VELHAS

*Abro os maços de cartas, cinta a cinta,
Examino-as, folheio-as, uma a uma;
No papel, que um bolor vago reçuma,
Mal forma as letras a apagada tinta.*

*Todas ellas que valem hoje em summa,
Qual dellas o passado evoca e pinta,
Se a luz que as aquecia se acha exticta
E a alma que as perfumava as não perfuma?*

*Perdido todo o seu aroma antigo,
A emoção que as ditou e o forte encanto,
Só por piedade as tenho hoje commigo;*

*Fecho-as de novo e ponho-as no seu canto:
Cada maço de cartas é um jazigo
E a gaveta em que as guardo um campo-santo.*

PHRASES FEITAS

*O “Vi-te e amei-te”, como, geralmente,
Hoje se diz, a ninguem mais persuade:
Perdeu de vez toda a sinceridade
Porque anda na expressão de toda gente.*

*Com tal ouvir não ha quem se contente,
Nem de tal coisa não se desagrade;
São palavras vasius de verdade
Que a bocca diz e o coração desmente.*

*E pois não digo que meu gesto acceite
Este amor, que arde em mim como uma lava,
Este amor, que é meu mal e meu deleite;*

*Do delicto de crer-me essas mãos lava,
Que te não direi nunca: “Vi-te e amei-te”,
Porque antes de te ver eu já te amava.*

FLOR E FRUTA

*Serva do meu desejo consideras
Essa carne gentil de que sou dono;
Quanto mais eu por ella me apaixono,
Mais da minha vontade te apoderas.*

*Não coides que te fujo e te abandono
Porque já não és mais qual dantes eras;
Não, e nem coides que haja primaveras
Que o viço tenham desse lindo outono.*

*E's flôr e fruta numa igual mistura;
Flôr — a que ninguem mais o cheiro toma,
Fruta — a que mais ninguem prova a doçura;*

*Flôr e fruta, não sei se a cheire ou coma;
Fruta de almo sabor, bella e madura,
Flôr aberta e gentil, de estranho aroma!*

LIBERTAÇÃO

*Adeus. Tu, fica. Eu parto. Não conheço
O destino a seguir, mas parto e corro.
Livre quero ficar por qualquer preço,
Ou desta escravidão tornar-me forro.*

*De illusões e de sonhos me abasteço;
Não mais que de esperanças me socorro
Para este grande mal de que padeço,
Para a doença incurável de que morro.*

*Quem escoteiro parte, só precisa
Da esperança e do mais que ella lhe offerta,
Da illusão e do mais que ella improvisa.*

*A alma a exultar, a fronte descoberta,
Saio do teu amor, que me escravisa,
Corro para outro amor, que me liberta.*

COLHEITA VÃ

*Cuida tu, por exemplo, que a ventura
Tem dessa linda fruta a semelhança:
Tão perto está, que a tua mão a alcança,
Está quasi a cahir de tão madura.*

*Nem é quasi mister vergar-lhe a frança
Para a colher a tão pequena altura.
Contém-se nella, á grande e com fartura,
Tudo o que se contém numa esperança.*

*Seu sabor pelo aroma se revela;
Que cheiro tem! Nada te tolhe e embarga
O gesto de a colher, cheirosa e bella.*

*Colhesto-a em vão; larga essa fruta, larga,
Pois só porque pudeste enfim colhel-a,
Perdeu todo o sabor e fez-se amarga.*

TORTURAS

*Não sabe, nem eu sei, de que maneira
Diga ella que me quer e eu que lhe quero;
Espera em vão, em vão também espero
A confissão penosa e verdadeira.*

*Nada mais natural que ella me queira,
Nada mais certo que lhe sou sincero;
Ella espera entretanto, eu desespero,
E assim passamos nossa vida inteira.*

*Mas porque não fazemos o protesto
De um ao outro dizer que nos amamos,
Se o nosso mutuo amor é manifesto?*

*Não sei, não sabe; e assim nunca deixamos
Que as mãos nol-o confessem pelo gesto,
E a confissão nos labios suffocamos.*

COFRE DE MALES

*Numa hora de exaltado desvario,
O teu cofre, Pandóra, eu, sem receio,
Com minhas proprias mãos, sorrindo, abri-o...
Só de males teu cofre estava cheio.*

*Depois de tel-o aberto é que me veiu
Este remorso inutil e tardio:
E arrependido e tremulo, fechei-o
Para de todo não ficar vasio.*

*Esses males a que hoje me condennas
Cahiram todos sobre mim, de chófre;
São angustias mortaes e acerbas penas.*

*E em cambio, a quem, como eu, já tanto soffre,
Dás um goso, a illusão de um goso apenas
Encerrada no fundo desse cofre.*

JULIO CESAR DA SILVA.

LITTERATURE BRESILIENNE

Acabo de ler, deliciado, a segunda edição da "Litterature brésilienne" de Victor Orban. Orban é um brasilophilo convicto. Esta não é a primeira vez que o seu entusiasmo neo-latino exalta as nossas minguadas letras sobre Machado de Assis e a sua obra, com prefacio de Anatole France e discurso de Oliveira Lima, deu-nos tambem, ha cinco annos uma valiosa apreciação.

"Litterature brésilienne" é, em lingua franceza, a vulgarisação mais completa do nosso espirito literario de todos os tempos. Talvez não sómente literario, porque o seu livro respira brasileirismo por todos os póros. Para maior authenticidade elle ainda o offerece á nossa Academia de Letras.

Dir-se-ia que este mixto de selvagem e exotico da nossa flora literaria nos refluui a nós, com perfumes novos e sabores ineditos, pelas mãos do cultor estrangeiro. E' a nossa literatura emigrada á Europa e vinda de lá, ornada das vestes leves do idioma francez. O que lhe dá apenas um sabor picante de novidade curiosa. Apenas, porque tudo mais é a palpitação da nossa alma, do espirito da nossa literatura. São miniaturas expressivas dos nossos escriptores e artistas, trajados, com elegancia, no idioma de Racine. E' o que basta para a medida da nossa sensibilidade, das nossas preferencias, do nosso gosto, visualmente, em traduções flagrantes.

E' o Brasil que pensa e faz sentir sentindo que se vêm nessas paginas. Não unicamente o Brasil moderno, mas de sempre — da Vera-Cruz dos colonos ao Rio das Avenidas, das complicações da "Prosopopéa" á prosa subtil de Bilac.

Orban abre o seu livro com uma illustração duas vezes brasileira. — E' o frontispicio de Antonio Parreiras, nacional legi-

timo, symbolisando a nossa literatura no perfil evocativo de Iracema, "a virgem dos labios de mel." Nua e sentada, ella tem o aspecto triste de quem já fôra conspurcada pelo amor civilizado.

E' a imagem do nosso paiz virgem violado rudemente pela brutalidade dos primitivos colonos.

As primeiras paginas são sobre a personalidade imprecisa de Gabriel Soares de Sousa e de Bento Teixeira Pinto, o iniciador da poesia não propriamente do Brasil, mas no Brasil, com o gongorismo arrevesado dos seus canticos á Paranambuco :

Em o meyo desta obra alpestre e dura,
Húa boca rompeo o Mar inchado,
Que na lingoa dos barbaros escura,
Paranambuco, de todos he chamado.
De Para, na que he Mar, Puca rotura
Feyta com furia desse Mar salgado,
Que sem no dirivar, commetter mingoa,
Como do Mar se chama em nossa lingoa.

E' o Brasil em pleno seculo XVI.

D'ahi, da nossa literatura no seu inicio, elle mostra carinhosamente, em versões ageis, até os nossos dias, as paginas mais typicas dos nossos escriptores.

Admiravel anthologia — como não existe mesmo no Brasil, em portuguez — dos nossos literatos e pensadores, em lingua franceza, sonóra e bem cuidada. E' certo que lhe escapam alguns artistas, alguns philosophos, alguns juristas, vivos e mortos, que mais valor têm, por ventura, do que varios escolhidos. Mas, nella acompanha-se passo a passo, a evolução da nossa literatura que, sendo nossa, é, ainda assim, pouco mais que um desdobramento das correntes literarias da Europa.

Os traços de brasileirismo authentico e os sabores exoticos que repontam, por vezes, não bastam para caracterizar-nos, com propriedade, senhores de uma literatura original. São talvez apenas os toques ineditos que despertam a attenção. No mais se não parece um ramo da literatura franceza (e não prego este panico ás letras francezas) pelo menos passaria, em tão bellas versões, por cousas européas escriptas em francez.

E' curioso e inestimavel o emprehendimento heroico de Victor Orban. Curioso para o artista francez que, a par com as literaturas mais valiosas, conhece tambem o escriptor brasileiro, algumas vezes tão illustre e tão habil quanto desconhecido e insulado na estreiteza da nossa lingua; e inestimavel para nós, os do Brasil, que nos vemos vulgarisados no que possuimos de mais assignalavel no pensamento e na arte.

O seu livro, e é este o seu merito maximo, não se limita a criticar. Longe disto. A' analyse minudente dos nossos valores, ao balanço das nossas virtudes literarias elle prefere mostrar em traducções interessantes o nosso modo de ser authentico.

Os conceitos de um Wolf sobre as nossas letras não deixam de ser grandemente lisonjeiros, entretanto muito mais vulgarisadoras e queridas para nós serão versões como essas. Por mais carinhosos e mais veridicamente imparciaes que sejam os juizos individuaes são sempre individuaes; vêm sempre as cousas debaixo do seu senso proprio, da sua indole pessoal. E isto seria sufficiente para o maior elogio á "Litterature brésilienne". As criticas, as analyses, por muito suggestivas e justas, são sempre menos impressionantes e expressivas do que o facto em si, do que o quadro, a paizagem, a sensação *d'après nature*, viva e animada. Sem duvida preferimos, mil vezes, diante de uma obra de arte, que experimentemos nós mesmos a sensação, a sabermos como ou-trem a sentiu antes de nós ou suppõe que devamos sentir.

Qual a sensibilidade sufficientemente desnaturada para sobrepor a descripção da Venus Acroupie, do Apollo Sauroctono, ainda que no estylo mais vivido, á impressão pessoal, em que a alma vem á flor dos olhos para se impregnar, ella propria, do prodigo da belleza physica do milagre de umas linhas suaves, de umas formas delicadas que despertem, ao lado dos embevecimentos mais religiosos, os desejos mais violentos, os anceios mais profanos!

Não digo que se fique tambem como esse delicioso Boissard que, a força de tanto se saturar do bello, de tanto se penetrar da sua magia instantanea, se gastára em arroubos, se esgotára em sensações; mas é preciso vê-lo com os proprios olhos, proval-o com os proprios sentidos. Obtida a impressão será então illustrativo e commodo perceber a descripção nitida, a evidencia das formas, do pensamento, feita por alguem, transmittida por

outrem. Umas vezes porque apenas sabemos sentir e outras por nos parecer agradavel repassar as nossas sensações através as impressões alheias. Sómente, porém, depois de vermos nós mesmos, de sentirmos nós mesmos, para conquistar na visão ou sensação dos outros a prova, senão mathematica, psychologica do nosso bom gosto e da nossa receptividade. Assim a obra nos apparece ao nosso espirito pura e veridica como ella propria.

E, deste successo, tiradas as proporções, nos procura impregnar Victor Orban na sua bella anthologia franceza de escriptores brasileiros. São as paginas, senão sempre as mais formosas pelo menos bem caracteristicas das nossas letras, que elle collectiona no seu livro. E' verdade que, por momentos, sobretudo em poesia e em algumas especialmente, não digo o pensamento, mas a finura, a graça que constitue, enfim, a grandeza, o traço singular do espirito de uns versos, desapparece, quasi inteiramente, na prosa franceza. Isto resulta porém, além da alma do escriptor que se não apanha nunca da physionomia diversa, do espirito proprio, das virtuosidades de uma lingua que se não podem traduzir nem conter noutro idioma.

Quem, por exemplo, pôde comprehender e sentir no portuguêz a emoção impetuosa das "Naus" de Luiz Delfino, com bramidos de tempestades, no embate dos vocabulos que se entrecocam e precipitam, harmoniosamente, verá na versão franceza senão a insipidez das calmarias, pelo menos o increspado manso das superficies inquietas.

A traducção é magistral. Mas os versos feitos para serem declamados pelo vozeirão do Gama não poderiam ser expressos, noutra lingua que não a portugueza. E, desde o titulo, rapido, monosylabico e agudo de "Naus", que se traduz por "Navires", certamente sonoro, mas infinitamente meus energico e menos impressivo, até a musicalidade das estrophes, a sensação é da passagem de um Atlântico povoado de Neptunos bellicosos e sereias traiçoeiras, para as aguas mansas, onde se banham nymphaes languidas e propicias.

Eis a bella traducção franceza :

LES NAVIRES

*Planant sur leurs ailes, les navires entrent dans la marche
lente des oiseaux de mer qui reviennent fatigués, cependant que*

la vague déferle à leur pied et qu'autour d'eux les flots rythmément leur chant joyeux.

On dirait les cathédrales de marbre flanquées de tours, fuyant un vieux monde et fuyant la tourmente, et roulant pesamment leur masse énorme parmi les mîches de pierre et les aiguilles lancéolées.

Dromadaires de la mer — cet interminable Sahara, — ô navires, vous affrontez les cyclones, le cri qui monte du fond de l'abîme et les ouragans, face à face.

Vous valez mieux que ces trophées légendaires de granit qui gisent dans leur vaine architecture de Carrare... vous qui pour base avez l'Océan et pour coupole l'infini.

Como este, — *Planant sur leurs ailes, les navires entrent dans la marche lente des oiseaux de mer qui reviennent fatigués*, — na sua harmonia suave, na docilidade do seu rythmo sonóro trahe todo o impeto, todo o sobresalto dessas naus cavaleirescas, que accommodam, no concavo das suas velas heroicas, o espirito dos argonautas, impellido pela furia de Eolos vingativos, naquellas:

— “*Sobre as azas pairando as naus entram na lenta
Marcha de aves do mar que chegam fatigadas.*”

Em todo o soneto, o ruido que ribomba e atordoa, o rubro que offusca, o theatrical, mesmo, no sentido mais intimo do vocabulo, onde a exuberancia da emoção é a nota, onde o mysterio é sempre do abysmo tormentoso que traga e nunca do infinito tranquillo que dilata o sonho, só a lingua portugueza, com as suas impetuosidades violentas, a sua brandura de tons, poderá descrever e pintar com precisão. A sonoridade viva, porém suave, os rythmos de uma musicalidade limpida mas serena, as cores discretas, os coloridos violaceos, a delicadeza de sensibilidade do francez não diriam, nunca, sentimentos assim.

Vejamos se não ha qualque cousa de muito mais emocional e vivo na sensação expressa pelo poeta catharinense:

“AS NAUS”

*Sobre as azas pairando as naus entram na lenta
Marcha de aves do mar que chegam fatigadas
E, enquanto a espuma em flôr de uma vaga rebenta,
Outras cantam solaus rindo em torno agrupadas.*

Parecem cathedraes marmoreas, torreadas,
 Fugindo ao velho mundo e fugindo á tormenta
 Que entre nichos de pedra e agulhas lanceoladas
 Rolam pesadamente a mole corpulenta.

Dromedarios do mar — intermino Sahara —
 O' naus, vós affrontaes os cyclones, o grito
 Negro, que vem do abysmo e uracões cara a cara.

Sois mais que esses trophéos lendarios de granito
 No seu panejamento enorme de Carrara...
 Vós, cuja base é o oceano e cupula o infinito!

Logo na primeira quadra, naquellas “azas... de aves do mar que chegam fatigadas”, parece que temos a impressão optica de todo o esforço, de toda a angustia que ruia a alma de Colombo e dos seus companheiros de perigo, quando aportavam ás praias americanas, sob as vistas da indianada inquieta. E não evocam, certo, no seu panejamento branco, essas “Naus” intrepidias, que largam, protectoramente, sobre a terra firme toda aquella gente estranha, outra cousa que aves gigantes batidas das tempestades, corridas das procellas para o seio da ignota America.

Todo o soneto é uma como epopéa angustiosa e alviçareira, com brados de triumpho e gritos laciniantes de dôr, visualmente, tangivelmente revelados aos nossos olhos pelos recursos onomatopaicos e picturaes do nosso idioma.

Entretanto esta diferença é naturalissima. E' materialmente impossivel fundir o espirito de uma lingua noutra lingua. O pensamento, porém, a idéa do quadro e do talento do auctor, mais do que isto: traços circumstanciados, poesia, detalhes ficam authenticamente traduzidos, quasi sempre.

Algumas vezes a habilidade de Victor Orban, que é um soberbo, mas soberbo estylista, contendo no rythmo francez e na sua sensibilidade serena as exuberancias de escriptores nossos, dâmos, não só uma versão expressiva, o que, aliás, acontece continuamente, porém um apanhado flagrante da feição da forma, do artista brasileiro.

Isto é virtude rara. Para tal se faz preciso, além do conhecimento perfeito do idioma que se traduz, a apprehensão do estylo, do pensamento e até do temperamento do artista: uma especie de alheiamento de si proprio, para a transfusão de uma alma e uma sensibilidade diversa, na sua lingua, plasmada para as singularidades e dissimilitudes mais chocantes e definitivas da outra.

Para exemplo bastam alguns trechos da pagina de Ruy Barbosa sobre Thomaz Carlyle. Ahi parece, o milagre, que com Luiz Delfino fôra impossivel, operára-se evidentemente. Até nos persuadimos, ás vezes, de que foi o proprio Ruy que os escreveu em francez tal e tamanha é a semelhança com os impetos, a desbordancia pomposa e profundamente rythmica da sua maneira de pensar e dizer. A impressão é do nosso Amazonas alluvial, cavando sulcos, tragando terras, criando e fertilisando mundos, para plantios vindoiros e crystallisações esperadas a deslisar por mananciaes francezes, que resoam, milagrosamente, com reminiscencias de rio mar.

— *Carlyle était l'un des grands Anglais dont les écrits m'étaient les moins connus. Les tristes loisirs de l'exil me les rendirent familiers.*

.

Bientot, comme un passager jeté à la côte par le naufrage, après avoir entendu gémir la mer tempêteuse, les recifs ne m'effrayèrent plus. Ces rives escarpées sont comme les défenses sévères d'un monde jaloux de ses trésors. Si vous en approchez, vous verrez comme la poésie coule de ces rochers. Ce n'est pas la poésie des abeilles de l'Hymette. On sent davantage en elle l'âpreté des bisces lourdes de l'Océan. Ce n'est guère une poésie qui fasse les délices du goût, comme la douceur du miel. C'est plutôt la poésie de la voûte étoilée avec ses espaces sombres où le bleu s'estampe dans les ténèbres, avec ses nébuleuses vagues, ses longues voies lactées, chemins indécis de l'idéal. Cela ne veut pas dire que la nature de l'œuvre de Carlyle soit contemplative et rêveuse. Son inflexible sincérité, la violence de ses contrastes, la sauvagerie des images qui peuplent son style, la lutte continue de son originalité contre les préjugés et les conventions sociales, son enthousiasme pour les expressions héroïques de l'individualité humaine,

le retentissement de ses apostrophes, les variations indefinissables de son humour, mélancolique et riant austère et goguenard, éloquent et brutal, la monotonie même de certains courants de sa pensée, itératifs et périodiques comme les vents qui soufflent de certains coins du ciel, font songer, à un panorama de rochers arides au bord des eaux bleues dont le cristal se rompt en vagues frangées d'écume blanche, la houle battant, les promontoires silencieux, les oiseaux faisant planer leur vol solitaire et au-dessus, dans l'apaisement de la tempête, là où les étincelles de la foudre ne jaillissent plus, l'éternel calme du firmament la force, la lutte, la pureté, l'éloquence, l'immortalité.

...

E' com este carinho e esta nitidez de tintas que se denuncia em lingua franceza, ao mundo, a nossa escassa literatura.

Cada escriptor brasileiro tem a sua pagina magistralmente traduzida. Ahi, só se não realizou o impossivel. Se o verso e especialmente, o verso que exprime um facto caracteristico e uma nervosidade excepcional, como a de Luiz Delfino, Raymundo Corrêa, Bilac, e Alberto de Oliveira, não deram, em prosa rythmada a sensação do original, foi porque certas poesias traduzidas, perdem, não direi, precisamente, mas modificam-se muito, alteram muito a sua feição natural.

Ah! qui exprimera, à me impuissante et esclave, ce que la bouche ne dit pas, ce que la main n'écrit pas?

Tu brûles, tu saignes, clouée à ta croix, et bientôt tu vois se fondre en boue ce que t'éblouissait...

La Pensée bouillonne, c'est un torrent de lave; mais la Forme, épaisse et froide, devient un tombeau de neige... Et le mot lourd etouffe l'idée légère qui lumière et parfum, brillait et voltigeait.

Qui trouvera la forme propre à tout exprimer? Hélas! qui dira les angoisses infinies du Rêve? et le ciel qui recule devant la main qui s'élève?

Et la colère muette? et le dégout muet? et le désespoir silencieux et les paroles de foi qui n'ont jamais été prononcées? Et les aveux d'amour qui expirent sur les lèvres?...

Esta versão das lindas estrofes de Bilac, apesar de traduzir, quasi, palavra por palavra, de transfundir quasi, pensamento

a pensamento, não define, não dá nunca a sensação crua e ainda que fosse em verso não o faria, da

INANIA VERBA

Ah! quem ha-de exprimir, alma impotente e escrava,
O que a bocca não diz, o que a mão não escreve?

— Ardes, sangras; pregada á tua cruz, e, em breve,
Olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbrava...

O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava:
A Forma, fria e espessa, é um sepulchro de neve...
E a Palavra pesada abafa a Idéa leve,
Que, perfume e clarão, refulgia e voava.

Quem o molde achará para a expressão de tudo?
Ai! quem ha-de dizer as ancias infinitas?
Do sonho? e o céu que foge á mão que se levanta?

E a ira muda? e o asco mudo? e o desespero mudo?
E as palavras de fé que nunca foram ditas?
E as confissões de amor que morrem na garganta?!

Em prosa já tenho visto perfis suaves, como dessa mystica Salambô ou palpitantes e quentes, como o da irrequieta e doidivanas Mme. Bovary, saltarem, vivos e animados, das vestes *flauberianas*, pela revelação minudentemente exacta de João Barreira.

No verso porém, nunca vi cousa assim. Nem a admiração prodigiosa, nem o maneirismo artificioso de Baudelaire, nem a sua affinidade, tão intima, com a alma do Pöe, bastaram para produzir o milagre de transfundir flagrantemente, em frances, o poema do grande poeta americano.

Nabuco, numa das suas conferencias sobre Camões, em Universidades americanas, lamenta, sentidamente que não possam apanhar os seus ouvintes, numa percepção integral a grandeza dos Luziadas. E note-se que elle proprio traduzira varios trechos e se referira, não poucas vezes, a versões completas e formosas do grande poema epico.

Nada disto, no entanto faz decrescer de um ceitil o trabalho sem par de Victor Orban.

Dos nossos poetas, em prosa sonóra, elle dá uma idéa perfeita. Dos nossos prosadores, cujas paginas illustra em francez limpido revela as virtudes e os predicados mais valiosos.

O seu livro foi uma empresa intrepida. Mais que isto, uma benemerencia á nossa nacionalidade historicamente apontada á gente que lê francez, e não é pouca, no que ella tem de mais desvanecedor aos nossos fóros de povo culto. E' uma arte senão brasileira, uma literatura senão nacional, ao menos uma literatura e uma arte superiormente praticadas por aqui, que se evidenciam com galhardia e se affixam com estos febris.

Ao lado de versões habilmente feitas, para que cada leitor possa, por si mesmo, ajuizar do merito da nossa literatura, elle antepõe sempre uma nota biographica e, com raras excepções, a photographia do escriptor citado. E' um serviço de reportagem literaria admiravel.

Biographar toda esta multidão de literatos nossos da época colonial até agora, traçando-lhes, invariavelmente, desde a nacionalidade, as características dos seus espíritos, ao numero e á qualidade das producções, é, para estrangeiro, tentamen positivamente heroico.

Um ou outro senão excusável só servirá para patentear melhor o mundo de difficuldades, em obra deste genero, tão galhardamente vencido pela sua perseverança e carinho. Dentre estes, conta-se, por exemplo, o peccado venial de arvorar o Rio de Janeiro em torrão natal de Felix Pacheco, quando o illustre acadêmico nunca deixou de ser, e fervorosamente, um authentiquissimo e bom piauhyense, e de designar de poema o "Inferno Verde", esta obra impressionista, mas incontestavelmente em prosa, do sr. Alberto Rangel. E, sobretudo, o que é mais curioso, quando nos deve mostrar o estylo animado, colorido e diabolico de Paulo Barreto, a citação de um trecho do "Momento literario", que é nada mais, nada menos que a opinião de Clovis Bevilaqua, sobre a literatura nacional.

Estes factos que são, aliás, os mais notaveis de todo o livro não afeiam, porém, nem desvalorisam a integridade e o valor dessa bella anthologia francesa.

"Litterature brésilienne" é bem a revelação ao mundo culto, do Brasil e dos seus homens representativos.

A. CARNEIRO LEÃO

FACTOS E IDÉAS

IMPREVIDENCIA E PARADOXO

"Londres, 1 — O ministro do Brasil, nesta capital, sr. dr. Fontoura Xavier, procurou hoje sir Eduardo Grey, secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, com quem teve uma longa conferencia. Nessa entrevista, que foi demorada, o sr. Fontoura Xavier pediu ao sr. Grey permitisse que voltassem ao Brasil com carregamento de carvão os vapores "Royal Sceptre" e "Ouro Preto", já requisitados.

Reclamando essa autorisação o sr. Fontoura Xavier demonstrou ao ministro inglez que o carvão que deve seguir nos dois vapores é de urgente necessidade para a iluminação publica das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde está imminente o perigo da iluminação publica ser interrompida por falta absoluta de carvão.

Demonstrando isso, o sr. Fontoura Xavier declarou que o seu governo fazia sentir muito profundamente a sir Eduardo Grey as consequencias desastrosas que poderiam advir, se o Rio de Janeiro e S. Paulo se vissem forçados a ficar ás escuras.

Parece, segundo corre nas rodas diplomaticas, que o governo inglez vae permittir a saída do "Royal Sceptre" e do "Ouro Preto", carregados de carvão para o Brasil."

E' exacta a noticia, apezar da data do telegramma — 1.^º de Abril, dia dos "santos inocentes". Foi confirmada posteriormente, embora de modo indirecto, por uma nota official, em que se deram a conhecer as negociações entabolidas entre a legação britannica e o nosso ministerio afim de ser garantido um minimo de exportação, pelos portos carvoeiros, correspondente ás necessidades "indispensaveis" do paiz. Safámonos, pois, desta feita á curiosa mas arriscada experienca de termos a nossa capital e o Rio ás escuras. Poder-se-á ter idéa do que isso representaria pela maxima policial corrente de que "um bico de gaz vale por um rondante"... Ainda bem, portanto.

Até quando, porém, se estenderá a garantia concedida, admittindo que realmente o fosse? Até o fim da guerra? E' mais do que duvidoso, dada a marcha dos acontecimentos. Até quando, então?... Quem poderá responder a semelhante pergunta? O certo e positivo é que estamos na dependencia de circumstancias, alheias á nossa vontade, para assegurar o fornecimento de um producto que se tornou tão necessario á vida e segurança da população como a agua e a luz. Dá-nos a ameaça a possibilidade de prelibar as delicias do que nos proporcionaria o bloqueio, por uma potencia inimiga, dos nossos dois portos principaes.

Devaneio?... Talvez. Foi a impressão que nos causou, annos atraz, a leitura de uma nota que nos fôra comunicada pelo saudoso dr. Alfredo Maia. Referia-se esse documento á conveniencia de adoptar para a Capital Federal um suprimento mixto de gaz illuminante e de gaz "pobre". Era da la-vra do malogrado Frederick Stark Pearson e nas suas primeiras paginas estavam rigorosamente previstos os acontecimentos da hora presente. Dir-se-ia que o autor presentia dever ser uma das primeiras victimas, no monstruoso attentado do *Lusitania*... Não tomámos, então, a coisa a serio. E, a despeito dos calorosos protestos daquelle distinto collega, gracejámos do que suppunhamos não passar de reclamos adequados a quem queria vender seu peixe...

Encarregou-se o tempo de mudar o prisma atravez o qual, nessa occasião, enxergavamos o mundo e a sociedade do seculo vinte. Fomos mesmo, por esse motivo, um dos poucos que mais voluntariamente contribuiu, na medida das proprias forças, ao chamado intelligent dos organisadores da "Companhia Paulista de Minas de Carvão de Pedra". Poucos não é o termo exacto, mas sim raros. Com tristeza o dizemos, deante da indifferença em meio da qual se arrasta a tenacidade e esforço desses benemeritos; para que tal succeda é mister que no Brasil ande muito esmorecido o sentimento patriotico, ou que a dose de imprevidencia que transpira de todos os nossos actos seja mais grave do que se suppõe, para que uma iniciativa dessa natureza se veja obrigada a gravitar em orbita tão reduzida.

Era de facto essa mesma imprevidencia, de que não ha entre

nós quem não tenha as mais intimas razões de queixa, que dictará a nossa attitude perante a alludida nota, aliás tão sensata e perfeitamente fundamentada, que nos fôra submettida. A guerra?... Quem é que pensava em tal? Adormentados por cerca de quatro decennios de paz pôdre, não era a homens da nossa geração que tal phantasma apavoraria. Havia, é verdade, no contexto do memorial, razões um pouco mais proximas e tangiveis. O perigo de uma gréve, por exemplo. Uma installação de gaz "pobre", como era proposto executar, em paralelo com as retortas de gaz commum, confere á usina que a tem á sua disposição, uma elasticidade sem par. E' mesmo o unico anteparo contra as consequencias de uma agitação operaria que paralyse, por alguns dias, o trabalho de uma cidade. Fôra, até, precisamente, a principal razão que levara Pearson, advertido pela experientia propria dos acontecimentos que haviam perturbado, tempos antes, a vida carioca, a aconselhar o seu emprego. Havia, tambem, figurada a hypothese de um accidente, um attentado em ponto vital da usina...

Que valor tinha, porém, tudo isso perante a inercia, a rotina espiritual que nos é tão difficult contrariar? Não havia, além do mais, uma causa, um motivo superior, uma "razão de estado" em summa que se oppunha a todos os seus argumentos? Os perigos que adviriam á população com o uso constante de um producto perigosissimo, toxico violento e subtil, capaz de produzir accidentes mortaes em pouco tempo, não era, por si só, mais do que sufficiente para se oppor a todas as bôas vantagens, evidentes embora, de ordem social, apontadas pela parte interessada? Certamente que sim. Que sacrificasse, pois, ella, com as vantagens enumeradas, os proventos suplementares que quasi sempre auferiria com o emprego do seu apergoadoo gaz "pobre". *Salus populis suprema lex...* E assim terminou de nossa parte a palestra-discussão, retrucando-nos Maia ao despedir-se com esta phrase de que só mais tarde comprehendemos o perfeito cabimento: "com a sua logica scientifica salvam muitos medicos das doenças os clientes; do remedio é que estes nem sempre conseguem escapar."

Era elle quem estava com a bôa razão. Deslisaramos nós muito naturalmente e sem disso nos aperceber, para o ponto de vista absoluto, unilateral e, portanto, erroneo — tão

commum nas organizações administrativas em toda a parte, e nas que têm a seu cargo os serviços d'hygiene em particular — no considerar um problema concreto, real, que apresenta, esse, como quasi todos, não um só, mas muitos aspectos, dignos, cada um delles, de serem devidamente ponderados antes da decisão final. Tão commum que o nosso contradictor foi esbarrar no Rio com a mesma, mesmissima muralha, opposta em nome de um "paradoxo scientifico", puro e simples, no caso um "paradoxo hygienico", á installação que a empreza do gaz alli estabeleceu e que não pôde nunca funcionar, pondo os fluminenses em apuros muito mais serios e immediatos que os paulistas e os argentinos em casos semelhantes, de guerra, bloqueio, parede, revolução ou sinistro e ainda, igualmente, em detrimento dos interesses do fornecedor, tão respeitaveis afinal como outros quaesquer.

Como é que se origina, cresce e crystallisa um "paradoxo" desta natureza, levando a consequencias com que todos perdem e collocando o Rio em condições mais precarias que as da nossa Paulicéa ou as de Buenos Aires? Eis o que vamos tentar mostrar.

*
* *

Os combustiveis mineraes apresentam composições muito variaveis. Assim, se puzermos em parallello um bom carvão de pedra de Newcastle, como os que importam as nossas emprezas de gaz, com uma anthracite das que se encontram tão abundantes nos Estados Unidos e lá são empregadas para o mesmo fim, encontraremos as diferenças seguintes em cem partes:

	Newcastle	Anthracite
Parte volatil	31.95	10.06
Agua	1.35	
Coke	66.70	89.94

Puzemos de parte os corpos acessorios, tal o enxofre, que tambem existem em pequenas proporções, para apenas accen-tuar as linhas principaes.

Se distillarmos, em vaso fechado, o primeiro desses combustiveis para lhe aproveitar os principios volateis em que, mostra o quadro, é elle tão rico, teremos o gaz de illuminação,

o nosso “gaz”, sem outra designação particular. Se, pelo resíduo solido dessa distillação, o “coke” que todos conhecem, ou pela anthracite — que o contem, segundo os numeros acima, em tão grande proporção — fizermos passar, depois de se achar incandescente, uma corrente de vapor de agua, teremos o gaz que é conhecido pela denominação de “pobre” ou que ainda, tendo em vista a sua fabricação, é apelidado de “gaz de agua”. Essa “pobreza” é apenas relativa. Exprime o ponto de vista das necessidades da illuminação, hoje antiquada, pela chamma ao ar livre ou de bico commun. A do gaz “pobre” é “azul” e não dá, portanto, a luz requerida. Para obter esta, em qualidade e quantidade comparaveis ás do gaz commun, é preciso “enriquecê-lo” artificialmente com a parte volatil em que é tão deficiente, como patenteia a analyse supra. E isso se consegue por meio dos oleos mineraes, do benzol e outros productos de composição analoga.

Nestes factos vamos encontrar a razão de ser da evolução geographica do gaz “pobre” que, embora conhecido desde época longinqua, só veio a tornar-se de emprego pratico depois que um chimico francez, Tessié du Motay, inventou o processo industrial de preparo a que deu o seu nome. Não lhe sendo possível deparar applicação na Europa, transferiu-se para os Estados Unidos, onde de um lado a opulencia das jazidas de anthracite e, de outro, a nimia barateza dos residuos de fabrico do kerozene abriram largo campo á utilisação do methodo. Aperfeiçoado este pelos americanos Strong e Lowe, disseminou-se tão amplamente que mais dos 80 por cento do gaz de illuminação da grande Republica são constituidos de gaz “carburetado” — é assim que é conhecido depois de “enriquecido”. Devia a França apresentar o quadro opposto. Os direitos consideráveis que incidiam sobre a importação dos oleos mineraes tornaram prohibitiva ou sem interesse a “carburetação”; sómente depois que a producção industrial do benzol em grande escala se tornou possivel é que o problema começou a ter attrativo.

Subiu de grau essa vantagem a partir do dia em que a descoberta de Auer von Welsbach veio tornar dependente, pelo emprego do veu incandescente, a illuminação do calor e da temperatura da chamma, emancipando assim a luz da quanti-

dade de carburetos contidos no gaz distribuido. Desde esse momento, até paizes que, como a Inglaterra, possuam as mais reputadas jazidas de carvão para gaz, foram invadidos pelo novo producto. A primeira applicação alli registada data de 1891; pois bem, em 1900, dos 4.167 milhões de metros cubicos de gaz fabricados, 283 milhões já pertenciam ao gaz pobre. E a proporção cresceu depois com a maior rapidez. Escusado será dizer que os povos de lingua alleman não ficaram para traz. Pelo contrario. Encontrando-se alli muitas distribuições de gaz geridas directamente pelas autoridades municipaes, estas, com os braços desembaraçados de contractos existentes a respeitar, procederam a extensas e interessantes applicações de nomeada universal, como a de Nuremberg, e deram oportunidade a que surgisse o metodo de melhor rendimento até agora conhecido, o de Dellwik-Fleischer que permite extrahir de igual peso de carvão mais do dobro do gaz que collimava obter o processo anterior.

Apparece a face hygienica da questão com a entrada do producto no velho Mundo. Para bem a apprehendermos, ponham-se em paralelo, como fez um adversario decidido do gaz pobre, a sua composição e a do gaz commun :

	Em cem partes de		
	gaz commun	gaz pobre	
Hydrogenio	50	40	Util (calor, luz)
Méthane	30	15	Util (luz)
Oxydo de carbonio..	9 a 13	30	Inutil (toxico)
Benzol	4 a 6	3 a 5	Util (calor, luz)
Ethyléne	3 a 4	4 a 8	Util (calor, luz)
Hydrogenio sulfurado	0	3	Inutil (mau cheiro, deteriora os apparelhos)
Acido carbonico ...	1 a 2	1 a 2	Inutil (prejudica a combustão)
Oxygenio	0	2	Inutil (deteriora os apparelhos)
Azoto	2,8	1 a 2	Inutil

Ponha-se de parte o que diz respeito á economia do sistema cujos inconvenientes, no que diz respeito ao estrago dos apparelhos, os processos de depuração permitem reduzir a nada ou quasi. Ponhamos igualmente á margem o mau cheiro imputado á presença do sulfydrico; todos sabem que o gaz

commum tão pouco rescende a rosas; a arma é, além do mais, de dois gumes, pois ha quem prefira o mesmo gaz commum, que tambem não é inocente para o organismo, justamente porque o cheiro lhe assignala a presença.

Fica de pé o oxydo de carbonio. Ahi, sim, que existe um perigo real. O gaz pobre contem-no em dobro, ou mais ainda. Está-se em presença de um dos mais violentos venenos que podem pôr em perigo a nossa pobre carcassa. Ha cerca de quinze annos, um homem cujo nome só por esse facto passou á posteridade, Theodoro Scribante, submetteu-se a uma série de experiencias perigosas *in anima vili*, capazes de rivalisar com as de Cleopatra em quadro que a oleographia barata tornou populares. Encerrou-se dentro de uma camara de ferro que existe no Instituto Physiologico de Turim, sem outras aberturas que não sejam um oculo de vidro, uma fresta circular, vedando hermeticamente, e os orificios de penetração dos apparelhos de medida; alli permaneceu durante 22 minutos, sem sentir qualquer coisa digna de nota, respirando uma athmosphera artificial que continha tres decimos por cento de oxydo de carbonio.

Repetiu ainda a experientia, varias vezes e com outras dôses. Numa dellas, tendo ficado 35 minutos dentro da caixa, e tendo sido elevada a proporção a 0,35 °%, sentiu dôr de cabeça e os dois professores Mosso que dirigiam a operação puderam verificar leve diminuição na frequencia da respiração, e diminuta acceleracao do pulso. Mas, da ultima vez deu-se por satisfeito o nosso heróe. Scribante deixara de respirar ao cabo de pouco mais de tres quartos de hora de estadia numa athmosphera contendo 0,43 °% do malefico gaz. Voltou á vida com facilidade, mas não quiz mais voltar para dentro da caixa. Para lá foram alguns fieis amigos do homem, que corroboraram o algarismo encontrado para o seu predecessor.

Ficou-se sabendo que perante a morte, pelo menos recorrendo ao oxydo de carbonio, homem e cachorro são eguaes. Não resistem a mais de 1|233 desse composto em diluição no ar respiravel. E Gréhant, autoridade na materia, aceitou o resultado nessas condições, isto é, para as intoxicações agudas, diferentes das da maioria dos casos possiveis na vida commum. Para esses, demonstra a observação que proporções menores, tão variaveis segundo as condições que vão de 1|1000 a

1|7000, são mortiferas quando respiradas por muito tempo. E' o caso das engommadeiras parizienses, permanecendo de manhã á noite, junto a fogões de aquecimento com combustão defeituosa.

*
* *

Quando se envereda por esse caminho, as conclusões tetricas são inevitaveis. Dêmo-nos ao trabalho de fazer um pequeno calculo. Supponha-se aberto por descuido um bico de incandescencia commum que vasa 15 litros por hora. Teremos, fechando hermeticamente o quarto de cama, 12 litros de oxydo de carbonio no fim da primeira hora, quasi cem ao cabo de 8 horas de sono; num compartimento de 25 metros cubicos, chegamos ao theor de 4|1000. E' a morte pela certa segundo os numeros de Gréhant, tanto mais que á accão do oxydo de carbonio se vem juntar a do acido carbonico e a dos outros corpos que entram na composição do gaz pobre, dos quaes alguns são tambem prejudiciaes.

Foi a França que offereceu o exemplo mais frisante da formação de uma corrente de opinião, adversa a essa phase da evolução da industria gazista, provocada por meios desta ordem. Um grande jornal pariziense, cujo nome Delahaye não cita mas que pelos signaes é o mesmo a que alludimos na nossa chronica anterior, levantou campanha aberta contra o novo producto. "Como, querem envenenar-nos ainda mais?!. . . Acham ainda pouco o que já temos?!. . . Mesmo em plena rua somos já hoje envenenados a cada passo com escapamentos de gaz ou, por outra, de oxydo de carbonio. Paris tem mais de mil kilometros de canalisação mestra e, mesmo nos melhores encanamentos ha 10 e, por vezes, 20 por cento de gaz perdido. Calcula-se, portanto, que em 24 horas se desprendem 8 litros de oxydo de carbonio de cada metro quadrado de via publica desta cidade." O autor d'onde extrahimos a citação limita-se a fazer notar que, no anno de 1904 em que as linhas acima eram impressas, segundo o relatorio da respectiva Companhia, a totalidade de gaz sahida dos gazometros e não paga pelos consumidores era de 16.062.071 metros cubicos; pelo calculo em que se baseiava o famoso orgam dos interesses publicos *setecentos milhões ainda não chegariam* . . .

Nem por isso deixou a atoarda de produzir seus resultados. Em 1907, o Conselho Municipal, depois de encarniçada lucta entre os partidarios e adversarios da proposta que admittia o uso — e sómente em proporção de 15 °/º do volume total no gaz distribuido — rejeitava por 37 votos contra 35 a autorisação pedida. E' verdade que alguns annos mais tarde, em virtude da economia alli possivel de realizar mesmo com essa pequena proporção e impressionados os edis pelo exemplo de todos os outros paizes, a medida era finalmente aprovada a 29 de Novembro de 1913. Mas não é menos exacto que a oposição se baseára em voto categorico do Conselho de Hygiene e Salubridade do Departamento do Sena, concebido nestes termos textuaes: "Em quanto o gaz de agua contiver uma proporção de oxydo de carbonio superior á do gaz commum, a sua introducção nas canalisações não deverá ser permittida."

Quasi simultaneamente com o veredicto da douta assembléa era entretanto publicada a seguinte estatistica, referente ás cidades hollandezas que nesse anno de 1906 *não haviam registado um unico accidente de intoxicação pelo oxydo de carbonio*:

Cidades	População	Produção de gaz commum metros cubicos	Produção de gaz pobre metros cubicos	Proporção de gaz pobre no total
Amsterdam	564.194	54.225.040	19.516.830	26,4
Rotterdam	390.364	26.397.865	12.922.681	32,8
Haya	248.959	30.630.714	9.497.802	19,6
Utrecht	114.692	11.135.840	7.289.230	39,5
Haarlem	69.702	9.403.900	294.190	3,0
Arnhem	62.277	8.867.616	1.707.832	16,1
Leiden	57.095	8.599.599	720.263	7,7
Tilburg	43.500	3.821.331	630.680	14,1
Maastricht	36.477	2.927.880	7.870	0,26
Leeuwarden ...	34.789	2.926.060	498.725	14,5
Zwolle	33.000	2.509.412	1.451.940	36,6
Deventer	27.808	2.692.050	623.928	18,8
Alkmaar	20.399	2.509.677	125.403	4,7
Zutphen	18.423	2.404.477	348.943	12,6
Venlo	17.183	1.143.909	244.592	17,6
Bergen-op-Zoom .	14.720	971.744	55.218	3,3
16 cidades ...	1.753.592	171.167.114	53.936.187	23,95

Tinham, pois, as summidades officiaes do Conselho de Hygiene do Sena a contrariar as suas apprehensões e, ao mesmo tempo, a pôr em duvida a procedencia dos calculos theoricos de que demos exemplo, os dados reaes colhidos sobre um numero de individuos quasi igual á populaçāo do nosso Estado e nas condições as mais differentes, taes como podem ser offerecidas por dezeseis localidades distinctas. E, note-se, ao percorrer a ultima column, como nos encontramos distantes da modesta porcentagem fulminada administrativamente, sem appêlo nem agravo. Como os modestos 15 °/º rejeitados em Paris fazem triste figura ao lado dos 32,8 de Rotterdam ou dos quasi quarenta de Utrecht, sem que as rubicundas maçāsinhas do rosto das graciosas subditas de S. M. Guilhermina dēsem em empalidecer...

*
* * *

Foram considerações desta natureza que levaram os ingleses a concluir de modo diverso. Agitada a questão perante a opinião publica — algumas linhas mais abaixo encontrará o leitor lapidarmente exposto qual o sentimento de respeito pelo individuo que sempre a norteia — nomeou o Parlamento uma commissão de inquerito deante da qual desfilou a "nata" do que possue aquelle paiz em gazistas e hygienistas. Todos sabem que se a solução da guerra actual dependesse destas duas especialisações, já outra seria a superioridade de posição dos alliados. Nellas, como no mar, *rule Britannia...* Pois bem; até hoje não julgou o Parlamento Inglez dever intervir na proporção de gaz pobre a ser introduzida nas canalisações.

Mostraram-se, no decorrer do inquerito, os hygienistas mais exigentes do que quaesquer outros. Não era de esperar outra coisa. Que diferença entretanto com o ponto de vista intransigente, risrido, radical do Conselho do Sena. E' difficult furtar-se á tentação de privar, a quem tem a paciencia de nos ler, do sabor de um reflexo. Dar-lh'o-á o illustre Percy Frankland que nesse anno, 1899, presidia a secção de sciencias physicas e biologicas do congresso que em Southampton reunia o Sanitary Institute.

"Um dos grandes factores que entre nós mais contribue para o progresso dos conhecimentos geraes e esclarecimento do espirito pu-

blico é indiscutivelmente o "livro azul" de uma commissão "Real" ou de um comité "Departamental". Todo o inglez deposita no conteudo desses volumes de capa anil a mesma fé infantil e acima de qualquer discussão com que toma conhecimento das deliberações de um jury de doze homens, cujos nomes, qualificações, temperamento e posição ignora ou lhe são indifferentes. Duvidar da inspiração de um "livro azul" e discutir as conclusões de um corpo de jurados são para elle duas formas de heresia que ferem os proprios alicerces da sociedade britannica e merecem, por consequencia, a condemnação a mais severa, senão o mais exemplar castigo.

"Não ha duvida de que ambas são excellentes instituições, e longe dos meus intuitos está tentar sequer estremecer esses idолос em seus pedestaes, pois que no que diz respeito á hygiene e saude publica o "livro azul" tem quasi invariavelmente produzido beneficos resultados. Se alguma queixa tivesse de emitir seria precisamente a de ver as attribuições dos membros das respectivas commissões limitadas a merecer respeito, ao passo que as suas recommendações sofrem em geral o mesmo destino que todos reservamos aos excellentes conselhos que costuma dar-nos o vizinho do lado.

"No que toca á hygiene e á saude publica foi o ultimo anno em extremo fertil nessa forma de litteratura inspirada e encadernada na cõr do ceu, pois que nada menos de tres relatorios separados, emanando de tres commissões distinctas, foram publicados sobre assumptos que são de grande interesse para os membros do presente Congresso.

"Em todos os tres casos os problemas eram da mesma natureza, representando, como representavam, conflictos entre interesses industriaes e interesses da hygiene.

"Encontramos num em conflicto os interesses dos fabricantes de gaz e a segurança do publico; outro existe um conflicto entre os interesses dos fabricantes de louça e a saude dos seus empregados; representa o terceiro, em oposição, os interesses dos fabricantes de phosphoros e a hygiene dos operarios que para elles trabalham.

"E' evidente que o primeiro é o que patenteia maior importancia, affectando como affecta a totalidade da populaçao. Foi elle provocado pela recente introducção de modificações nos processos de fabrico do gaz, levando a circular nas tubagens de muitas das nossas cidades um novo producto, apreciavelmente mais rico em oxydo de carbonio que, como é bem sabido, é o mais venenoso dos componentes do gaz illuminante commum. E' esse inquerito, por todos os motivos, dos mais notaveis pois alli se admitté unanimemente que o risco real para o individuo com o accrescimo que se dá em oxydo de carbonio é quasi infinitesimal e assim poderá, á primeira vista, causar extranheza que semelhante assumpto constituisse objecto de tão elaborado trabalho. Acredito, contudo, estou no direito de pensar, que nada ha de mais fundamentalmente repugnante para um inglez do que a idéa de ver sacrificada uma só vida que seja desnecessariamente; seria uma injustiça para

com o individuo, e injustiça com a simples unidade é de tal modo contraria aos nossos instintos e tradições de igualdade e equidade como se se tratasse de toda a comunidade ou mesmo da raça. A verdade ainda vai mais longe, visto que sob muitos aspectos a injustiça individual parece de facto mais intoleravel ao sentimento inglez do que a injustiça que affecta a muitos.

“Foi o perigo inherente á mistura de gaz pobre e gaz commum examinado por uma commissão de competencia fóra do commum, contando entre os seus membros um homem de sciencia — o dr. Haldane — cujos estudos anteriores sobre o assumpto se achavam assignalados de maneira conspicua.

“Demonstrou elle que, dadas as mesmas condições de capacidade de compartimento, ventilação, pressão de gaz e tempo durante o qual uma pessoa se acha exposta ás consequencias de uma fuga, o perigo proveniente de um escapamento é muito maior no caso de um gaz contendo proporção consideravel de gaz pobre do que no caso do gaz commum. De facto, o ponto realmente importante a ter em mente é que o perigo aumenta bem mais rapidamente do que a proporção de oxydo de carbonio; ou, por outras palavras, que um gaz contendo o duplo do oxydo que contem o gaz commum offerece francamente perigo mais que dobrado.

“Na opinião da commissão, o exemplo mais convincente dos riscos, que acompanham a distribuição de gaz rico em oxydo de carbonio, encontra-se nas estatísticas de mortalidade do Massachusetts. Mostram os numeros que em Boston

1886 —	nenhum gaz pobre;	em 29.554 consumidores houve	0 mortes
1890 —	8 % de " "	; " 46.848	" " 6 "
1895 —	90 % " "	; " 68.214	" " 24 "
1897 —	93 % " "	; " 79.893	" " 45 "

“Esses algarismos mostram que o desenvolvimento sem peias da industria do gaz pobre deve ser encarado com serias apprehensões. Por felicidade não ha a mesma vantagem commercial entre nós em substituir o gaz pobre ao gaz commum nas proporções que a America regista e torna-se mais facil, portanto, restringir o seu volume na distribuição. Suggeria a commissão que não fosse permittida a introducção nas canalisações de gaz contendo mais de 20 por cento de oxydo de carbonio, limite que corresponderia approximadamente á mistura de partes eguaes de gaz commum e de gaz pobre.

“A extensão do perigo effectivo que está ligada á distribuição de gaz pobre complica-se e não pouco por um outro aspecto: numero consideravel das fatalidades que citei como ocorridas em Boston foram devidas a suicidios e não a accidentes. Vê-se portanto que as circumstancias põem em relevo ser o risco de accidente menor do que o

indicado pelo numero total de obitos, mas que fica á disposição de todos um instrumento de morte especialmente seductor.

"A legislação das nações civilisadas intervem na venda dos alcaloides e outros venenos mortaes, solidos e liquidos; talvez fosse de mais, mesmo no fim do seculo dezenove, esperar dos nossos legisladores conhecimentos scientificos bastante desenvolvidos para fazel-os dar com a existencia de um toxico invisivel..."

A subtil ironia do conhecido professor do Mason University College torna bem patente que este não está de acordo com a decisão do Parlamento, recusando-se a intervir na distribuição de gaz pobre. Foi mesmo por isso que o escolhemos para dar a impressão do ponto de vista da parte mais radical da commissão, a que opinava, como os seus collegas da "entente cordiale" — a esse tempo ainda não eram aliados — ao sul da Mancha, pela intromissão administrativa. Porque, é bom saber-se desde já, houve quem julgasse inutil a intervenção no meio dos proprios hygienistas. Mas que abysmo immenso entre os franceses, rematando pela proscripção absoluta, e a maioria da commissão ingleza, não achando inconvenientes em uma mistura de partes eguaes dos dois gizes, o pobre e o commum?!

*
* *

E, afinal, quem tem razão?... Parece, á primeira vista, que se trata de conclusões inconciliaveis. Reflectindo melhor, porém, verifica-se poder bem ser que a tenham uns e outros. Não gracejamos. Senão, veja-se: é o problema o mesmo, porventura, em toda a parte?... De modo algum. Se o fosse, como explicar as seis occorrencias mortaes de Boston em 1890, quando o producto alli distribuido comportava apenas oito por cento de gaz pobre, em paralelo com a ausencia completa de accidentes nas dezeseis cidades da Hollanda em 1906, com porcentagem tres vezes mais elevada e para uma população total quatro vezes superior?... Como encontrar explicação para a innocuidade do mesmo gaz, com 32 por cento do componente perigoso, em Rotterdam, sobre quatrocentos mil habitantes, em presença das nove victimas registadas na capital do Massachusetts que então contava, em 1891, pouco mais gente?...

Isso basta para fazer comprehendêr como o problema é complexo, não sendo a quantidade do oxydo de carbonio presente senão *um* dos seus varios factores. Este elemento só tem valor, quando em balanço com os outros termos da questão.

Assim é que, muito justamente, houve no seio da commissão ingleza quem quizesse pôr em equação a natureza e o estado de conservação dos encanamentos. Foi até proposta uma tabella especial para esse fim.

Houve igualmente quem se quizesse lembrar dos empregos diurno e nocturno do gaz, permittindo uma porcentagem mais alta no primeiro periodo e reduzida no segundo. E' do celebre physico William Ramsay a idéa. Note-se que, em conclusão, mesmo nas peiores condições de installação, ainda se chegava a trinta por cento, de noite, como não sendo de mais. E os numeros hollandezes bem mostram a possibilidade de se distribuir producto de toxicidade muito superior sem risco "real" de especie alguma.

Serão, por outro lado, indiferentes o cuidado e a attenção com que o consumidor faz uso da sua illuminação, do seu esquentador? E' evidente que não. Uma localidade em que as empresas nada desprezam para pôr ao corrente o particular das boas condições em que devem ser mantidos os apparelhos, onde o nível da educação popular é mais elevado, não pode absolutamente estar sujeita ás mesmas regras que outra onde tudo ande ao "Deus dará".... Não encontramos aqui, entre nós, familias em que a dona da casa realisa respeitavel economia com a cosinha a gaz, paredes meias com outras em que o despacho do fogão pela porta fóra tem para o patrão o effeito de um despertar de pesadelo?....

Nada, porém, influe tão directa e consideravelmente como o regimen de vida. O inglez tem um proverbio que o define "as portas foram feitas para ficar fechadas, as janellas para se conservarem abertas". Entra-se numa casa do Reino Unido. Vê-se a janella discreta, mas cuidadosamente entreaberta. Paiz de carvão barato, a velha chaminé, poderoso agente de ventilação, tem offerecido resistencia tenaz ao assalto dos outros systemas de aquecimento. Nas cidades, domina a casa de moradia unica,

para uma só familia, o que ainda mais contribue para a conservação desse engenho *old style*.

Encontramos em França exactamente o contrario. O horror ás correntes de ar dos nossos irmãos latinos é por todos conhecido; é proverbial. Mal chega o inverno, a dona da casa compra uns metros de umas salchichas de serragem e outras substancias más conductoras que se vendem em todas as lojas de quinquilharia sob o nome de *bourrelêts* e veda, calafeta cuidadosamente todas as juntas, as mais pequenas frinchas por onde o ar exterior tenha acesso. O calorifero portatil tão pernicioso á saude, em virtude dos gazes carbonicos que desprende, os *poële*, *salamandre* e quejandos completam o scenario. Vae fazer dois annos, Kohn-Abrest, director do laboratorio de toxicologia da Prefeitura de Policia, publicava, na "Technique Sanitaire et Municipale" um excellente artigo sobre as "intoxicações pelo oxydo de carbonio". São suggestivos os periodos iniciaes desse estudo: "Desde que apparecem os primeiros frios, começam a dar-se os accidentes devidos ao oxydo de carbonio. Se o seu numero é relativamente pouco elevado comparado á enorme quantidade de apparelhos de aquecimento que existe em Paris, a sua frequencia ainda é por demais exagerada, sendo os casos de intoxicação mortal dos mais desoladores (*navrants*) entre os de morte accidental, de tal modo a causa que os produz é a maior parte das vezes banal."

Ora, comprehende-se que num tal meio a opposição ao emprego do gaz pobre apresente o aspecto de intransigencia que, á primeira vista, faz do caso isolado da França no meio dos outros paizes objecto de curiosidade desdenhosa. Explica-se que, com taes habitos de vida, o Conselho de Hygiene e Salubridade do Sena tenha votado a conclusão de Moisson que atraç reproduzimos. E que o dr. Ménétrel tenha levantado, na Sociedade Franceza d'Hygiene, o brado de alarme que foi ouvido a propósito de um accidente sobrevindo em Marseilha, a 24 de Janeiro de 1914. Tudo se comprehende e explica.

O que se não explica, nem comprehende, é que entre nós se queira adoptar o mesmo criterio, ou mais rigoroso ainda, para condições de vida visceralmente diferentes. E' infelizmente

vêzo antigo, contra o qual a reacção se apresenta cheia de dificuldades. Não temos disso um exemplo, e bem frisante, na absurdissima disposição dos exagerados pés direitos dos predios, ácerca da qual alguém, com outra autoridade que o modesto signatário destas linhas, o dr. Afranio Peixoto, se pronuncia tão viva e sensatamente nos seus "Elementos de Higiene"?...

"No Rio, diz elle, a lei municipal obriga os pés direitos a 4,^m0 no primeiro pavimento, 3,^m8 no segundo e 3,^m6 nos outros; nos edificios de mais de 8,^m0 de fachada sobre a rua o pé direito minimo deve ser de 4,^m5, 4,^m2, 4,^m0 respectivamente. O ar das camadas superiores contribue pouco para as trocas respiratorias. Os longos pés direitos desperdiçam espaço e alongam escadas e esforço em vingal-as. Finalmente, é comico, que paizes frios onde se dorme de portas e janelas bem fechadas e com focos de aquecimento viciando o ambiente, contentem-se com os cubos modestos de 25 e 30 metros cubicos, enquanto nós, num paiz quente, de janellas escancaras ou venezianas permeaveis nos apartamentos, sem outra viciação a não ser a respiração das pessoas, procuramos exceder estes numeros e á custa da dimensão, exactamente mais onerosa e menos util de aumento. Convém dizer que a postura atual realiza um progresso, porque ao tempo do prefeito Barata Ribeiro medico e professor da Faculdade, a exigencia era de 5 metros e mais para os pés direitos..."

Com relação aos perigos do gaz pobre, a nossa estatistica de S. Paulo põe bem em evidencia como essas circumstancias do modo de viver nacional reagiram sobre as conclusões theoricas deduzidas da simples presença do oxydo de carbonio em excesso. E em S. Paulo, pela diferença de clima, a janella abre-se menos que no Rio, embora, como lá, a construcção offereça por toda a parte uma permeabilidade á atmosphera exterior de que na Europa nem idéa se tem.

A "S. Paulo Gas Company" tem em uso desde 1907 uma installação de gaz pobre annexa á sua fabrica do Braz; a repartição demographica do Serviço Sanitario apresenta de então para cá os seguintes algarismos:

	SUICIDIOS		ACCIDENTES	
	Asphyxia	Veneno	Commoção electrica menos raio	Absorpção de gaz deleterio
1907	0	5	3	0
1908	0	4	2	0
1909	0	2	1	0
1910	0	6	3	0
1911	0	10	5	0
1912	1	17	2	0
1913	0	18	6	1
1914	0	21	3	1
1915	0	24	0	0
Totaes	1	107	25	2

E' bem accrescentar que o caso registado em 1913 foi devido, segundo fomos informados — não officialmente, é verdade, mas por alguem digno de todo o credito — a gaz absolutamente estranho á illuminação da cidade. Nada sabemos a respeito do de 1914. Admittindo, porém, que se tratasse relativamente a este ultimo de intoxicação pelo gaz da distribuição, vê-se quanto esta se mostrou innocua em comparação com a rête de energia electrica que carrega com a responsabilidade, no mesmo prazo de nove annos, de vinte e cinco accidentes mortaes.

Não estará indicando, de outro lado, a estatistica dos suicidios, em espantoso crescimento todavia, que esse gaz se não apresentou aos desesperados da vida, que lhe preferiram os venenos, como o agente facil e seductor de que nos fallou Frankland mais atraç?

Seria mesmo difficult, em frente aos dados que acima vimos, justificar entre nós o principio de intervenção da autoridade a que allude o professor inglez no final do trecho transcripto. Mas, se essa autoridade interviesse em nome da segurança publica? Não teria que começar, por maioria de razão, por ordenar a suspensão dos serviços da "Light & Power"?... Pensa alguem, nisso, porventura? Ora, tudo leva a suppor que no Rio, onde o clima ainda é mais propicio ao conjunto de circumstancias favoraveis, a experientia se não mostrará menos eloquente do que entre nós. Servir-se, na cidade de S. Sebastião, da regra de Pariz, seria ou não o "paradoxo scientifico", ou

“sanitario” a que nos referimos no começo da chronica e cujos elementos temos percorrido?

*
* *

No momento actual já não é, porém, sómente paradoxal o estranho ponto de vista que colloca o Rio em posição inferior a outras cidades do continente. E' simplesmente... inexplicavel.

Em época normal poderiam existir circumstancias de outra ordem. Circumstancias de caracter economico, por exemplo, como a de constranger a empresa concessionaria a repartir com o publico os beneficios eventuaes que auferisse pelo emprego do gaz pobre, misturado ao que lhe fosse permittido pelo contrato. Isso na hypothese, claro está, de existirem taes beneficios. Na memoria que o notabilissimo engenheiro suíso Theodoro Turrettini redigiu para a commissão administrativa da cidade de Genebra, da qual fez parte, estudando o assumpto, resalta claramente que outras vantagens que não as de ordem financeira immediata recommendam o emprego da mistura. São elles: 1.^a) facilidade de regular a producção segundo as horas do dia, trabalhando apenas de noite; 2.^a) facilidade de poder regularizar a cada instante o poder illuminante em caso de má qualidade do gaz commun, por exemplo; 3.^a) utilisação mais perfeita do capital fixo e circulante, podendo estabelecer regimens diferentes, conforme os preços de compra do carvão e do oleo mineral, e do preço de venda do coke; 4.^a) auxilio efficaz em caso de falta de carvão ou de gréve.

Na situação especial em que está o nosso paiz, ha momentos em que o fabrico do gaz pobre deixa de dar lucro, seja por motivo de convir muito mais vender o coke pelo preço que elle vale no mercado interno, seja que o oleo, necessario á carburetação imposta pelos contratos, suba a cotações elevadas em demasia para a taxa cambial vigente. Não nos parece que estejamos agora muito longe dum destes casos, ou da interferencia dos dois.

Pouco importa, porém; tudo isso seria materia para discussão e negociações em tempo normal.

A época é entretanto, tudo quanto ha de mais anormal. O aspecto que está assumindo a guerra deve-nos encontrar preparados para qualquer emergencia. Faz-nos o panico pensar até em navios de madeira (!!!...) Mandaria a mais elementar prudencia que não permittissemos, que impedissemos até as companhias a não desbaratar e a economisar parcimoniosamente as suas reservas de coke, que estão valendo tão elevado preço, para aproveitar, em caso de necessidade, a ultima das vantagens acima enumeradas.

Ao envéz disso, o paradoxo scientifico que analysámos leva-nos a viver *au jour le jour* com o gaz commum até o dia em que a fabricação tenha de cessar por falta de materia prima. A cidade ás escuras, registar-se-ão alguns roubos ou assassinatos a mais. O "Quincas da Saúde" ou o "Juca da Gambôa", ao passarem uma "gravata" no burguez que despre-occupado recolhe mais tarde, enganam-se no esforço e apertam de mais. Era uma vez um burguez. Mas não terá morrido intoxicado pelo oxydo de carbonio... "Escapava da molestia, se não morrêsse da cura" insculpir-lhe-ia Tolentino no epitaphio.

Tambem poderá succeder que, em aperturas, nos lembremos de recorrer ao coke que fôr encontrado disponivel. Deitar-se-á mão da installação que tão paradoxalmente tem sido impedida de funcionar e verificar-se-á com surpreza... aquillo que já era de esperar.

Dar-nos-á nesse caso a guerra uma lição salutar que quasi desejamos, afim de que nos não succeda, em circumstancias mais serias, de parede, revolução, de guerra que nos interesse directamente ou bloqueio dos nossos portos, o que então terá consequencias difficeis de prevêr, incalculaveis mesmo talvez.

Lição semelhante a uma das que recebeu a França, nesta mesma industria do gaz, com a questão do benzol. Este producto serve, como já vimos anteriormente, para augmentar o poder illuminante do gaz quando elle a possue em gráu deficiente. Tendo esse poder illuminante passado a segundo plano, com a entrada dos novos processos de incandescencia, todos os paizes modificaram as respectivas fabricações, aproveitando o benzol inutil que era contido no gaz para lhe dar applicação mais proveitosa. Nessa applicação, encontra-se em primeiro logar a manufactura dos explosivos de guerra.

Permaneceu a França indiferente ao movimento geral. Um celebre gazista estrangeiro classificou mesmo essa attitude de "erro nacional". Tudo foi debalde. Foi preciso que viesse a guerra para que os franceses acordassem. Só a 29 de Novembro ultimo é que o poder legislativo votou finalmente a lei autorizando a operação que, posta em acção antes de 1914, tantos serviços teria prestado.

"Quantos erros, commenta acertadamente Risler, a propósito de analogos e paradoxaes descuidos da sua terra, dos quais uns se traduzem em lagrimas e dôres, outros por milhões dispendidos inutilmente, poderiam ter sido poupadados com um pouco de previdencia ajuizada..."

Abril, 1916.

VICTOR DA SILVA FREIRE.

RESENHA DO MEZ

MONOLOGOS

A Academia Brasileira pôde gabar-se de ter quebrado o gelo que a separava do paiz. As suas vagas não logravam de ordinario interessar senão a um circulo muito restricto, nos meios mais ou menos literarios do Rio de Janeiro, e só no Rio de Janeiro. Eleições houve que passaram quasi despercebidas: os écos da cabala não chegavam aos ouvidos profanos; os jornaes noticiavam o resultado em meia duzia de linhas; e quando a porção culta do publico se dignava de voltar os olhos para a alta companhia, não ia com elles a attenção, nem o respeito, — era um relance ironico, pouco caso e mofa. Agora, eis tudo isso mudado. Os candidatos affluem, vai uma larga effervescencia pela republica das letras, a contaminar os dominios convizinhos, o jornalismo, a politica, a diplomacia; e o publico, por toda a parte, se não está positivamente entusiasmado, já entretanto lê mais devagar as noticias, commenta-as, guarda os nomes dos candidatos, faz comparações, exprime os seus votos. O contraste é tão vivo e tão brusco que se torna muito mais facil reconhecel-o do que explicá-lo. O mais que se pôde fazer — e isto, em vez de explicar, complica — é attribuir ás mesmas causas que produzem as rapidas e successivas transformações dos estados de alma collectivos, no Brasil, a respeito de quaesquer outras or-

dens de assumptos. Somos o povo das surpresas. Vivemos ás reviravoltas. De um dia para outro sahimos de uma apathia politica já considerada irremediavel e travamos uma tremenda batalha campal em torno de duas candidaturas presidenciaes, enchendo o paiz inteiro, de norte a sul, com um fragor de armas jámais igualado. Inesperadamente, o desanimo e a tristeza geraes, como um mar morto que de subito se alteasse em vagas e se rendilhasse de espumas, sem alteração do vento e sem abalo da terra, entram a dar lugar a uma revivescencia patriotica aberta em esperanças e em optimismos, através de cem vozes esparsas. Ha dias, um illustre jurista constatava, pela imprensa do Rio, uma revivescencia semelhante — a do espiritualismo, demonstrada por uma série de factos simultaneos, mas não lhe achou filiação authentica, ou sequer aceitável. E assim é com todas as outras attitudes do espirito publico, seja a respeito das grandes, seja ácerca das pequenas coisas.

Em todos os povos ha uma certa instabilidade de sentimentos e de opiniões, mas as reacções não são tão subitaneas, nem tão inesperadas. Sempre se lobrigam, no travamento dos factos e dos aspectos da vida commun, os antecedentes que as arrastaram, as condições que as favoreceram. Não se vai ao fundo das coisas, mas em fim se reconhece nas manifestações do subjectivismo po-

pular alguma relação com os acontecimentos, alguma concordancia com certos phenomenos sociaes apreciaveis, que lhes são a um tempo causa e effeito: tem-se uma tal ou qual intelligencia das variações dos estados de alma collectivos, e se não se chega a ler correntemente por elles, como por um livro aberto, sempre se percebe que ha alli um sentido. Aqui, nada disso. Tudo se pôde esperar, e não se pôde esperar nada. Quando as coisas parecem ir-se encaminhando para o ponto A, como uma conjuncão de forças, eis que de brusco, sem causa apparente, com escandalo da mechanica, o feixe de energias se volta para o ponto B, ou se dispersa. Somos uma nação posta em musica por um Debussy neurasthenico: sobresaltos melodicos inconsequentes sobre uma floresta soturna de sons agitados. Da nossa psychologia só nos é dado conhecer as paixões, que explodem; as tendencias ficam cada vez mais occultas...

Emfim, bello assumpto para uma série de dissertações sociologicas, sempre facéis de fazer porque no fim dão certo de qualquer maneira, e têm a vantagem de produzir o effeito de sciencia pura! Sobretudo se se lardeiam de erudições, igualmente facéis porque nunca faltam livros excellentes para se defender qualquer these. Aqui está um trabalho a calhar para um poeta que deseje rehabilitar-se como capaz de obras de peso e de succo.—YORICK.

AS PROMESSAS DO ESCOTISMO

O sr. Amadeu Amaral, que, á medida que avança em annos alarga notavelmente a sua actividade espiritual, produzindo em prosa ou em verso, indiferentemente, — fez, no dia 9 do corrente, nesta capital, uma conferencia sobre *As promessas do escotismo*. Essa conferencia foi a primeira de uma serie que a Associação Brasileira de Escoteiros, sabiamente orientada, resolveu organizar como complemento do seu

vasto e elevado programma de cultura moral e patriotica.

O Brasil, disse o sr. Amadeu Amaral, atravessa de annos para cá uma crise de pessimismo, como outra igual não houve, talvez, na sua historia. Os acontecimentos politicos, as difficuldades economicas e financeiras, a rapida transformação dos costumes, perturbaram de tal maneira os espiritos, lançando-os num tão doloroso abatimento, que já se disse, com razão, que o brasileiro é um povo de desanimados e de tristes. Os interesses collectivos, quando a elles nos referimos, são tratados com amarga melancolia; não nos aquecem mais os entusiasmos generosos; e todas as illusões amaveis nos deixaram, ao ponto de só medrarem e alastrarem por toda a parte, “numa rusticidade tenacissima e prolifica de tortulho, de escalracho ou de tiririca, os egoismos bravios, as impotencias doloridas e superciliosas, os pessimismos ferozes, as crenças enfermas que só acreditam no mal, as caricaturas de esperança que só esperam desastres, os entusiasmos virados do avesso que se confundem com um furor venâncio de destruição, de achincalhe e de morte”.

Trata-se, evidentemente, de uma psychose collectiva, da qual um dos mais assustadores aspectos é a estagnação do patriotismo. Reduzido á sua essencia primeira, o patriotismo “é apenas o amor espontaneo do torrão natal”. E’ o “patriotismo-chrysallida”, proprio dos povos primitivos. Entorpecido e tenro, dorme “nos abyssos da inconsciencia”, enquanto se lhe formam as azas e espera o momento de vibrar-as num vôo frenetico e arrojado. No Brasil, a chrysallida se immobilisou.

O patriotismo não passa aqui, portanto, de vago apego instinctivo á terra e, socialmente, nada vale. Não produz coisa nenhuma. Só por palavras se manifesta, quando se manifesta, enquanto o que vale são os actos. Ora, o patriotismo verdadeiro “é amor, é orgulho, é aspirações, é esperança”. Vive de desejos, distingue-se pela sua fé e é bello,

porque capaz de sacrificio. O Brasil não o conhece. Aqui, as eleições transcorrem sem eleitores, e o prestigio da autoridade publica vive a oscilar "entre a louvaminha humilhante e a diatribe envenenada".

Ha, de resto, uma incapacidade, quasi absoluta, de aggremação, mantendo-se o povo alheio ás questões nacionaes. Vêde a instrucção popular. Ninguem trata de organizal-a. Espera-se pela accão do governo que, se algumas vezes chega a ser boa, só é boa, entretanto, pelos esforços de alguns homens publicos.

A literatura reflecte, naturalmente, esse estado de coisas. Queixam-se os escriptores da falta de preço para os livros, o que não se dá na Europa. E' verdade. Mas é tambem verdade que na Europa e até na America do Norte, ao lado da "literatura-mercadoria", existe a producção desinteressada. Ha "os livros de fé, de apostolisação, de controvérsia, de sinceridade, de piedade, de amor, de revolta, lançados a lume por devoção a uma causa, por entusiasmo doutrinario, por impulsos de humanitarismo, por confiança no poder das idéas, por descargo de consciencia, por necessidade de gritar convicções". Onde, aqui, os livros dessa natureza? Não os temos. A's vezes, um Euclides da Cunha ou um Affonso Arinos lança um volume ou uma pagina "repassada de preocupação, de sentimento, de intencionalidade "brasileira". Mas essa producção brilhante e forte corre ao lado de outra numerosissima, e absolutamente caracteristica, quando não é deliberadamente hostil ao paiz, que procura deprimir, exagerando os seus males physicos ou moraes. Tão pronunciado é em certos escriptores o proposito de amesquinar a propria nação, na sua composição ethnica ou no seu destino, pela facil e sympathica acceptação de abstrusas theorias sociologicas, não ratificadas pela historia, que se diria haver nelles um como orgulho por pertencerem a "uma patria fadada a perecer na sombra de uma irremediavel miseria..."

Tal é a situação moral do nosso povo. Para muitos, o que ha é uma "crise do caracter". Não sei bem, diz o sr. Amadeu Amaral, o que possa ser essa crise. Talvez não passe de uma simples phrase. Porque os grandes caracteres, raros em toda a parte, não escasseiam completamente entre nós. Nem nos faltam tambem homens probos e dignos, havendo por ahi muita gente honrada e boa. Onde, pois, a "crise do caracter"? Visivel, só uma coisa existe: "a predominancia social dos que sacodem de si os liames incommodos dos escrupulos". Este, porém, é um mal universal. E o que ha nelle de particularmente nosso é que essa predominancia aqui se exerce sem contraste, não havendo da parte dos bons e dos puros a menor resistencia. Não nos alarmemos, porém. Podemos explicar essa sujeição ás forças corruptoras, "pelo exagerto morbido de certas qualidades fundamentaes do caracter brasileiro: a affectividade, o sentimento, a brandura".

E aqui está, talvez, o nosso maior defeito: a molleza. Falta-nos energia; a nossa alma é frouxa. Sem perseverança, sem tenacidade, "somos dubios no bem como no mal". Fugimos ás responsabilidades, ás luctas longas e incertas. Tudo isso se espelha na nossa literatura, onde não ha theatro, porque o theatro, nascendo de situações patheticas ou tragicas, requer "conflictos de consciencia e vontades". O lyrismo, sim, um lyrismo repassado de melancolia, pessimismo e desanimo, o lyrismo é o que predomina om toda a nossa literatura. Na politica, que se pôde definir para nós numa palavra — transigencia, — a mesma fruixidão. Ella é um tecido de abdicacões. E alguém que se levanta, mostrando simplesmente que possue certa dôse de resolução e de firmeza, sobre passar por thaumaturgo e por bruxo, tem logo a adoração, entre assombrada e obediente, das legiões partidarias e dos poderes do Estado.

Fóra da politica, nas outras espheras, a mesma desorganisação.

Problema que dependa dos esforços solidarios dos interessados, é problema sem solução. O typo commun do brasileiro, mesmo onde se alteou o nível da sua energia. "pode ser representado por um individuo desconfiado e timido, constantemente preoccupado em apagar todas as saíncias da sua pessoa como quem desmancha as rugas de casaco mal ageitado, e constantemente mordido pelo desejo de ser considerado "bom rapaz", de não desgostar ninguem, de ser amigo de toda a gente". A sua propria linguagem é molle e hesitante. E nas coisas mais corriqueiras da vida podemos observar idêntico relaxamento da volição. Um estrangeiro que nos visitou e escreveu um livro sobre o Brasil, o padre Gaffre, notou, com acerto, que aqui os filhos é que governam os paes...

A molleza é, pois, a origem da maior parte dos nossos males. A propria depressão do patriotismo, assinalada de principio, não deriva de outra fonte. Porque o patriotismo, embora seja um sentimento energico e fecundo, não é um criador, mas um transformador de energias. Elle murcha, se estas desfalecem. Como, porém, combater esse mal? Como evitar o pessimismo e a perversão do patriotismo? Conhecendo a sua origem commun e educando a vontade.

A educação! Eis a nossa questão capital. No Brasil, todos o reconhecem, a educação é cheia de defeitos. O maior desses defeitos está em que, visando formar caracteres, ella esquece a "espinha dorsal" do carácter, isto é, a vontade. Precisa ser corrigida. E para isso nada ha de mais pratico e proficuo que o escotismo. Bem executado, o escotismo completará e coroará a educação do lar e da escola, fazendo que se modifiquem os methodos actuaes daquella educação. Vem a pelo saber, portanto, que é o escotismo.

O escotismo é obra do general inglez Baden-Powell. Na campanha do Transvaal, observou esse militar que os "boers" tinham um modo especial e novo de usar os seus adolescentes nos trabalhos auxiliares da

guerra. Copiou os "boers". E colheu excellentes resultados no cerco de Mafeking com o primeiro pequeno exercito de rapazinhos, que criára. Essas provas lhe evidenciaram "as vantagens de uma educação viril e energica da infancia, pela pratica da vida intensa e aventurosa, pela disciplina e pela ação commun, pela lucta com os obstaculos da natureza, pelo exercicio physico, pelo cultivo da elegria, da serenidade, da paciencia, da coragem..."

De volta á Inglaterra, Baden-Powell, observando alli um tal ou qual afrouxamento na virilidade da nação, exclamou textualmente: "O meio de refazer as nossas energias entibiadas nos é ensinado numa maravilhosa escola, nos postos avançados das nossas colonias: a escola da vida selvagem. Lá, o individuo se vê na contingencia, quer queira quer não, de ser um homem, e não um carneiro; abre o seu caminho palmo a palmo, através da natureza inimiga, e se quer vencer tem de conquistar o exito em plena lucta". E começou a sua propaganda. Reuniu o primeiro grupo de rapazes. "Arrancou-os á monotonia e á indolença dos habitos quotidianos, á estufa da cidade, ao contacto dos livros e jornaes nem sempre salutares, á atmosphera viciosa dos cinemas, aos exemplos de baixeza, de egoismo, de brutalidade que por todos os lados se lhe deparavam; levou-os ao campo, fez-os saltar vallos e regatos, caminhar e correr, trepar ás arvores, galgar collinas e escarpas, apanhitar muito sol, respirar muito ar puro; ensinou-lhes a nadar, a construir pontes rusticas, a installar apparelhos de signaes, estender linhas telephonicas, a encontrar o caminho perdido, a orientar-se de dia e de noite, a distingir os animaes e as plantas, a reconhecer no chão os signaes da passagem de pedestres, de vehiculos, de bichos; a armar tendas, a construir cabanas, a fazer fogo, a cosinar a comida, a curar os ferimentos e contusões..." Bella obra. Seria, porém, simplesmente bella se uma rigorosa disciplina não viesse coordenar material e espiri-

tualmente esses esforços, dando-lhes uma significação e um objectivo. Comprehendeu-o Baden-Powell, que instituiu pequenas praticas moraes, pelos chefes e monitores, durante os exercícios, praticas ligadas estrictamente á rigida "lei do scout", que é a seguinte:

1 — A palavra do "scout" é sagrada.

2 — O "scout" é leal.

3 — O "scout" tem o dever de ser util e ajudar a outrem.

4 — O "scout" é amigo de todos e é irmão de qualquer outro "scout".

5 — O "scout" é cortez.

6 — O "scout" é amigo dos animaes.

7 — O "scout" sabe obedecer.

8 — O "scout" sorri e assovia.

9 — O "scout" é economico.

10 — O "scout" é puro de pensamentos, de palavras e de actos.

Na Inglaterra, o escotismo tornou-se um movimento verdadeiramente nacional. Em 1913, existiam alli cerca de 700.000 "boys-scouts", e do livro em que Baden-Powell expoz as regras e os principios dessa instituição já se tiraram até o presente 240 milheiros de exemplares. Bem diverso é o que se dá no Brasil, onde o escotismo não encontrou até hoje senão "raros entusiasmos passageiros e verbosos". Mas não ha duvida que dia virá, em que o nosso povo se resolverá a amar com paixão essa "cruzada alegre e luminosa como uma festa, fecunda e bemdita como um immenso trabalho de lavoura". Nesse dia feliz, poderá algum patriota brasileiro exclamar com ufania: "Emfim, Patria! te pões de pé! Emfim caminhas, de fronte erguida, sorrindo pelo sorriso innumeravel dos teus filhos adolescentes, confiante nelles e em ti mesma!".

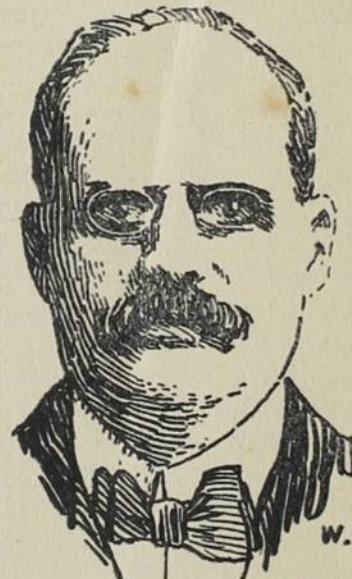
Com essas bellas palavras, encerrou o sr. Amadeu Amaral a sua admiravel conferencia, de que procuramos dar acima uma idéa approximada. Nesse trabalho, que todos devem procurar conhecer na integra, lendo-o no "Estado de S. Paulo", que o publicou na sua edição do dia 10 do corrente, revelou mais uma vez o sr.

Amadeu Amaral que na sua personalidade existe um poeta e um pensador. Poeta de grande vôo lyrico e delicada sensibilidade; pensador original e profundo, dotado de raro poder de observação e exposição. — R. M.

ARTHUR ORLANDO

A Academia Brasileira de Letras continua a pagar, mensalmente, o seu tributo á morte. Arthur Orlando foi a ultima victima.

O publico talvez não experimente grande abalo com o desapparecimento deste escriptor. O feitio do seu espirito e a natureza das suas produções não eram de molde a tornal-o conhecido e amado das turbas. Homem de pensamento mais familiarizado com o estudo abstrato das idéas do que com a analyse viva das paixões, a sua obra, aliás de



uma grande elevação espiritual, solida e um pouco fria, não tem a graça ligeira e o calor communicativo que atrae e prende a irrequieta, a caprichosa attenção das massas. E', entretanto, uma obra que será tida sempre em apreço por todos quantos amam os aspectos serios e mesmo severos da vida intellectual.

A erudição vastissima que logrou alcançar talvez prejudicasse um pouco a spontaneidade nativa do

seu pensamento e lhe emperrasse demasiado o jogo da phrase, tornando aquelle tributario um tanto submisso do pensamento alheio e esta sem a desenvoltura e o colorido da phrase que salta rapida de idéa em idéa, de emoção em emoção, sem o tropeço das citações.

Arthur Orlando nasceu em Pernambuco em 22 de Julho de 1858. Era filho de José Caetano da Silva, fundador e proprietario da "America Illustrada".

No Recife, cuja Faculdade de Direito frequentou, approximou-se de Tobias Barreto de quem se fez um dos discipulos predilectos e a cujas idéas, mais barulhentas que originaes, deu o apoio forte da sua inteligencia viva e do seu entusiasmo moço.

Lutou muito no jornalismo, foi director da instrucção no seu Estado, e exerceu, por varias legislaturas, o cargo de deputado federal.

Em todas essas phases da vida e em todos os postos que occupou mostrou-se sempre o homem de raciocinio e pensamento para quem as idéas eram tudo na existencia.

Deixa uma quantidade enorme de trabalhos esparsos em jornaes e revistas e alguns livros e opusculos, como a "Philocritica" e o "Meu Album".

PADRE JULIO MARIA

O clero catholico do Brasil perdeu este mez, senão o seu maior, o seu mais conhecido e afamado pregador.

O padre Julio Maria impressionou, alguns annos ha, o Brasil inteiro com uma série de conferencias religiosas que realizou em varios pontos do paiz.

Não foi tanto o orador em si, pelas suas qualidades por assim dizer physicas da sua eloquencia, que impressionou as multidões que affluiram a ouvil-o.

O orador não era até, por esse aspecto, dos mais perfeitos que têm

frequentado o nosso pulpito. Falava com facilidade e clareza, mas não tinha dessas vibrações que põem ca-



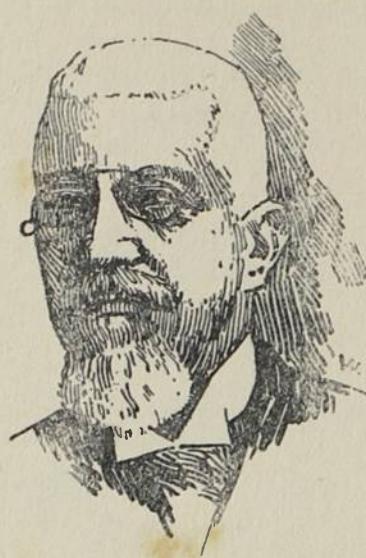
lefríos na espinha e humidade nos olhos dos ouvintes.

O segredo da sua eloquencia estava na admiravel dialectica de que se servia, no esplendido arsenal de logica e de erudição de que dispunha e de que sabia usar com uma habilidade excepcional. A lucidez do seu espirito e vivacidade da sua phrase comunicavam-lhe ás predicas um vigor, uma força, que, se não arrastava sempre, sempre abalava.

Da familia desses oradores mais cerebraes que passionaes, a sua palavra, mais persuasiva que inflamavel, mais demonstrativa que entusiasta, dirigia-se antes á intelligencia que ao coração. Foi isso talvez o que lhe deu a feição distincta com que surgiu aos olhos do povo, habituado, até então, ao pregador lamuriente ou tonitroante, sentimental e piegas de que foi representante maximo e genial o velho Mont'Alverne, cuja eloquencia caricosa ainda lhe resoava ao ouvido como ao longe, pelas tardes melancolicas, na curva macia do céu.

FRANCISCO GLYCERIO

A politica teve tambem este mez um dia de luto. Finou-se no Rio o ultimo dos velhos propagandistas da Republica, o general Francisco Glycerio. Todos os outros já o haviam precedido no descanso da morte.



Poucos politicos terão soffrido ataques tão rudes como elle; poucos homens terão deixado após si, como elle deixou, um renome de bondade e doçura. Um pessimista concluiria daqui que os homens bons são os peiores politicos, e talvez não concluisse mal. Nós não concluimos coisa alguma. Assignalamos apenas o facto. Só o futuro poderá dizer se os ataques foram justos e se a bondade pessoal é uma calamidade social... O paradoxo rompe tão arripante que se pôde quasi affirmar, desde já, que os ataques foram exagerados.

Seja, porém, como fôr, a verdade é que o nome de Francisco Gleyre está gravado na historia da propaganda, da proclamação e dos annos mais agitados da Republica. Não ha força capaz de o arrancar dali ou sequer de o apagar.

Foi um typo inconfundivel em nossa politica e houve um momento em que a dominou completamente como seu chefe supremo.

Não podíamos ver com indifferença a queda final de um lutador da sua força e do seu passado.

BELLAS-ARTES

CARICATURA

Abriu-se este mez a exposição de caricaturas de Voltolino, o mais popular dos caricaturistas de S. Pau-

lo. Filho de paes italianos, este artista nasceu em S. Paulo e aqui viveu até aos doze annos; depois seguiu para a Italia, estudou rudimentos de desenho num lyceu profissional de Pisa e tornou á terra natal, onde trabalhou em estabelecimentos graphicos até dedicar-se á caricatura, que era sua verdadeira vocação.



Lemmo Lemini (assim se chama o nosso artista) é, pois, um autodidacta, com as qualidades e alguns senões dos que por essa forma se educam. Os senões limitam-se a certas deficiencias de desenho que o artista facilmente corrigirá. Em compensação, quantas e quão bellas qualidades offerecem os seus trabalhos! Voltolino não se fez caricaturista por capricho, e sim por temperamento. De todos os nossos artistas deste genero, é elle, talvez, quem possue a verdadeira expressão caricatural. Não lhe sae o traço com a elegancia e o "chic" de J. Carlos, em quem, ás vezes, o illustrador ou o decorador, supera o caricaturista; podem faltar-lhe a segurança e a nitidez do desenho de Calixto; não o inspiram os assumptos literarios que fornece a Raul uma boa dose dos seus "calembours" illustrados, mas nenhum desses apresenta na execução e na concepção um tão forte espirito de satyra, uma tão funda impressão do ridiculo. O seu desenho, simples e synthetico, tem a espontaneidade de uma "piada" e é incisivo e fustigante como a propria satyra. A's vezes, traz no fundo, uma amarga philosophia a diluir-se numa in-

finita piedade, como no n. 13 (Luta pela vida). Como certos desenhos de Forain, este faz rir a principio e pensar em seguida. Outras vezes apanha exclusivamente o aspecto comic, o ridiculo de certas fraquezas humanas. Destes, um dos melhores, senão o melhor exemplar é — "Il XX Settembre". Nesta pequena obra-prima de observação, Voltolino estuda admiravelmente o

typo do colono italiano enriquecido no Brasil e é assim o primeiro artista brasileiro que nos fornece a documentação deste novo elemento da nossa sociedade. No desenho a que nos referimos e que lhe resume com rara felicidade a psychologia, esse typo apparece-nos no seu exagerado amor ás exterioridades berrantes e espalhafatosas. E' o dia 20 de setembro; o amor á "patria lonta-



na" não lhe permitte deixar passal-o sem uma commemoração. Qual ha de ser? Pega do seu Pepino, enfarpa-l-o numa farda de "bersagliere", em cujos calças as perninhas desaparecem perdidas nas dobras do

panno sobejante, afivela-lhe á cinta uma espada e esmaga-o sob o peso de um capacete, que as pennas farfaldantes de uma cauda de gallo fazem pender para a direita, a esconder-lhe o rosto. Prompto! Agora



um charuto toscano ao canto da bocca, o chapéu do lado, o melhor terno e o collete mirabolante, e toca a andar por essas ruas, a acompanhar a banda "Ettore Fieramosca",

arrastando pela mão o pobre Pepino, que nada sabe da Porta Pia e da respectiva brécha... E está comemorada a grande data. Este patriotismo ingenuo e espetaculoso

(aliás não incompativel com o verdadeiro, a valer), é que mereceu de Voltolino uma satyra admiravel, ao mesmo tempo que é um estudo perspicaz de psychologia e, no fundo, um perfeito quadro de genero. Mas, o humorismo da scena se completa, se dissermos que o Pepino é alumno no grupo escolar do Bom Retiro e nunca falou o italiano... nem o portuguez! Exprime-se nesta algavia intermedia dos dois idiomas, que é a lingua official de certos bairros da Paulicéa...

Verdadeiro "pendant" deste quadro é a "Solemnidade nacional". Em tres typos de officiaes da guarda nacional, que se exhibem em publico, resume o caricaturista a comemoração que costumamos fazer das nossas datas solenes. Tão fieis são os briosos milicianos a esse rito, que o encontro delles é para os transeuntes desprevenidos, signal tão certo de festa nacional, como é presagio de chuva a escuridão do céo para os lados de Santo Amaro. E que typos! Cada um delles traz na expressão physiомica, no todo, nas attitudes, a caracteristica perfeita das classes em que geralmente se recrutam os officiaes da nossa milicia. E', aliás, nesse genero que Voltolino revela a superioridade da sua arte. Preferimolo na reprodução destas personagens populares que elle estudou com um carinho especial. Devemos-lhe, nesse particular, a fixação de alguns typos condemnados a desapparecer, como o baleiro preto ou mulato, figura ha annos obrigada á hora de sahida das escolas e hoje quasi rara. Quer no elemento luso-brasileiro, italo-brasileiro ou nos pretos e mulatos, Voltolino elege sempre o seu modelo nos personagens da rua, que se lhe fazem encontradiços na sua incoercivel perambulacão de bohemio incorrigivel... Admiravel bohemia, que nos fornece alguns exemplares da melhor "arte brasileira", espontanea, caracteristica e pessoal.

Infelizmente este talentoso artista é obrigado a dispersar a sua actividade de tal modo, que a sua produçao se resente bastante desse

mal. Esperemos que melhores dias lhe tragam a tranquillidade indispensavel ao labor intellectual e lhe permittam só entregar ao publico aquillo que fôr digno do seu grande valor artistico. — N.

PINTURA

No Rio de Janeiro falleceu Francisco Aurelio de Figueiredo e Mello, distinto pintor brasileiro. A circumstancia de ser irmão de Pedro Americo, conduz toda a gente a um inevitavel e injusto confronto no julgamento deste artista, confronto que não pôde deixar de lhe ser desfavoravel, pois o autor da batalha de Avahy, não só é um dos maiores pintores que o Brasil tem produzido, como tambem um dos grandes artistas do seu tempo.

Se lhe applicarmos, porém, um outro criterio mais justo, o seu nome ficará entre os dos nossos artistas mais esforçados e talentosos.

Aurelio de Figueiredo fez, ha alguns annos, uma pequena exposição em S. Paulo. Ao que parece, já começara a accentuar-se a sua decadencia. Algunas paisagens, corretamente desenhadas, apresentavam um colorido desharmonico a affirmar uma visão já defeituosa. Contudo, a technica era ainda fina, com um certo aspecto decorativo interessante.

Os seus dois trabalhos principaes foram muito discutidos pela critica: "Francesca da Rimini" e "Descoberta do Brasil". A execução desse ultimo coube-lhe por haver conquistado, com o seu esboceto, o premio do concurso aberto pela Comissão do Quarto Centenario da Descoberta do Brasil. Teve de executar-o no Brasil, em prazo relativamente curto, vencendo mil dificuldades. Criticos autorisados reconhecem nessa obra muitas qualidades notaveis.

Deixa Aurelio de Figueiredo na Galeria Nacional de Bellas Artes varios trabalhos, entre os quaes um grande quadro a proposito do fa-

moso baile da Ilha Fiscal, que precedeu de alguns dias a proclamação da Republica.

Era natural do Estado de Alagoas e falleceu aos 62 annos. — N.

MUSICA

Além de mais um dos bellos concertos do violinista virtuose, Mischa Violino, em que foi executado com brilho e intelligencia o famoso concerto de Tschaikowsky, tivemos, no mez que termina, a estréa de uma companhia lyrical italiana, organizada pelos srs. Rotoli e Billorro, para a empresa theatrical Loureiro, trabalhando no Theatro São José. Essa companhia apresentou-se modestamente, pondo o preço das localidades do theatro ao alcance de toda a gente, especialmente dos que nem sempre poderão supportar os encargos de uma temporada official no Theatro Municipal, como já algures dissemos. O seu elenco, sem contar com nomes celebrados como notabilidades mundiaes, apresenta todavia artistas, em geral bastante acceitaveis, que constituem um conjunto bem equilibrado.

Em principio, sempre fomos infensos ás companhias lyricas de organisação modesta e a preços baratos, no nosso meio, porque não vemos em que elles possam contribuir para o nosso progresso no terreno das artes. Bem sabemos as faltas e os senões que apresentam esse espectaculos offerecidos ao publico, consciencios das enormes difficultades com que tem de arcar as empresas que, sem nenhum auxilio official, organisam as companhias lyricas. Claro está que em condições modestas, entenda-se — falhas, as obras de arte não podem ser apresentadas de modo irreprehensivel, como é, de absoluta necessidade, e esse facto de forma alguma vem portanto contribuir para o desenvolvimento artistico do povo. Taes considerações nos levaram já em 1907 a atacar os espetaculos lyricos a preços baratos, nas condições em que nos são offerecidos, o que nos valeu uma série de censuras injustas.

Hoje, como então, pensamos do mesmo modo; desanimado, porém, de ver remediado esse mal, por meio de subvenções e favores officiaes, que ponham as empresas theatraes em estado de contribuir com espetaculos excellentes ao alcance das bolsas de toda gente, para o desenvolvimento são da arte elevada no nosso meio, acceptamos, embora contrafeitos, os factos consummados.

Aos que são chamados a emitir o juizo em publico sobre os espetaculos de taes companhias lyricas "baratas" impõe-se a obrigação de usar de uma grande indulgencia, baixando ao minimo as exigencias artisticas.

A critica de arte em taes condições não nos parece, pois, corresponder ao seu verdadeiro fim, nem tampouco, ser de proveito á educação artistica do meio.

Essa é que é a verdade.

Mas, que fazer?...

Logo, com respeito á companhia lyrical, em questão, é justo, reconhecer os esforços com que todos, artistas e empresa, contribuem para dar feição attrahente aos espetaculos que se têm realizado no São José.

Até aqui o repertorio apresentado foi o antiquado, e esse, dados os precisos descontos, tem sido executado de maneira a não desagradar.

Artistas, como as sras. Galeazzi, Rina Agozzino, Clasenti, Baldini e Frabetti, e os srs. Federici, Dolci, Melocchi, si não se elevam a alturas de grande notoriedade, são, todavia, merecedores de attenção e contribuem para bons conjunctos. Os côros são fracos, mas estão disciplinados; outrotanto se pôde dizer da limitada orchestra, e o todo, sob a direcção experiente do maestro Arthur de Angelis consegue dar espetaculos como o da "Favorita" por exemplo, que a critica benevolente deve, em conjunto, considerar muito bom.

A empresa promette ainda espetaculos em que serão exhibidas operas novas. Dellas nos ocuparemos, então, no proximo numero. — F.

BIBLIOGRAPHIA

VARNHAGEN E A SUA OBRA

O sr. Remigio de Bellido fez a proposito de Varnhagen um trabalho que quizeramos ver imitado em relação a outros grandes vultos das nossas letras e da nossa historia. Esse trabalho é definido pelo proprio autor nas seguintes linhas com que abre o seu folheto:

"Vae consignado nestas paginas tudo quanto o fecundo espirito produziu e publicou, e bem assim o que o paiz conserva religiosamente inedito em manuscriptos adquiridos de seus herdeiros, as traducções feitas de notaveis trabalhos, os prefacios com que enriqueceu obras alheias, collaboração na imprensa nacional e estrangeira e, a seguir uma relação das homenagens até aqui prestadas ao glorioso patrício.

Proseguindo na missão que me impuz de vulgarizar a vasta obra dos nossos grandes escriptores, como na "Bibliographia Andradina", a norma adoptada não destoa: mostro o que esses homens produziram, conceitos que mereceram, e quem com competencia que não eu, lhes escreva a historia, apreciando a obra pelos multiplos aspectos que desvendo nestes trabalhos."

Esse proposito, que denota no autor uma seriedade de espirito tanto mais forte quanto se mostra alheia ás seduções de gloria que outros estudos menos aridos lhe garantiriam, é realizado com methodo e proficiencia. O trabalho saiu um inventario completo e minucioso de tudo quanto Varnhagem escreveu e do principal que em relação a elle se tem escripto.

As investigações do sr. Remigio de Bellido são precedidas de um estudo, largo e entusiasta, do sr. Antonio de Oliveira sobre o nosso maior historiador.

Quem conhece as fadigas que custam empresas desta ordem e o valor que elles têm para o estudo dos homens, subscreve sem hesitação este appello com que o sr. Re-

migo de Bellido encerra o seu ligeiro prefacio:

"Oxalá não me recuse o publico, esse grande publico constituido dos patriotas que auxiliam as boas tentativas, o seu auxilio para que eu leve por deante a minha generosa idéa que se resume em poucas palavras: ter prompta para vir a lume, por occasião da commemoração do centenario da Independencia desta bella e estremecida Patria (si a minha existencia o permittir) a bibliographia paulista, que as minhas forças e elementos não consentem estendel-a a todo o paiz. Outros, certamente mais apercebidos, seguirão o exemplo e integrarão a obra patriotica."

BRASIL HISTORICO

O sr. Eugenio Egas vem de annos para cá concentrando o melhor da sua actividade intellectual no estudo da nossa historia. Já nos deu em volume um documentado trabalho sobre Feijó e uma traducção da historia do Brasil de Armitage.

Apparece-nos agora com uma publicação periodica, de grande vulto, em que, além de estudos especiaes, promoverá a impressão e reimpressão de documentos que interessam á nossa historia. Para dar idéa do valor desse trabalho a que elle pôz o titulo de "Brasil Historico" basta dizer que no primeiro volume publicado vêm as cartas de d. Pedro I ao pae e todos os outros documentos publicos, representações de camaras, discursos, proclamações, etc., que se relacionam com o movimento da Independencia.

Seguem-se a isto uma extensa bibliographia dos Andradadas, a reprodução das homenagens que lhes foram prestadas e, por fim, tudo o que se passou no parlamento e no governo quando foi da proclamação da maioridade de D. Pedro II.

O programma dessa publicação verdadeiramente benemerita, está contido nestas palavras do proprio sr. Eugenio Egas:

"Os nossos intuitos são: publicar estudos sobre homens e coisas brasi-

leiras: divulgar, methodicamente, e por assumptos, documentos historicos nacionaes, porventura ainda ineditos, ou que, não o sendo, por ahi circulam esparsos, como se fossem leis extravagantes e desconhecidas; reimprimir obras de historia patria, que estejam em pleno dominio publico, mas que, por sua raridade ou preço elevado, não se encontram ao alcance dos estudiosos desfavorecidos da fortuna."

E' preciso agora que o publico não deixe desfalecer uma tentativa tão patriotica. Publicações desta natureza não demandam só paciencia e energia pessoal: demandam, sobretudo, capitaes.

Não devem ser tambem uma obra individual mas um producto collectivo. Quem não contribuir com o seu escote intellectual, contribua com a sua quota pecuniaria. De uma ou de outra forma, cumprirá o seu dever de patriotica.

REVISTAS E JORNAES HOMENS E COISAS NACIONAES

CREDITO AGRICOLA

A lavoura, asphyxiada dia a dia, por falta de credito bancario, principalmente do credito movel accessivel, — contrariamente ao que sucede ás demais classes laboriosas do paiz, — si se vê privada já da pequena população indigena dos centros agricolas, com maior força de razão rão consegue a implantação do trabalhador estrangeiro e de pequenos capitaes, sem o auxilio dos quaes hão de permanecer incultos e estereis, por tempo indefinido, as vastas e ricas zonas da parte central do Brasil, até hoje sem expressão commercial ou industrial organisada.

A porcentagem dos nossos agricultores que precisam do credito a longo prazo é insignificante comparada com a dos que o necessitam sob a forma movel para o custeio das suas propriedades.

Entre nós antigos fazendeiros e seus descendentes, nascidos e habi-

tuados na lavoura já desertaram em quantidade dos seus postos por falta de recursos e muitos até se arregimentaram com seus filhos no arruamento dos cafesaes, para a carpa e para a colheita.

E isso por não possuirem o credito, que perfeitamente garantido, lhe seria necessario, para a manutenção do pessoal exigido pelo trabalho agricola não se vincula ao immovel, ás mais das vezes, por fugir-lhe o ponto de apoio, que é o salario normal, isto é, a assistencia que lhe deve garantir o fazendeiro.

A criação do Credito Agricola impõe-se, portanto, por vir abrir novos horizontes a tantas forças capazes, que neste momento estão em disponibilidade.

E' necessário um grande Banco Central que venha fomentar a organisação generalizada de outros institutos de iniciativa privada, assim como promover a creação e multiplicação dos bancos regionaes, injecando na vida economica nacional uma seiva nova e cheia de consequencias sociaes salutares e beneficas, modificando por completo os males que torturam e sempre torturaram a lavoura.

E, por assim não termos procedido soffremos hoje as funestas consequencias de uma desordem economica irrecusavel e aguda, que se pôde de ser minorada momentaneamente por medidas transitorias e de occasião, debellada não o será em definitiva senão á custa de iniciativas outras, applicadas com perseverança, de effeitos lentos, porém, duradouros, concludentes e efficazes.

E' admiravel que a unica actividade que sustenta ainda os cofres publicos e de cuja desenvolução depende o resurgimento dos nossos creditos interno e externo, seja exactamente aquella que não conseguiu amparo efficiente do credito apezar de offerecer as melhores e mais inilludiveis garantias.

Só S. Paulo seria sufficiente para justificar e garantir um grande instituto que operasse exclusivamente no terreno do credito agricola. Não ha a menor duvida que offerece so-

bejas garantias uma lavoura que conta propriedades agricolas em numero superior a 56.000, num valor total superior a um milhão de contos, parcelladas em áreas de 10 até dezenas de mil alqueires de extensão para cada proprietario, formando uma área total superior a 5.000.000 de alqueires, em terrenos cultivados na extensão de 600.000 alqueires e os restantes em eiras, campos e pastos. E, accrescente-se que um contingente de mais de 500.000 trabalhadores estrangeiros e nacionaes é empregado na cultura do café, da canna, do algodão, do arroz, do milho, do fumo, da vinha, da alfafa, da mandioeca, da batata e de tantas outras plantas uteis e rendosas, em que só o café, na cifra de setecentos milhões de arvores, occupa uma área de quatrocentos mil alqueires de terras, com uma producção superior a dez milhões de saccas.

E como complemento de tamanha riqueza consignemos ainda a sua pujante e, no entretanto, apenas incipiente actividade zootechnica já representada por mais de 2.500.000 cabeças de animaes de criação e de trabalho nas especies cavallar, vacum, muar, lanigero, caprino e suino, além de aves domesticas, com as respectivas producções do leite, manteiga, queijo, carne, couros, lã, toucinho, etc.

Apesar de todo este quadro lisonjeiro, apezar do apparelhamento do credito exclusivamente regional, que deu a S. Paulo um papel tão preponderante na nossa vida economica, esta opulenta região se acha na mais embaraçosa situação por não dispor a lavoura do credito necessário, em um periodo excepcional e agudissimo, como o que atravessamos, para defender efficazmente seus productos, sacrificando-os portanto a preço vil.

Si isto acontece em relação a São Paulo, que tem recursos excepcionaes de prosperidade, imagine-se os transes por que está passando o resto da lavoura do paiz, quer do norte quer do sul.

E é de justiça consignar que o que se dá no momento presente é a

consequencia de uma crise de ordem geral, affectando a tudo e a todos cujas responsabilidades não podem ser imputadas á lavoura, que, ao contrario, ha longo tempo clama por medidas que, se não impedissem em absoluto os horrores por que estamos passando, pelo menos attenuariam grandemente as suas consequencias.

A lavoura sem credito não pôde se expandir nem alimentar a fortuna publica ou particular; sua ausencia promove o exodo das populações ruraes para os centros populosos, como todos os seus inconvenientes: os productores transformados em consumidores; a fome de empregos publicos: a miseria das classes proletarias e o augmento dos encargos do governo nos serviços de assistencia, além das apprehensões inherentes e possiveis perturbações da ordem publica, com o apparecimento de tendencias desorganisadoras de que são ferteis as grandes agglomerações, quando dellas desaparecem os meios de subsistencia e esperanças de melhoria de sorte.

Urge, custe o que custar, inverter a situação, entregando as populações validas ao nobre trabalho rural e desengorgitando os centros urbanos das agglomerações superabundantes e prejudiciaes, desta forma restabelecendo o equilibrio social, condição indispensavel da ordem e do progresso, que todos nós devemos aspirar.

A experiencia feita entre nós, até aqui, com relação ao credito agricola, habilita-nos ás seguintes conclusões:

1.^a — Que as tentativas feitas têm sido em geral timidas, intermitentes e sem o devido cunho de perseverança;

2.^a — Que balanceados os encargos assumidos pelos Poderes Publicos com o que lhes forneceu em rendas a lavoura, ha um grande saldo a favor desta, até aqui a principal classe ou a unica verdadeiramente productiva no paiz;

3.^a — Que o insucceso das instituições de credito agricola entre nós provém de que, em uma questão de

caracter em absoluto concreto, procuramos adstringir-nos a principio economias rigorosamente theoricas, pretendendo applicar, com exactidão mathematica, ao nosso paiz, axiomas e regras que entre outros pôdem ter toda exequibilidade mas que a nós não se ajustam;

4.^a — Que aquillo que tem sido emprestado á lavoura propriamente dita ha aproveitado á industria agricola e ao crescimento das fortunas publica e particular, sem prejuizos.

O futuro do Brasil deve resultar incontrastavelmente da sua industria agricola: e assim sendo a nós se nos affigura inqualificavel que os estadias patrios não lhe tivessem assegurado meios legaes indispensaveis ao natural descortino, no bom sentido de garantir as riquezas publica e particular contra as adversidades cyclicas a que sempre estão sujeitos, quanto o nosso, os paizes incipientes.

Cabem ao Governo actual e ao Congresso Nacional as responsabilidades e a grande gloria de resolvrem tão elevadas aspirações nacionaes. — (Padua Rezende — *Jornal do Commercio*, Rio).

TRANSFORMAÇÕES DO CAPTIVEIRO

Tendo abolido a escravidão na ordem jurídica — a forma da escravidão iniqua e artificiosa, que só deriva da lei — os homens bradaram com altivez: Somos todos livres. Na realidade nem somos livres, ao menos, de querer ou deixar de querer, vivendo tyrannizados pelo determinismo do meio cosmicó, do meio physiologico, do meio social, cujas influencias nos governam as proprias volições como senhores omnipotentes. Cada sér humano é absolutamente um automato, indo e vindo, querendo e não querendo, por determinação de forças ineluctaveis.

A fatalidade economica e social do captiveiro não se afigura menos positiva e quando nos falam hoje de escravidão, como de um instituto que desapareceu no curso da historia, certamente pensamos num aspecto

que se transforma sob os nossos olhos.

Uma onda de barbaria desfez o mundo antigo, mas a terra implacável reteve o seu escravo, mudado em servo da gleba, que os barões feudais, simultaneamente, opprimiam e tutelavam. Posteriormente, emancipado juridicamente o servo da gleba, logo reciaiu na servidão operaria por effeito immediato e virtude imperiosa das leis chrematisticas: ao captiveiro americano dos negros, por outro lado, succedera tambem o dos brancos, flagellados pelo tremendo açoite do caudilhismo.

Economicamente, pois, não vereis senão o trabalhador escravo do mais rico e do mais forte na Grecia ou em Roma, nos castellos da idade média, sob a colonisação americana, sob o regimen bellico-o-industrial dos nossos dias. Falaes do captiveiro em Babylonia, e quantos milhões de escravos tem Rockefeller, para elle suando e por elle soffrendo, que vão acabar triturados, esmoidos na complexa engrenagem dos seus captaes!

A's transformações do captiveiro economico vem reunir-se a do captiveiro sexual. Em Babylonia as escravas nuas dansavam nos festins para deleite dos convivas; os mercados orientaes de mulheres abasteciam periodicamente os serralhos; a Andaluzia creava as suas filhas, ainda no seculo XIII, para a escravidão nos harens do mouro invasor; e a Venus berbere comprada na ilha de S. Thiago, a peso de ouro, foi a tenebrosa Venus do Brasil colonia.

Ora, o trafico das brancas veiu actualisar essa instituição primitiva, mas permanente, que é o acto da compra e venda da mulher, entre os homens avidos do lucro e do goso na sociedade moderna, como nas feiras em que os vendedores expunham, a preço fixo, georginas e armenias, syrias e nubias entontecedoras.

O captiveiro politico, esse, é o tema forçoso de quantos jornaes independentes circulam no Brasil. Para certos mandatarios dos senhores locaes o mandato significa, exactamente, abolição de todo o querer e

de todo o pensar: na propria liberdade não vêm elles senão o grande mal, inimigo do seu conforto e da sua cadeira. Refreiam a palavra, educam o sorriso, professam o mutismo. Sem o convivio intimo dessa variedade social, não pôde imaginar um homem até onde vae, espontaneamente, a despersonalisação humana, a sombria metamorphose animica da pessoa em coisa — essencia juridica do instituto servil, equiparando as almas aos troncos e ás pedras. Em seres inarticulados e acephalos transmuda o captiveiro politico esses individuos gelatinosos, e os rebeldes lembram apenas escravos fugidos ao eito.

Não menos triste é o captiveiro dos intellectuaes no Brasil, onde raireiam esribas e leitores emancipados, de modo que vinte citações acompanham, tyrannicamente, a formula de uma verdade elementar, basica, definitiva, em direito ou agronomia, em literatura ou medicina.

Vendo os homens assim escravizados na ordem cosmica e tantos delles na ordem social; vendo que o primeiro gesto das multidões, imperfeitos e atordoantes resumos da humanidade, é para buscar um senhor, e obedecer, comprehendi porque o immenso Aristoteles, na sua "Politica", definira a escravidão como facto da natureza.

O orgulho da especie, conforme Aristoteles, é produzir outros homens, que não seriam escravos moraes em condição alguma, e ainda sob os ferros do captiveiro permanecem livres, como Epicteto, ao dizer perante a força brutal: "Podes subjugar-me o corpo, não a alma." — (Celso Vieira — *O Paiz*).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

O "TUMULO DA NATUREZA"

E' este o nome dado pelo famoso explorador polar Wrangel á parte nordeste da Siberia, territorio de forma triangular que fica entre o

rio Lena, no occidente, a cadeia dos montes Stanovoi, ao sul, e o Oceano Arctico, ao norte. Nome bem apropriado. Tres rios percorrem esta região, de oeste a leste: o Iana, o Indighirca, e o Lohyma. No inverno todos elles ficam cobertos de uma crosta de gelo da espessura de tres a quatro metros. A região é horrivelmente triste e monotonha. Passados os montes Verchoianicos, o viajante encontra-se numa vasta planicie, que desce para o Oceano Arctico. Primeiro, percorre uma zona ondulada de suaves collinas, cobertas de duas florestas de pinheiros, entre as quaes ha numerosos lagos e paúes. Mais ao norte, os bosques pouco a pouco vão rareando, vendose então planicies cortadas de lagos até as margens do Oceano Arctico. Essas planicies são chamadas "tundras". De maio a setembro, cessa todo movimento nessas solidões.

O frio ultrapassa tudo quanto podemos imaginar. A' margem do rio Iana ha una aldeia — Verchoiansk, que é considerada como o logar mais frio do mundo. No mais forte do inverno, o thermometro desce a sessenta gráus abaixo de zero.

A temperatura media em Janeiro, que é o mez mais frio do anno, é de — 50°. Com essa temperatura, a respiração torna-se difficil. Parece que o frio intenso supprime todo o movimento e toda vida. Um silencio profundo e pavoroso domina a região. As rennas retiram-se para o fundo das florestas, e ahí permanecem immoveis, como privadas de vida...

Nada se pôde imaginar mais confrangedor do que percorrer essa região no inverno. Envolto em pelles que pesam dez ou doze kilos, o viajante, se está a cavallo, não pôde quasi mover-se.

Os unicos seres vivos que se encontram, além da renna, são o corvo, a coruja polar e, nas zonas de florestas, o lobo, cujo ulular resôa lugubremente, á noite, através das florestas densas.

Não é apenas pelo silencio atterorisador e pela immensa melancolia da região, que o nordeste da Siberia

merece o nome de "Tumulo da Natureza". E' tambem por ser um cemiterio de enormes animaes prehistoricos: elephantes, mamuths, rhinocerontes, bufalos.

Por toda a parte ao longo dos rios, nas planicies, nas collinas, a poucos metros da superficie do solo, encontram-se craneos, ossos, dentes, desses animaes. Por vezes encontram-se collinas de gelo, em cujo interior ha enorme quantidade de restos de grandes animaes prehistoriclos.

Evidentemente, elles foram mortas em bandos numerosos. A mesma coisa se vê tambem nas ilhas ao norte da Siberia.

Os navegantes que se arriscam ate aquelles mares desertos, vêm por vezes emergir, no alto de uma montanha de gelo, o esqueleto de algum monstro antidiluviano, que o degelo liberta do seu tumulo secular. Coisa mais estranha ainda é ver-se, com o degelo, aparecer á luz do sol corpos inteiros de mammuths, perfeitamente conservados, com a sua carne e com as suas pelles. O estado de conservação é tão perfeito, que os lobos devoram as carnes daquelles animaes sepultados ha milhares e milhares de annos...

Muita gente pensa que a Siberia tem um bello futuro, graças ás suas riquezas mineraes e á fertilidade do seu solo. Isso, porém, só pôde referir-se á Siberia meridional. Na zona septentrional o homem não pôde penetrar senão pelo inverno, quando o terreno paludososo se cobre de gelo. A neve não desaparece senão em junho, e muitos rios ficam gelados até agosto. E' verdadeiramente a região do gelo. Como disse Wrangel, aqui "a natureza permanece immantada por um inverno quasi eterno. A vida não é outra coisa senão uma luta continua contra as privações e contra o pavor do frio e da fome. Que é que poderia fazer com que os seres humanos deixassem terras mais favorecidas, por esse tumulo da Natureza que não contém senão os ossos de um mundo morto?" — (D. Gath Whithey — *Chambers's Journal*).

SCIENCIAS E ARTES

O FIM DO MUNDO

Num interessante trabalho publicado nestes ultimos mezes, o astro-nomo Puiseaux expõe uma nova theoria do "Futuro dos planetas".

Os geologos e os astronoms do seculo passado queriam negar a possibilidade de um inesperado fim do mundo. Todavia, as observações realisadas recentemente sobre as estrelas não permitem pôr mais em duvida que se verificam alterações e cataclysmos em alguns corpos celestes. E como o Sol é uma estrella semelhante ás outras, claro é que os mesmos phenomenos observados na quelles astros longinquos poderiam produzir-se tambem no nosso sistema.

Varias são as explicações dadas até aqui para o calor e a luz solar. Falou-se de reacções chimicas e movimentos internos da massa; do choque de numerosos meteoritos que cãem sobre o sol; e admittiu-se mesmo a possibilidade de que o proprio sol se contraia, desenvolvendo assim a energia que irradia. Mas, segundo um recente estudo de Innes, a tendência actual do sol não seria a de contrahir-se, mas a de dilatar-se, e isto não sómente sob a influencia de uma elevadissima temperatura, mas sob a acção de uma pressão excessiva. "Esta força que opera no sol, diz o sr. Puiseaux, não produziu ainda todos os seus effeitos e pôde muito bem reservar-nos ainda qualquer surpreza formidavel."

Em confronto com as estrellas, pouco numerosas, a dizer a verdade, — das quaes se conhecem approximadamente a massa e a densidade, o sol constitue uma especie de excepção, visto como das observações feitas se conclue que uma grande massa e uma grande densidade não são compativeis entre si. "Por isso, o sol dá a suspeita de se achar em condições instaveis: ser assim como uma pessoa anormal, affectda de um vicio organico, e de um momento para outro pode dar lugar a crises menos inoffensivas do que as que

produzem os raios coronas, as protuberancias e as manchas."

E eis-nos de novo deante da visão temivel de um fim violento do mundo: a explosão do sol e talvez tambem dos planetas! Todo o nosso sistema planetario poderá, de um momento para outro, ser destruido por essas tremendas explosões, á semelhança do que succede numa estrella que passa bruscamente para o estadio de nebulosa.

OS MICROBIOS E A TEMPERATURA

Crê-se geralmente que o abaixamento da temperatura tenha por effeito destruir os microbios ou paralysar a sua actividade normal. E' por isto, segundo a opiniao corrente, que as epidemias são menos temíveis no inverno do que no verão.

Mas, se é exacto que uma temperatura elevada é necessaria ao desenvolvimento dos microbios, não o é menos que estes são dotados de uma grande resistencia aos abaixamentos de temperatura. E com effeito, por occasião dos grandes frios, a agua pode conter uma quantidade de micro-organismos superior á que contém no verão.

Essa diferença foi estudada pelo scientista francez Ruediger num rio muito sensivel ás mudanças da temperatura. Desse modo foi possivel constatar, com analyses bacteriologicas de aguas estraidas a mais de 100 kilometros do ponto em que foi feita a contaminação com aguas de esgotos, que naquellas se encontram cinco ou seis vezes mais de microbios durante o inverno do que durante a estação quente. Foram feitas, depois, constatações semelhantes, ácerca do bacillo do typho, muito mais abundante sob o gelo durante o inverno, do que nas aguas livres durante o verão, no mesmo ponto. Póde-se argumentar que a razão disso se deve á accão microbicida dos raios solares, a qual não se manifesta mais a partir do fim do outomno. Em todo caso, estes factos bastam a explicar as epidemias invernaes do typho, que irrompem ás vezes em regiões

onde as aguas de uso domestico não são filtradas durante os mezes em que a temperatura é mais fria. De tudo isto, a conclusão a tirar-se é esta: que é preciso ser prudente, tanto no inverno, como no verão, com relaçao ás aguas. — X.

VARIEDADES

COMO SE TEM JULGADO A DANÇA

Regista-se, em nossos dias, uma doença nova. Naturalmente, uma doença da moda e sob a forma de febre: o *tango*. Muitos dos leitores não terão delle idéa mais nitida nem poderão fazer delle juizo diferente do expresso pelas duquezas de Norfolk e Bedford e outros modelos do bom-tom inglez, quando sobre o grave problema as inquiriu importante jornal de modas londrino. Não! ellas, essas damas de *austera* elegancia e pesados titulos, não podiam acceitar a dança exotica. A maioria dellas, em verdade, ajuntou á sentença não haver jamais dançado ou visto dançar o *tango*. Nem lhe desejavam fazer o conhecimento... Não é temeroso suppor que, para muitos, a repugnancia provem mais da expressão do que do facto. Porque *tango* — de *tango*, *tetigi*, *tactum* — tem, na Politica Sexual e na Medicina, significação assaz peculiar. Ante o fracasso da inquirição, julgou-se de conveniencia submeter o *tango* a um tribunal ecclesiastico, composto de quanto possuia o clero de mais elevado. Os bispos de Londres, porém, recusaram-se conhecer do caso, segundo informa o "B. T.". Não foram á exhibição, para tal fim promovida, sob pretexto de desinteresse. Então, nasceu a idéa do plebiscito. A sessão se realizou no *Queen Theatre*. Casa excellente. As danças argentinas e brasileiras foram acompanhadas com a mais religiosa attenção. Ao fim do espectáculo, votos. Pro *tango* foram 731 dos espectadores; contra elle, accusando-o de immoral, apenas 21. De uma segunda votação, nada resultou em desabono do *tango*: 699 votos,

contra 18, affirmaram a compatibilidade delle com a moral inglesa... Na França, foi tambem o tango uma pergunta do dia. O *Wiener Illustr. Extrablatt* de 21 de janeiro de 1914 noticia, a respeito, num artigo intitulado — "Como os tempos mudam", — haver o Arcebispo de Paris condemnado o tango, enquanto recommendava fervorosamente, aos seus diocesanos, se contentassem com a valsa. O tango e mais danças, que não as figuradas e a valsa, eram, para o prelado de Paris, peccaminosas e immoraes. Como os tempos mudam! Agora mesmo, reproduz um jornal de Paris um artigo da revista "Fleur de Lys", numero de 4 de Junho de 1824, para mostrar que contra a valsa, foi, em tempo, levantada equal objurgatoria. O artigo reproduzido tinha titulo expressivo — "Lamentavel falta de decencia" — e dizia, textualmente, da valsa:

"Uma dança conhecida pelo nome de "Walzer" ou "Valse", originaria da Allemanha, conseguiu, não ha duvida, conquistar o favor quasi geral da mais alta sociedade de Paris. Em muitos dos ultimos bailes, sem exceptuar os da aristocracia, não se pejaram damas christãs, e até mães de familia, de dançar a dita valsa, entregues aos braços de cavalheiros que eram, de todo em todo, estranhos. E os maridos tiveram que ver as esposas queridas e respeitadas, em volteios livres, impudicos, com homens desconhecidos dellas. Não nos atrevemos a descrever esta dança; constatamos, apenas, e com tristeza, que ella tem sido, com especial carinho, acolhida pelos homens e, especialmente, pelas mulheres que deviam ser, para o povo, exemplo de decencia e virtude. Felizmente, já devem os parochos ter recebido a incumbencia de amaldiçoar de seus pulpitos esta "Valse", que perturba os espiritos, abala os corações e envenena as almas."

Ao examinar questão de tanta importancia, é, talvez, de interesse sa-

ber-se como sobre ellas pensaram nossos avós. Nos "Pensamentos escolhidos sobre varios assumptos de Moral e Politica" — de J. J. Rousseau, cuja primeira traducção alleman data de 1764, partilha o grande philosopho parecer mais terreno e agradavel que os acima citados. Elle não sabe "por que motivo se diz mal da dança e da sociedade que ella occasiona" e extranha mesmo "se considere o dançar peccado mais grave que o canto." "O aconchego, em presença de tantos, de duas pessoas de sexos differentes é, forçosamente, um passa tempo innocent, por isso mesmo que publico; a mais piedosa occupação a dois pode ter, entretanto, caracter mais duvidoso, quando ao abrigo de vistas curiosas." Além disso, vê o philosopho, da dança, um meio de que se servem a Natureza e a Sociedade para despertar e approximar sympathias latentes e dispersas. "Será isso um crime?"... Sentença contraria é a de J. H. Gottlob, nos "Escriptos Satyricos", aparecidos em 1760. Todas as suas duvidas se apoiam sempre nesta pergunta: porque é, na dança actual, fundamental o requisito da diferença de sexos? qual a razão por que deve ser cada pessoa de sexo diferente? Não padece duvida que os meneios e o aconchego desenvolvem, de certo modo, desejos de outra posse, porque o calor do organismo aumenta, a circulação se torna celere, são mais vivazes as manifestações de vida. A dança já manifesta, por si só uma inclinação, um desejo reciproco: o de ser agradavel ao parceiro. Ha, indubitavelmente, almas que se conservam impassiveis no torvelino de uma dança; mas, para essas, a indifferença é a norma geral de vida... Certo, dançar faz bem ao organismo, dá ás formas aprumo gracioso e, aos movimentos, harmonia. Mas, porque é que se não formam os pares de pessoas do mesmo sexo? — (Dr. Hans Schneickert. — *Sexual Probleme*, Berlim).

SOCIEDADE ANONYMA

“REVISTA DO BRASIL”

Em obediencia ao art. 18 dos Estatutos, foram convocados os srs. accionistas da Sociedade Anonyma *Revista do Brasil* para a primeira assembléa geral, que se realizou no dia 30 de Março ultimo.

Nessa Assembléa foram tomadas varias deliberações como se vê da acta que aqui se reproduz:

“Aos trinta dias do mez de Março do anno de 1916, ás vinte horas, presentes numa das salas do predio em que funciona a redacção do journal “O Estado de S. Paulo” accionistas da Sociedade Anonyma *Revista do Brasil*, em numero legal, conforme consta do livro de presenças, o Sr. Dr. Ricardo Severo, presidente da Directoria, declara aberta a sessão, convidando em seguida os srs. accionistas a elegerem o presidente effectivo da assembléa.

Por indicação do sr. Nestor Rangel Pestana é eleito por aclamação para presidir a reunião o mesmo Sr. Dr. Ricardo Severo, que convida para secretario o Sr. Dr. Florivaldo Linhares.

Entrando-se na ordem do dia, o sr. Presidente procede á leitura do relatorio e contas apresentados pela Directoria, assim como parecer do Conselho Fiscal, relativo a ditos documentos, concluindo pela approvação das contas e actos praticados pela Directoria. Postos em discussão o relatorio e contas da Directoria,

assim como o parecer do Conselho Fiscal e ninguem pedindo a palavra, procede-se á votação, sendo unanimemente aprovados. Abstiveram-se de votar os srs. membros da Directoria e do Conselho Fiscal.

Em seguida o sr. Presidente declara, de accordo com o redactor-chefe da *Revista do Brasil*, que para a boa marcha dos negocios da Revista, se torna necessário o preenchimento do cargo de Redactor-Secretario, previsto nos Estatutos, propondo a escolha do Sr. Dr. José Martins Pinheiro Junior, que já vem prestando os melhores serviços á publicação, desde o seu inicio, e que acumulará tambem as funcções de gerente. Submettida a proposta á consideração da casa, é ella unanimemente aprovada sem discussão.

Pede a palavra em seguida o Sr. Dr. José Martins Pinheiro Junior e, agradecendo a indicação do seu nome para Secretario-Gerente da *Revista do Brasil*, renuncia por esse motivo o cargo de Director-Thesoureiro da Sociedade Anonyma *Revista do Brasil*, para o qual tinha sido eleito na assembléa constituinte da Sociedade.

O Sr. Presidente, tendo em vista a vaga aberta na Directoria com a renuncia feita pelo Dr. José Martins Pinheiro Junior, declara que vai se proceder á eleição do substituto le-

gal. Pede a palavra o sr. Amadeu Amaral e propõe que seja eleito por aclamação o accionista Dr. Luiz Wanderley. Consultada a casa é a proposta unanimemente approvada, sem debate, sendo o referido Sr. accionista proclamado Director da Sociedade Anonyma *Revista do Brasil*.

O Sr. Dr. Plinio Barreto, redactor-chefe da Revista, expõe em seguida as relações que tem estabelecido com os melhores escriptores do paiz a proposito da collaboração, tendo encontrado até agora da parte de todos a mais franca sympathia e o auxilio mais efficaz. Do ponto de vista da

collaboração S. S. declarou que encara sem receio o futuro da Revista.

Nada mais havendo a tratar e ninguem mais pedindo a palavra, o sr. Presidente da Assembléa suspende a sessão por alguns minutos afim de ser lavrada a presente acta. Reaberta a sessão, foi a acta lida e unanimamente approvada, sem debate, tendo ficado a mesa autorisada a assignal-a, mediante proposta do Dr. Roberto Moreira, unanimemente approvada. O Sr. Presidente, agradecendo aos srs. accionistas a honra de ter sido eleito para presidir a reunião, declarou em seguida encerrada a sessão.”

AS CARICATURAS DO MEZ



O EQUILIBRIO DIFFICIL
A Artista — Si essas ligas continuam a me apertar as pernas, eu vou ao chão.
("Careta" — J. Carlos)



A canção desejada na Europa: — "Oublions le passé..."
("Correio Paulistano" — Raul)



— Creio que se enganou na porta.
— E' aqui mesmo; é a Academia de Letras que procuro... Como morre um
immortal por mez...
("Correio Paulistano" — Raul)



A CONFERENCIA DE PARIS
Guilherme (espiando pelo buraco da fechadura) — Agora sim, é que estamos
fritos!!
("Il Pasquino" — Voltolino)

SUMMARIO do 1.^o numero

(25 de janeiro de 1916)

REDACÇÃO

PEDRO LESSA, da Academia Brasileira
ADOLPHO PINTO
L. P. BARRETO
ALBERTO DE OLIVEIRA, da Ac. Bras.
AMADEU AMARAL
VALDOMIRO SILVEIRÁ
JOSÉ VERISSIMO, da Acad. Brasileira.
VICTOR DA SILVA FREIRE

Revista do Brasil.
O preconceito das reformas constitucionais.
O centenario da Independencia.
O ultimo passo da cirurgia.
A rima e o rythmo.
O elogio da mediocridade.
Desespero de amor.
O modernismo.
Factos e idéias.

RESENHA DO MEZ — O código Civil Brasileiro, *P. B.* — *Movimento Literario*: — Lendas e tradições — Machado de Assis. — *Bellas Artes*: — Pintura e escultura, *P.* — *Revistas e Jornais*: — As Revistas no Brasil; (A Semana) a nossa situação internacional. — As Revistas nos Estados Unidos. — Solidariedade commercial e de instituições das repúblicas do hemisfério occidental. — A alimentação das crianças nas escolas. — Guerra ao alcool. — Os literatos italianos e a guerra. — O organizador da «triplice-entente». — As mulheres japonezas e a política. — Aphorisms. — As mentiras da «réclame», *Collaboradores da Revista do Brasil*. — *Sciencias e Artes*: — O telephone sem fios. — Automóveis amphibios. — A acústica das salas. — As cidades-jardins, *X*. — As caricaturas do mez (seis caricaturas reproduzidas).

2.^o numero

(25 de fevereiro de 1916)

MARIO DE ALENCAR, da Acad. Bras.
CARLOS DE CARVALHO
PAULO R. PESTANA
AMADEU AMARAL
VEIGA MIRANDA
ARMANDO PRADO
E. ROQUETTE PINTO, do Instituto Hist.
e Geográfico Brasileiro
FLORIVALDO LINHARES
PLINIO BARRETO

José Verissimo.
Economia e finanças de S. Paulo.
A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo.
O Brasil, terra de poetas.
O Margarida (novella).
Francisco Adolpho de Varnhagen.
Um informante do Imperador Pedro II.
O "apriori" na teoria criticista.
Eduardo Prado e seus amigos (cartas inéditas).

RESENHA DO MEZ — Monólogo, *Yorick*. — José Verissimo. — A «Atlântida», *R. S.* — Nacionalização da arte, *R.* — Pintura, *N.* — Musica, *F.* — *Bibliographia*: — O Barão de Paranapiacaba — Victoriano dos Anjos — Questão orthographica — A embajada brasileira em Portugal — As origens e o princípio da carreira de Lloyd George — Guerrini-Stecchetti — Recordações de Verlaine — Rémy de Gourmont — Orientação social dos estudos universitários — O direito e a psychologia — Os progressos da electrificação dos caminhos de ferro, *L.* — As propriedades terapêuticas do sapo — Como se deve estudar — A reconstituição das florestas — Odores humanos — As caricaturas do mez (seis caricaturas reproduzidas).

3.^o numero

(25 de março de 1916)

AUGUSTO DE LIMA, da Acad. Brasileira
AURELIO PIRES
PAULO R. PESTANA
MARIO PINTO SERVA
ALBERTO DE OLIVEIRA, da Ac. Bras.
AMADEU AMARAL
MONTEIRO LOBATO
OCTAVIO AUGUSTO
VICTOR DA SILVA FREIRE

Affonso Arinos.
Recordando . . .
A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo (com ilustrações).
A organização do meio circulante.
A rima e o rythmo.
A palmeira e o raio.
A vingança da peroba.
Nos domínios de Beethoven.
1815-1915.

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — Affonso Arinos, *Redacção* — Affonso Arinos (soneto), *Arduino Bolívar* — As Academias de Portugal, *R. S.* — Eduardo Prado, *P.* — Pintura, *N.* — Musica, *F.* — Visconde de Porto Seguro — Cidades mortas — Aspectos do Norte — Carmen Sylva — A mestiçagem das raças na América — As mutuas escolares na Itália — Consequências da guerra — Selvagens e civilizados — As explosões e o sistema nervoso — Os metais da guerra — Os diários de Tolstoi — Goethe nas trincheiras. — As caricaturas do mez (tres caricaturas reproduzidas). — Retratos: Affonso Arinos e Lucílio de Albuquerque, por Wasth Rodrigues. — Gravuras fóra do texto: «Mãe preta», quadro de Lucílio de Albuquerque. — Fazendas do Estado de S. Paulo (oito gravuras).

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA— Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', ALFREDO BAUER e PEDRO SOARES DE ARAUJO—Travesse da Sé, 6. Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angelica, 141 — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. Ex-chefe de clinica cirurgica na Universidade de Genebra, assistente dos Hospitales de Berna e Genebra. — Rua Libero Badaró, 181. Teleph. 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Consult.: Rua Quintino Bocayuva, 4 (esq. R. Direita). Resid.: Rua Albuquerque Lins, 92. Telephone 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças. — Resid.: Rua da Consolação, 62. — Consultorio: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. Tratamento das urethritis chronicas, pelos methodos mais aperfeiçoados. Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Teleph. 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Corretores officiaes — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 — Teleph. 323 — Resid.: Rua Albuquerque Lins, 58. Telephone 633.

CORRETOR OFFICIAL—JAYME PINTO NOVAES — Rua S. Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738 — Compra e venda de apólices do Estado, Accções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc., etc.—Rua S. Bento, 57 (baixos).

SOCIEDADE ANONYMA COMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA—Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Despachos nas alfandegas do Rio e Santos — Consignatarios e agentes de vapores e veleiros — Estivadores — Representações e commissões em geral — Agentes de companhias de seguros.—**Santos:** Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107. — **Rio:** Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. 881. — **S. Paulo:** Rua Boa Vista, Telegrammas: "Belli".

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA—DONATO PLASTINO — Emprega só fazendas estrangeiras — Rua do Thesouro, 3 (1.^o andar) — S. Paulo.

INDUSTRIAES E IMPORTADORES:

C. MANDERBACH & COMP. — Papelaria, typographia, encadernação. Artigos para escriptorio, pintura, desenho e engenharia. Utensilios para typographia, encadernação, pautação e estereotypia. — Telephone 792 — Caixa 545 — Rua S. Bento, 31. — S. Paulo.

A INTERNACIONAL — Grande Fabrica de Malas e Canastras — Variado sortimento de malas de couro, lona e zinco — Malas para cabina, de mão e bolsinhas. — Saccos de roupa suja, cadeiras e mais artigos de viagem. — Officina para concertos. — **Domingos Macigrande.** — Rua São João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cautelas de casas de penhores e do Monte de Soccorro de S. Paulo — **A CASA MARCELLINO** compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

Molho Aromatico Brasileiro

O melhor estimulante da digestão. Aroma delicioso e sabor agradabilíssimo. Indispensável ás pessoas de bom paladar.

Preparado por **J. Thomaz de Aquino**

PREÇO 2\$000 - REZENDE - Estado do RIO

Depositos:

S. Paulo: - I. DIEGO & Co. - Av. Rangel Pestana, 6

Rio: - M. J. CARNEIRO JUNIOR - R. dos Andradas, 19

COMP. NACIONAL

DE TECIDOS DE JUTA

Fiação e Tecelagem

Fabrica SANT'ANNA

Aniagens - Saccaria - Lona branca - Tapetes

Lona de cores para colchão etc.

**Fios de Juta simples ou torcidos
de qualquer grossura** ■ ■

Escriptorio :

RUA ALVARES PENTEADO N. 24

TELEPHONE N. 872

CAIXA POSTAL N. 342

Telegrammas: JUTA S. Paulo

CODIGOS

Particular
Ribeiro
A. B. C. 4.^a e 5.^a edição
A. I.

SÃO PAULO

BEBAM
↔
WHISKY DEWAR
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e
AGUA MINERAL

Perrier

O
INIMIGO DO
ACIDO URICO



A
CHAMPAGNE DAS
AGUAS DE MESA

“WHITE LABEL” and “PERRIER”
AN IDEAL COMBINATION

UNICOS AGENTES: H.E.BOTT & Co.

Grande Fabrica de Bilhares TACO de OURO :: JANUARIO PIRILLO

Importação e exportação de artigos para bilhares - Tornearia. Tapeçaria e Moveis

Pintam-se pannos para todos os jogos, sendo todas as encommendas, tanto da Capital como do Interior executadas com a maior presteza

TORNEIAM-SE BOLAS COM PERFEIÇÃO

Jogos de bolas, tabellas de borracha de diversas qualidades, pannos, sollaras, marfins, giz branco e azul, tacos de varios feitos, escovas, côla espeial em vidros, tintas para tingir bolas, etc., etc., sendo todos os artigos de primeira qualidade.

Artigos para todos os jogos, como sejam : Roletas, tableau de roletas, tableau de baccarat, mesas para jogos carteados, fichas, bolinhas para roletas

Largo General Osorio, 29 :: S. PAULO :: Telephone, 3799

CASA DUCHEN

**Grandes Armazens
de Alimentação =**

ENORME SORTIMENTO DE VINHOS

Em Quartolas e por duzias. :: Grande Variedade em

LICORES FINISSIMOS
Nacionaes e estrangeiros ::

Não deixem de comprar uma **Lamparina Ideal**
Ultima novidade; pratica, economica e hygienica ::

RUA DE SÃO BENTO, 76

Telephone, 429

SUCCURSAL DA

Premiada Escola Moderna de Corte

Para Alfaiates e Costureiras

DO PROF. ROCCO ALDI DE TURIM

DIRIGIDA PELO PROF. FRANCISCO BORELLI

Ensino especiai de tirar medida para reconhecer as conformações defeituosas :: Executam-se moldes sob medida :: Estatuto e Regulamento gratis a quem pedir

Rua S. João, 83-A

S. PAULO

Caixa Postal, 1112

Grande Fabrica de COFRES e Officina Mechanica

Premiada com Grand Prix nas Exposições : Nacional, 1908 — Milano, 1912 e 1913, — Gran Premio e Medalhas de Ouro

VITTORIO GARIBALDI

Patente privilegiada N. 5222

Fazem-se chaves difficeis e qualquer trabalho pertencente a esta arte

Travessa do Seminario, 10 - 12 :: Telephone, 2412

SÃO PAULO

F. BULCÃO & C.

CASA MATERIAZ:

RIO DE JANEIRO - Avenida Rio Branco N. 20

CASA FILIAL:

S. PAULO - Rua Florencio de Abreu N. 58

OFFICINAS:

Jundiahy

Fabricantes e importadores de Machinas para Industrias e Lavoura

ESPECIALIDADES DA NOSSA FABRICAÇÃO:

Machinas completas para café, canna, mandioca, arroz, milho, madeiras, torradores de café de diversas capacidades

Além das machinas de beneficiar café, fabricamos tambem machinismos para capacidade de 300 até mil arrobas de café beneficiado por dia. -- Tendo os srs. agricultores reconhecido a superioridade de nossas machinas separadas ou conjugadas de beneficiar café e outras sobre as demais combinações que por ahi apareceram, excusado será recommendarmos aos srs. interessados os machinismos de nossos vastos ramos industriaes e commerciaes.

F. Bulcão & C.-Casa Arens

OFFICINA DE CALDEIREIRO

DE

Virgilio Antonio de Brito

CASA FUNDADA HA MAIS DE 100 ANNOS

Unica em S. Paulo em condições de satisfazer qualquer encommenda, pois achando-se reorganizada novamente, possue pessoal habilitado e está sua direcção a cargo do proprietario, com mais de 35 annos de pratica. — Trabalho garantido por 10 e 15 annos e eguaes aos melhores importados da Allemania e da França. — Tem sempre completo sortimento de Obras em Alambiques de qualquer sistema. — Rectificadores para adaptar em qualquer Alambique com aumento de 50 olo alem de seu producto de sua propriedade.

PRIVILEGIADO POR PATENTE N. 2612 DE 16 DEZEMBRO DE 1896

Caldeiras para assucar, a fogo nú e a vapor - Ditas para cerveja e para tinturaria

Taxos e taxas de cobre e outros artigos deste ramo de negocio

Compra cobre e metaes velhos

Rua Ribeiro de Lima, 53 - Telephone, 40 - SÃO PAULO

O CELEBRE FITZ GERALDO

Dirige pessoalmente todos os nossos trabalhos artísticos, sendo isso o baslante para ficarem certos de que os nossos trabalhos são todos de primeira classe. - Por isso façam tirar os seus retratos pelo primeiro artista do mundo no atelier da

American Photo-art Co.

Rua 15 de Novembro, 27 e Rua da Quitanda, 2 - (3º and.)

Altos da CASA MICHEL

SÃO PAULO



Grand Hôtel de la Rôtisserie Sportsman

R. S. Bento, 16 - Telephone, 2795 - Caixa Postal, 571 - SÃO PAULO

CASA MENDES

Vidros para vidraças
Quadros-oleographias
Espelhos e papéis pintados

A. MENDES

Telephone, 2389 - Rua de São Bento, 28-B
SÃO PAULO

JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SÃO PAULO

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511
ESTABELECIMENTO DE 1.^a ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,
Filial: CAMPINAS- GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

LOTERIA DE S. PAULO

em 11 de Maio

NOVO PLANO ♦♦♦ 100 CONTOS

Em dois grandes Premios de

50:000\$000

cada um

**O bilhete inteiro custa apenas 2\$000 á venda
em toda a parte**

≡ Da grande pianista
Guiomar Novaes

ao sr.

Estevam Lucchesi
afinador de pianos:

199^{mo} Sra. Estevam Lucchesi

Saudações.

Comunico-lhe que
fiquei muito satisfeita
com a afinação e concerto que
V.L. fez em meu piano.
Portanto creio que os seus
trabalhos rivalizam aos
melhores profissionais que
deus conhece na Europa
onde V.L. esteve se aperfei-
çoando.

Recomendo para os
trabalhos da sua arte
a todos que desejarem
reformar e afinar seus
pianos.

Assugno-me com
apreço e consideração
Guiomar Novaes:
S. Paulo 14.01.914

Alfaiataria Guarany

Manufactura especial de
roupas para homens e
meninos

Carlos Camara

Importação directa de
Cazemiras Inglezas e
Francezas

RUA DO SEMINARIO N. 17
São Paulo

Pensão Mello

Franco

Estabelecimento de primeira ordem. Exclu-
sivamente familiar. Recebe pensionistas
internos, externos e hospeda famílias do
interior.

Preços Modicos

Diarias de 5\$ a 7\$

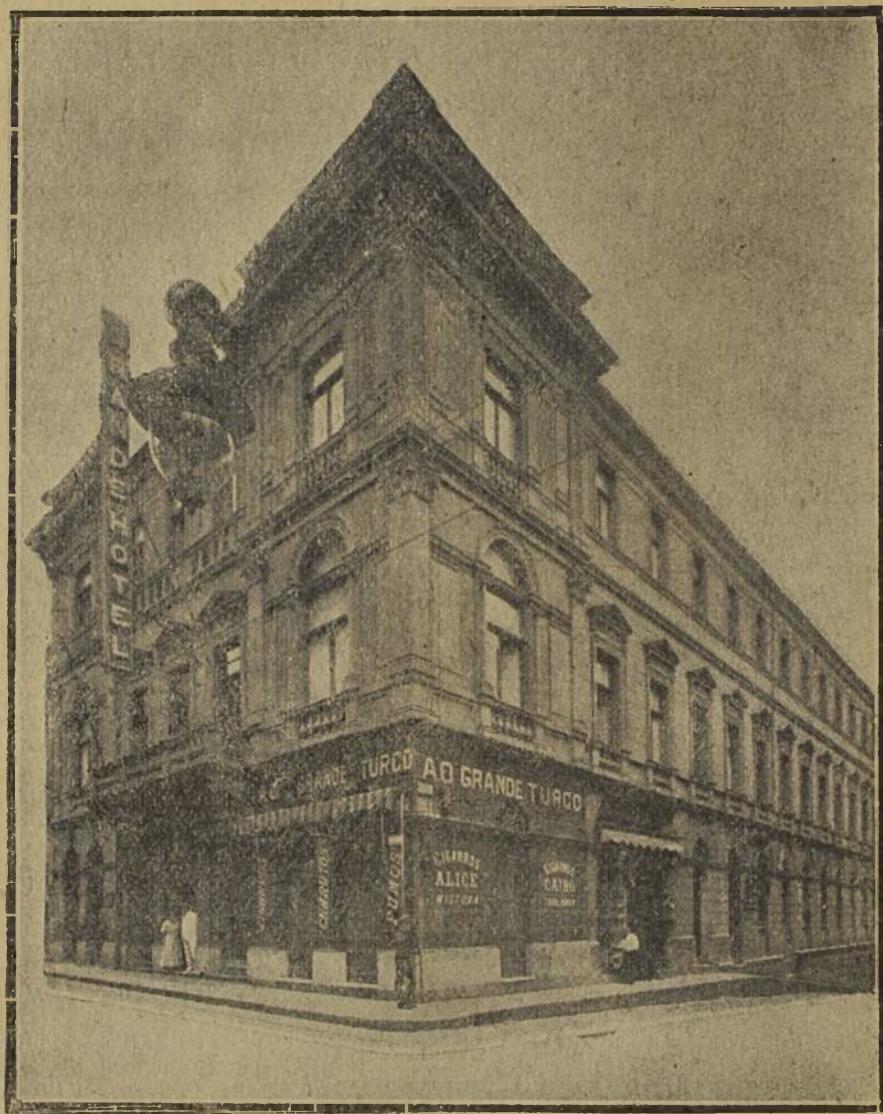
Fornece comida a domicilio

Avenida Luiz Antonio N. 59

Proximo ao Largo S. Francisco
(Centro da Cidade)

Telephone N. 5.240

GRANDE HOTEL



O hotel mais antigo e acreditado do centro da cidade
APOSENTOS VASTOS E LUXUOSOS

Ordem e moralidade absolutas - Serviço irrehrensivel —

Rua de S. Bento N. 49

Caixa Postal N. 49
Telephone N. 834

SÃO PAULO

Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO



Vicente Lattuchella
Alfaiate

RUA BOA VISTA 56

S. PAULO

Caixa Postal, 962 - Teleph. 4305 - End. Telegr. "DOSMAN"
Rua Boa Vista, 44 ————— SÃO PAULO

CASA DODSWORTH

COSTA, CAMPOS & MALTA

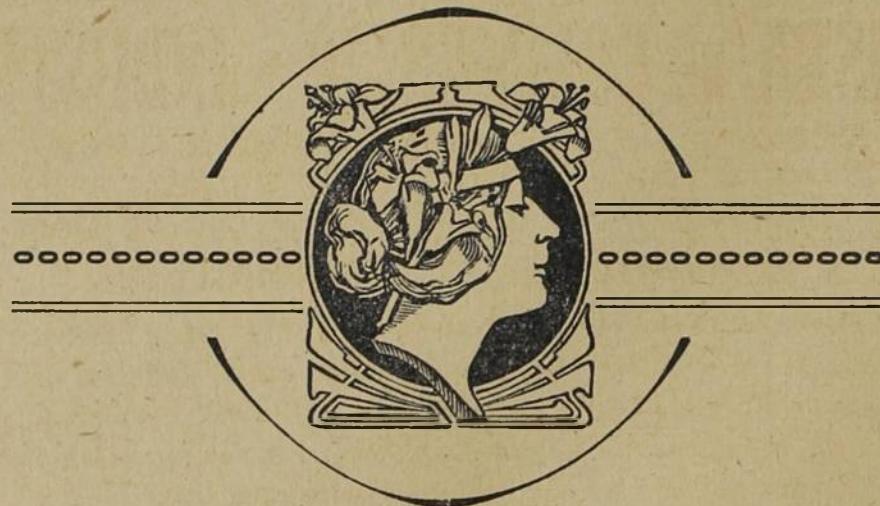
ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Instalações Electricas, de Força e Luz, Telephonica, Telegraphia, Usinas Hydro-Electricas. Material de alta e baixa tensão, Turbinas, Geradores, Motores, Transformadores, Medidores, Telephones. Fios e Cabos, Isoladores, e Accessorios. Grande Deposito de lampadas e material Electrico.

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

Ao Grande Occidente

Casa de Moveis e Tapeçaria
Manufactura de Moveis finos

Marques, Almeida & C.

Completo sortimento de moveis nacionaes e estrangeiros.
Tapetes, Capachos, Colchões, Acolchoados, Cortinas, Cor-
tinados e tudo mais concernente a este ramo de negocio.

Mátriz: RUA LIBERO BADARO' N. 51 — Telephone N. 932

Filial: RUA DE S. JOÃO N. 97 — Telephone N. 4643 — São Paulo

"REVISTA DE COMMERÇIO E INDUSTRIA"

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DO COMMERÇIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

A revista commercial de maior circulação no Brasil

A MAIS COMPLETA, A MAIS UTIL, A MAIS INTERESSANTE.

Assignatura Annual: 10\$000

PUBLICA ARTIGOS SOBRE Sciencia do Commercio, Technica do Commercio e da Industria, Contabilidade, Escripturação, Politica Commercial, Geografia Commercial, Finanças, Sciencias Economicas, Estatistica Commercial, Industrial e Agricola, Direito Commercial, etc.

INFORMAÇÕES COMPLETAS SOBRE Legislação commercial, Jurisprudencia commercial, Alfandegas, Bolsa, Actos e Resoluções do Governo, Junta Commercial, Movimento Bancario, Movimento Maritimo, Movimento dos Mercados, Fretes, Transportes, etc.

Verdadeira e completa encyclopedie commercial - Unica no Genero

Assignaturas e venda avulsa: Livrarias ALVES e GARRAUX

Editores: OLEGARIO RIBEIRO & Co.

Redacção: RUA DIREITA, 27 (1.º andar) -- S. PAULO -- Officinas: RUA DR. ABRANCHES, 43

CAIXA, 1172 — TELEPHONE, 1908

Placas Esmaltadas e de Metal

Massucci Petracco Nicoli

Gravuras, Carimbos de
Borracha, Formas para
Sabonete

TELEPHONE N. 3641

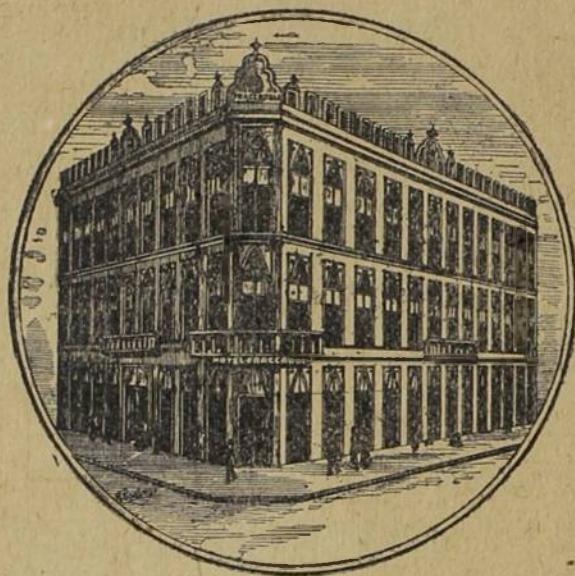
Escriptorio: R. Florencio de Abreu, 52

Fabrica: R. dos Alpes, 79

S. PAULO

Hotel Fraccaroli

*Antigo Hotel
Roma*

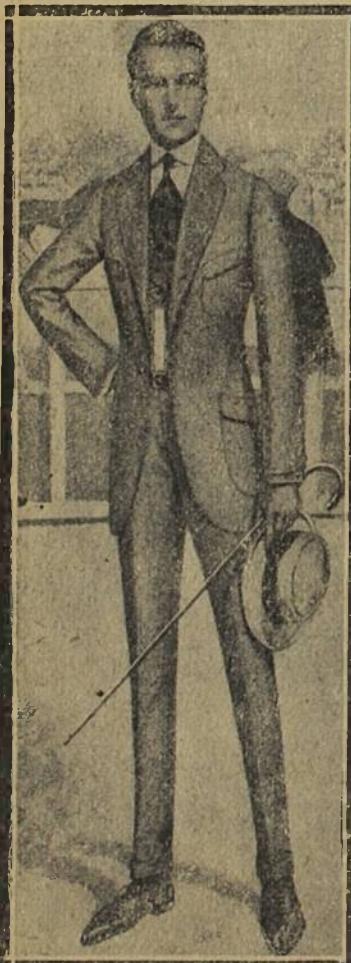


Em frente á
Estação
da Luz

60 quartos
elegante-
mente mobiliados

Diaria:
8\$000 e 9\$000

Rua Mauá N. 121-A : S. PAULO



CASA AVOLIO

♦♦♦♦ Alfaiataria e Camisaria

Importação Directa

Ternos sob medida desde
Rs. 45\$000 até 140\$000

Luiz Avolio

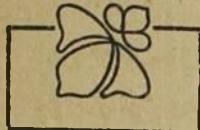
Sua Anhangabáhu, 6

Telephone, 1510 =

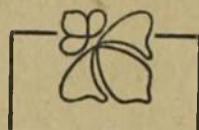
SÃO PAULO

Confecções
para homens

CASA DE
1.^a ORDEM



Secção espe-
cial de
vestidos
:: GENRE
TAILLEUR
para Senhoras
e Moças



ALFAIATARIA
Louvesso

Ultima creaçao da casa

Rua Boa Vista, 52 (sobrado)

Teleph. Central, 5379 = São Paulo

Empreza Cinematographica Pinfildi

EMPREZA

estabelecida exclusivamente
para a compra, venda e alu-
gueis de films

.. ..

AGENTES EM TODOS OS ESTADOS DO BRASIL

Escriptorio e Deposito Central:

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 49, 49-A E 49-B

Telephone, 3196 :: Caixa Postal, 22
Endereço Telegraphico: "PINFILDI"

S. PAULO

SUCCURSAL:

Rua 13 de Maio N. 43 (sobr.)
RIO DE JANEIRO

Industrias de Esmaltação

**ENAMEL
INDUSTRIES**

FABRICA DE FERRO ESMALTADO E FUNDIÇÃO

Placas esmaltadas, Numeros, Letreiros, Fogões
economicos esmaltados, Caixas de descarga,
Latas frigorificas

M. Boeris & Comp.

BREVEMENTE:

Fabricação de ferro Fundido
Esmaltado, Artigos Sanitarios
etc.

*Unicos Fornecedores da Prefeitura
Municipal da Capital do Estado*

Telephone N. 4794

Loja e Escriptorio:

Caixa N. 903

Rua Florencio de Abreu, 6-A - S. PAULO

**Fantazio Restaurante
de A. Seabra**

Rua José Bonifacio, 43-A
Esq. Largo Ouvidor
TELEPHONE, 4207

Esta casa offerece aos srs. freguezes o maximo asseio e rapidez, estando todo o serviço a cargo dos proprietarios. - Serviço á la carte a preços modicos. - Refeição avulsa 1\$000. - Todas as quartas-feiras, Feijoada completa á carioca.

Acceitamos pensionistas e mandámos pensão á domicilio

Especialidade em Vinhos de mesa e Licores nacionaes e estrangeiros

404 Marca ::
Registrada

Com a maravilhosa injecção seccativa e capsula 404, cura-se qualquer blenorragia. Quando tudo falhar este extraordinario preparado sempre triumphará. O unico allivio da mocidade inexperiente. Experimentae e vereis o effeito assombroso. Não ha blenorragia que resistira a esta assombrosa descoberta. :-; Vende-se em S. Paulo nas drogarias:

Barroso Soares & C., Baruel & C., Braulio & C., Figueiredo & C. e nas principaes pharmacias e drogarias desta cidade e de todo o Brasil.

Café Academico

Telephone, 1336

Café e Bar completo
Casa de 1.a ordem ::

Bernardino José Borges

Rua Direita, 53

S. PAULO

OFFICINAS DE OBRAS DE

“O ESTADO DE S. PAULO”

JORNAES, REVISTAS E TRABALHOS COMMERCIAES EM GERAL

Rua 25 de Março, 145 - Telephone N. 725

SECÇÃO ARCHIVO - S. PAULO

===== EDIÇÃO DA NOITE DO
“ESTADO DE S. PAULO”



Jornal moderno, de formato commodo,
publicando oito paginas diariamente
Insere telegrammas de ultima hora

ASSIGNATURAS - Anno 15\$000
6 meses. . 8\$000

Para annuncios:

Pedro Didier

RUA S. BENTO N. 61 (sala n. 5)

Valentim A. Harris & C.

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 45



Sociedade
Anonyma

Perfumaria Bizet

Perfumaria em geral, fabricadas com o maior
capricho e essencias de primeira qualidade

Relação de algumas especialidades da Perfumaria

“BIZET”

**Agua de Kolognia Russa, Loção tonica
“Jaborandina” Petroleo Oriental, Pós
para toilette, Talco “Mimoza” Tfntura
para cabello “Favorita”**



Caixa Postal, 1705

Escriptorio: Rua de S. Pedro, 50

Telephone Villa 1337

Fabrica: Rua Maria Amalia

(Transversal á do URUGUAY)

RIO DE JANEIRO

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor. Rodas de agua,
Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado
e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua Alvares Penteado N. 14
SÃO PAULO